



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
E LITERATURA



MAICON CERQUEIRA SANTOS

**O ACONTECIMENTO DO SER NORDESTINO E(M) (DIS)CURSO:
LÍNGUA, MEMÓRIA E HISTÓRIA**

Maceió
2022

MAICON CERQUEIRA SANTOS

**O ACONTECIMENTO DO SER NORDESTINO E(M) (DIS)CURSO:
LÍNGUA, MEMÓRIA E HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Literatura, na área de concentração Discurso: Linguística Aplicada e Processos-Textuais Enunciativos .

Orientadora: Profa. Dra. Débora Massmann

Maceió
2022

FICHA CATALOGRÁFICA**Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S237a Santos, Maicon Cerqueira.
O acontecimento do ser nordestino e(m) discurso : língua, memória e história / Maicon Cerqueira Santos. – 2022.
165 f. : il.
- Orientadora: Débora Massmann.
Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 163-165.
1. Análise do discurso. 2. História. 3. Identidade cultural. 4. Língua. 5. Memória. 6. Brasil, Nordeste. I. Título.
- CDU: 81'42:008(812/813)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

• MAICON CERQUEIRA SANTOS

Título do trabalho: "O ACONTECIMENTO DE "SER NORDESTINO" E(M) (DIS)CURSO: LÍNGUA, MEMÓRIA E HISTÓRIA"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

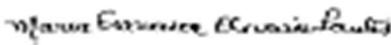


Prof. Dra. Dáborá Raquel Hettwer Massmann (PPGL/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dra. Andrea Silva Domingues (UFSC)



Prof. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGL/UFAL)

Maceió, 25 de fevereiro de 2022.

DEDICAÇÃO

A Jeová, O verdadeiro, único Deus Todo-poderoso, que me deu forças necessárias para terminar mais um caminho percorrido em minha vida.

À minha mãe, Maria Alves dos Santos, que me deu ajuda e inspiração necessárias para sobreviver diante de muitas pedras no caminho.

AGRADECIMENTOS

A Jeová, que me deu forças para sobreviver e lutar pelos meus ideais diante das inúmeras pedras e abrolhos no meio do caminho percorrido para chegar ao final da corrida.

À minha mãe, que muito me compreendeu e me deu forças para suportar as debilidades físicas e emocionais durante os momentos de tensão.

Aos meus irmãos na fé, que me consolaram quando passei por momentos de dificuldades emocionais e enfrentei as minhas dores mentais.

À professora Débora Massmann, que tem sido mais do que uma irmã para mim, por mostrar-me que sempre no final do túnel há uma luz.

A Júlio César da Silva que, perspicazmente, contribuiu para as reflexões que tenho feito sobre a análise de discurso.

A Thiago Lima que, pela simplicidade, me faz ver que o intelectual deve desprender-se das vaidades e ser acessível.

À minha amiga de trabalho, Gleide Sandra, que muito me apoiou e me incentivou a caminhar pelas palavras em seu pleno devir.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas, por acolher-me em seus mais lindos jardins cheios dos mais belos frutos do conhecimento, apesar de viver ao redor do mundo que nega à ciência e desaparelha quem a produz.

RESUMO

Este estudo faz uma análise dialógica do acontecimento do ser nordestino em gêneros verbo-visuais. Tem por objetivo investigar a forma pela qual a identidade cultural dita nordestina e as representações sociais sobre o Nordeste e seus habitantes foram construídos nas charges jornalísticas veiculados pelos principais ornais espalhados no Brasil. Para atingir esse objetivo, realizamos uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico. Seleccionamos trinta e dois chargistas de diferentes partes do país, famosos por suas obras artísticas e por formar opiniões através de gêneros opinativos imagéticos. Adotamos para as análises o método dialógico do discurso, por compreender a sua proficuidade ao explorar aspectos subjetivos que envolvem a linguagem. Para fundamentarmos teoricamente este estudo, consultamos a teoria da identidade cultural, proposta por Castells (2018), a teoria da hibridação cultural, de Canclini (2015), e a teoria da dialógica cultural, de Morin (1991). Por se tratar de uma abordagem discursiva sobre o tema, adotamos, principalmente, a teoria da análise dialógica do discurso, de Bakhtin (2016). Durante as análises, observamos o uso das narrativas de identidade cultural por parte de grupos elitistas locais e nacionais na sociedade e vimos quão estão carregados de construções sociais nefastas, com fins políticos e ideológicos, sobre o Nordeste. Concluímos que as charges constroem narrativas culturais que operam na manutenção do poder da mídia local, nacional e de grupos políticos locais e nacionais, além de espalhar construções sociais perturbadoras para a sociedade brasileira acerca do Nordeste e de seus habitantes com a finalidade de descaracterizá-la. Ademais, a presente pesquisa aponta para uma necessidade de chargistas, como jornalistas opinativos, cultivarem empatia pelo próximo, responsabilidade moral perante os seus leitores ao produzirem a charge como texto artístico e, em especial, evitem propagar os discursos de xenofobia, preconceito e, sobretudo, de intolerância arraigados na sociedade. Espera-se que a presente pesquisa contribua para uma compreensão da chamada identidade nordestina e do objetivo de sua propagação no ciberespaço no século XXI.

Palavras-chave: Discurso; História; Identidade cultural; Língua; Memória, Nordeste.

RESUMEN

Este estudio hizo un análisis dialógica del acontecimiento del Noreste brasileño en géneros verbo-visuales. Su objetivo es investigar la forma en que la identidad cultural y las representaciones sociales sobre el Noreste y sus habitantes se construyeron en las caricaturas e historietas periodísticas difundidas por los grandes periódicos dispersos en Brasil. Para lograr este objetivo, realizamos una investigación documental y bibliográfica. Hemos seleccionado treinta y dos humoristas gráficos de partes distintas de Brasil, famosos por sus obras artísticas y por sus opiniones sobre los asuntos cotidianos por medio de los géneros visuales. Adoptamos para los análisis el método dialógico del discurso, a causa de su perspicacia en las investigaciones de los aspectos subjetivos que involucran el lenguaje. Para realizar racionalmente este estudio, consultamos la teoría de la identidad cultural, propuesta por Castells (2018), la teoría de la hibridación cultural, de Canclini (2015) y la Teoría dialógica cultural de Morin (1991). Debido a que es un enfoque discursivo sobre el tema, adoptamos principalmente la teoría de Bakhtin del análisis del discurso dialógico. Durante los análisis, detectamos el uso de narrativas de identidad cultural por parte de grupos elitistas locales y nacionales en la sociedad y comprendemos cómo están cargados de construcciones sociales nefastas sobre el Noreste Brasileño, con fines políticos ideológicos. Concluimos que las caricaturas construyen narrativas culturales que operan en el mantenimiento del poder de los medios de comunicación locales y nacionales y grupos políticos locales y nacionales, ya que difunden inquietantes construcciones sociales para la sociedad brasileña sobre el Noreste y de sus habitantes con el propósito de menospreciarlos. Además, esta investigación apunta a la necesidad de que los caricaturistas, como los periodistas opinantes, cultivar la responsabilidad en su arte para evitar difundir los discursos de xenofobia, prejuicios y especialmente de intolerancia intolerante Sociedad.

Palabras-clave: Discurso; Historia; Identidad cultural; Lengua; Memoria; Noreste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- O bafômetro de cada.....	73
Figura 2- Vou me mudar pra São Paulo.....	76
Figura 3- O preconceito e a charge	79
Figura 4- Xenofobia na internet	82
Figura 5 - O cão tarado.....	84
Figura 6 - O Nordestino do Pijama Listrado.....	86
Figura 7- Misture um pouco de água... ..	89
Figura 8- A culpa é do Nordeste... ..	91
Figura 9- Eleitorado Nordestino.....	92
Figura 10 - Pode começar a morrer vaquinha... ..	93
Figura 11- Volta dos coronéis	98
Figura 12- Retirantes.....	102
Figura 13- Médicos estrangeiros em treinamento	105
Figura 14- Charges e montagens reúnem críticas e apoio ao programa Mais Médicos	107
Figura 15- Um Nordeste cada vez mais seco	109
Figura 16- Dilma e os governadores	113
Figura 17- Apagão atinge nove estados do Nordeste.....	115
Figura 18 - Arraiá da Dilma	117
Figura 19- Estamos aqui.....	119
Figura 20- Verbas para os nordestinos.....	121
Figura 21- Tem uma paulista	123
Figura 22- Debates culinários... ..	126
Figura 23- Sobe o som.	130
Figura 24- Nordeste	131
Figura 25- Cartum.....	132
Figura 26- Vidas secas	133
Figura 27- Verbas para as enchentes.....	134
Figura 28- Viva muié!.....	135
Figura 29- CBF doará R\$ 100 mil às vítimas do furacão Sandy.....	136
Figura 30- Saudades.....	138
Figura 31- Nunca no Sudeste.....	138
Figura 32- Eu vou voltar... ..	140
Figura 33- Fugindo da Seca	141
Figura 34- Bolsa Família terá um corte de 10 bilhões	142
Figura 35- Medo.....	143
Figura 36- Entreouvindo naquela roda de capoeira	145
Figura 37- Vai um acarajé?	146
Figura 38- Aaaaaahhhh!	147
Figura 39- Bando	149
Figura 40- Lula tenta afastar sua imagem dos problemas do governo.....	151
Figura 41- Todo mundo aí.....	153
Figura 42- Dia de Santo Antônio	156

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- 2010, 2º turno	123
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CPMF	Contribuição Provisória De Movimentação Financeira
DEM	Democratas
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística
NOS	Operador Nacional de Sistema Elétrico
ONU	Organizações Das Nações Unidas
PFL	Partido da Frente Liberal
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PPS	Partido Popular Socialista
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSDB	Partido Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SD	Solidariedade

SUMÁRIO

1. MEMÓRIA, HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA: CONSTRUÇÕES SOBRE O NORDESTE	30
1.1 IDENTIDADE CULTURAL E(M) (DIS)CURSO.....	34
1.2 O PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO	35
1.3 A DIALÓGICA CULTURAL	40
2.1 A ABORDAGEM DIALÓGICA DISCURSIVA DA LINGUAGEM	46
2.2 SOBRE A PALAVRA.....	47
2.3 SOBRE A NOÇÃO DE ENUNCIADO	50
2.4 SOBRE A NOÇÃO DE HETEROGLOSSIA	57
2.5 SOBRE A NOÇÃO DE CRONOTOPO.....	63
2.6. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	66
2.6.1. O gênero charge jornalística	66
2.6.2 Procedimentos	70
3 O NORDESTE E OS NORDESTINOS – A NARRATIVA SOBRE CULTURA E IDENTIDADE EM CURSO NO CIBERESPAÇO JORNALÍSTICO	72
3.1 AS NARRATIVAS CHARGÍSTICAS SOBRE OS ELEMENTOS CULTURAIS DO NORDESTE	72
3.1.1 As representações dos habitantes.....	72
3.1.2 As representações da terra	93
3.1.3 As representações da cultura	116
4. A MEMÓRIA DISCURSIVA NAS CHARGES – O QUE AS NARRATIVAS DIZEM SOBRE OS NORDESTINOS	129
4.1 . O CRONOTOPO IDÍLICO OU CAMPESTRE.....	129
4.2 O CRONOTOPO DA VIAGEM E DA MUDANÇA	137
4.3 O CRONOTOPO POPULAR OU MÍTICO	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	164

INTRODUÇÃO

Todos nós precisamos da língua para viver e nos relacionarmos socialmente. É graças a ela que conhecemos o mundo que nos cerca. Nota-se, portanto, que é por causa dela que não somos tão somente seres biológicos e passamos a existir na relação com a cultura, a história e o meio social. E é devido a esse constante diálogo entre língua, cultura e sociedade que o mundo se movimenta e se transforma.

Nós somos o que somos em pleno devir. Considerar que o homem é, em seu completo devir, sua singularidade real, levando-se em conta o seu processo de conhecer e reconhecer-se no mundo. É antever-se nos juízos de valores. Assim, a constituição de sentidos, na linguagem e pela linguagem, torna-se uma atividade de comunicação e interação inesgotável. E, nessa tessitura de sentidos, que circulam socialmente, através da linguagem, que as identidades se formam em redes.

Em pleno século XXI, na era da tecnologia, a humanidade inaugurou novas formas de comunicação através de um sistema digital universal. Esse sistema funciona através de palavras, enunciados e textos verbo-visuais, servindo como espaço de tensão entre comunidades culturais. O sistema da informação, ao mesmo tempo que molda, é moldado pelas pessoas e suas respectivas vidas. No geral, as comunidades identitárias, culturais, políticas tendem a depender da cobertura direta da mídia, o que acarreta mergulhar as pessoas em sentidos construídos pelo que são ou pelo que acreditam ser ou são conduzidas a acreditar.

É, em especial, esse contexto enunciativo-discursivo que nos interessa observar o aparecimento e a construção da(s) identidade(s) nordestina(s) nas mídias digitais, no Brasil, nestes últimos anos. Quais representações desse ser nordestino circulam nas mídias digitais na contemporaneidade? Quais são as implicações dessas representações para a comunidade nordestino-brasileira no contexto de uso generalizado do ciberespaço nas sociedades? Essas têm sido perguntas insistentes no contexto histórico em que vivemos, em que a disputa pelo poder na era digital e pela informação torna-se acirrada e violenta. Por isso, investigaremos, neste trabalho, as produções identitárias sobre/dos nordestinos em charges e cartuns divulgados nos jornais eletrônicos do Brasil, circunscrevendo o período de 2010 a 2015.

O interesse por essa questão surgiu entre os anos de 2010 a 2015 por termos visto, recorrentemente, em diversos meios de comunicação televisiva e mídias digitais, a referência à temática a respeito do nordestino e da nordestinidade, devido aos polêmicos

comentários em plataformas como o Facebook e Twitter sobre os nordestinos e o Nordeste, bem como as manifestações de jornalistas, chargistas e cartunistas ao fato dito e aos acontecimentos políticos, relativos à Região Nordeste e aos seus personagens, como protagonistas.

Ao considerar o interesse midiático em todo o Brasil pela identidade nordestina, partimos da relevância dos dizeres dispersos na sociedade brasileira sobre a comunidade discursiva nordestina, a qual será estudada em sua dimensão intersubjetiva e no contexto de sua historicidade. Aqui, cabe destacar que, para Bakhtin (2002), todos os atos de linguagem do ser humano constituem-se em textos em potencial.¹ Não existe enunciado que não esteja impregnado das palavras de outrem e de seus acentos apreciativos. Além disso, todo o enunciado encontra-se sempre em relação dialógica com outros enunciados, proferidos em qualquer tempo ou espaço, razão pela qual mensuramos o dialogismo como um conceito extraordinário para o instrumental teórico-metodológico de nosso estudo.

Assim sendo, todo enunciado/discurso detém um caráter responsivo em relação a outros enunciados/discursos, expressando as visões de mundo e as opiniões sobre assuntos cotidianos. Partindo dessas noções bakhtinianas, perguntamo-nos em que medida o brasileiro incorpora o discurso midiático produzido sobre o ser nordestino como se fosse próprio e quais os sentidos produzidos pelos chargistas nos discursos sobre identidade nordestina presentes em gêneros imagéticos e opinativos que são propagados nos jornais, revistas e sites jornalísticos.

Sabe-se que já se escreveu abundantemente sobre os nordestinos brasileiros até a atualidade. Por exemplo, Rego (2015) descreveu a imagem do sujeito nordestino abrigado em terras nordestinas no romance *Teodoro Bicanca*, do ponto de vista da Análise do Discurso Francesa. Em sua pesquisa, abordou que o homem, no romance, é fruto de um ambiente marcado por características peculiares, rompendo com imagens pré-definidas, deixando de ser um sujeito desconectado da história, engendrando sentidos mediante o trabalho simbólico.

Silva (2016), por sua vez, investiga as implicações jurídicas relacionadas ao exercício da liberdade de expressão no ciberespaço, quando eleitores expressaram discursos de ódio na plataforma midiática *Tumblr*, sob a representação do enunciado “*esses nordestinos...*”. Nesse enunciado, a referida autora observa o incômodo demonstrado pelos

¹ A palavra *ato*, usada aqui, refere-se a atividades repetíveis e comuns de uma atividade específica (SOBRAL 2013, p.11).

enunciadores com os problemas sociais atribuídos à região, tais como: fragilidades na educação, pobreza, desigualdades no acesso a oportunidades, ao mesmo tempo que revelam o preconceito racial e de classe em relação à população nordestina.

Nesta pesquisa, estudaremos os discursos sobre a identidade cultural nordestina e como as construções sociais sobre o Nordeste e seus habitantes são concebidas em gêneros jornalísticos imagéticos opinativos, as charges e os cartuns, especificamente, veiculados em jornais eletrônicos no período de 2010 a 2015. Esta pesquisa pode contribuir para uma compreensão da denominada identidade nordestina e do objetivo de sua propagação no ciberespaço na contemporaneidade.

Para dar conta da observação desse fenômeno, o objetivo geral deste estudo é, pois, compreender a forma pela qual a identidade cultural nordestina e as representações sociais sobre o Nordeste e seus habitantes são construídas nos gêneros “charges” e “cartuns”, veiculados pelas mídias (jornalística/web) durante o recorte temporal de 2010 a 2015. A partir desse propósito, buscamos, como objetivos específicos, identificar, analisar e interpretar as linguagens (a heteroglossia e sua dialogização) que circulam nos diferentes espaços da web e descrever as diferentes situações enunciativas imediatas e os contextos socioculturais, político-econômicos e históricos nos quais está circunscrito o acontecimento do *ser nordestino*.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo discute as condições de produção dos discursos da/sobre a identidade nordestina no século XIX ao XXI e como as teorias da identidade cultural ajudam-nos a compreender essas construções de sentido. O segundo capítulo aborda os pressupostos teóricos da análise dialógica do discurso e os procedimentos metodológicos usados nesta investigação. No terceiro capítulo, propõe-se uma análise discursiva acerca das narrativas do/sobre o Nordeste presentes nas charges e cartuns que versam sobre esse espaço regional. Por fim, o quarto capítulo mostra a memória discursiva que aparece os atuais discursos do/sobre o Nordeste nesses gêneros imagéticos e opinativos que circulam em alguns jornais da web.

1. MEMÓRIA, HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA: CONSTRUÇÕES SOBRE O NORDESTE

A história do Nordeste e de seus habitantes é povoada de vozes múltiplas, olhares e inúmeras histórias formuladas e recontadas no decorrer do tempo. Falar sobre a região, desconsiderando essas variadas vozes a seu respeito, como se ela sempre existisse ao longo do tempo, é voltar para o ciclo insistente de naturalizar, generalizar as diversas identidades atribuídas ao território e aos seus habitantes.

O interesse pela criação de identidade nacional, aliada à fragmentação territorial no Brasil, se inicia no final do século XIX e no início do século XX. Surge, nesse espaço histórico, um regionalismo provinciano e prolixo como parte de uma construção identitária cuja percepção do espaço físico do Brasil se diferenciava do que se pregou no início do século XIX, quando o Brasil se estabelecia como nação independente política e culturalmente de Portugal. No período de transição de um século a outro, o Brasil passa por mudanças substanciais nos campos econômico e técnico, como a industrialização, a urbanização, o fim da escravidão e o crescimento do que se chama de Centro-Sul, havendo notório destaque para o estado de São Paulo (ALBUQUERQUE, 2011, p. 52).

Nas províncias do Norte, surge uma crise econômica acentuada, cujas consequências são problemas na adoção de tecnologias avançadas para a realização de suas atividades econômicas. Além disso, há a debilidade mercadológica para assegurar uma mão de obra suficiente para o desenvolvimento do labor; tudo isso é acentuado por uma dependência política e econômica às áreas mais prósperas do país (ALBUQUERQUE, 2011, p. 53). É nesse emaranhado de dificuldades e crises estabelecidas em que se mobilizam as diversas áreas do saber para compreender a complexidade cultural e geográfica do país. Observa-se que o naturalismo das ciências tentava explicar as diferenças de hábitos, costumes, práticas sociais e políticas como um reflexo da natureza, da raça e do espaço.

As distâncias, a deficiência acentuada dos meios de comunicação e os transportes no Brasil e o índice mínimo de migrações entre o Norte e o Sul foram fatores que contribuíram, paulatinamente, para a divulgação de imagens sobre os costumes, os espaços geográficos e as pessoas da região Norte. A mídia desse período não era especializada, como atualmente, na busca de informações. Parece-nos que todas as notícias chegavam ao jornalista através de denúncias e de descrições elaboradas por chefes locais e de olhares parciais de quem desejava, de alguma forma, se beneficiar com os acontecimentos. Por

exemplo, o jornal *O Estado de São Paulo* divulgava artigos, cujos títulos eram “Impressões do Nordeste” em detrimento de colunas intituladas “Impressões de São Paulo”, com o objetivo de contrapor a formação étnica de um espaço em detrimento de outro, valendo-se de imagens estereotipadas (ALBUQUERQUE, 2011, p. 57). São Paulo era descrito como um lugar vazio, que recebeu paulatinamente uma população europeia. Era a tentativa de formar uma imagem de São Paulo como cidade idônea, onde a escravidão e o genocídio de inúmeras tribos indígenas tivessem apagamento. Em contraposição, o Nordeste era descrito como abrigo para escravos, negros, índios e mestiços, um espaço desprovido de riqueza e fertilidade, cheio de contradições e mistérios.

Ademais, a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) contribuiu para o afastamento de uma sensibilidade romântica e realista, cujo olhar era para uma tropicalidade exótica brasileira e para as raças como fator primordial para o atraso da sociedade e da cultura do país (ALBUQUERQUE, 2011, p. 53). Nesse ínterim, a forma de perceber artisticamente o mundo ao redor se transforma, enquanto intelectuais brasileiros, como Oswald de Andrade, Lasar Segall e Anitta Malfatti, promovem as estéticas vanguardistas da Europa e concentram toda a produção artística no polo Rio-São Paulo, de modo a rechaçar a diversidade regional brasileira.

Esse esquecimento do resto do país impulsiona um grupo de intelectuais da região Norte, mais tarde chamada de Nordeste, liderados por Gilberto Freyre, a lutar contra a hegemonia cultural do eixo Rio-São Paulo. Esse grupo de intelectuais fixa tradições e hábitos “responsáveis” pela definição do ser nordestino (SANTINI, 2014, p. 118). É por essa orientação ideológica que o gênero “romance”, aliado a uma postura estética no que ficou conhecido como Modernismo de 30, adquire um *status* de suporte para uma observação crítica entre sujeito e sociedade. A esse manifesto estético na década de 30, subjaz o projeto político federalista de retalhar o território nacional em regiões porque valorizaria as particularidades da região denominada de Nordeste. Assim, tanto do Norte como do Sul, partem discursos locais sobre os espaços e fatores culturais localizados para compreender o Brasil em toda sua complexidade. Procura-se, assim, nas partes a compreensão do global e o estabelecimento de uma relação de superioridade de um espaço em detrimento da inferiorização do outro (ALBUQUERQUE, 2011, p. 53).

Na atualidade, observa-se que há uma construção de identidades da região nordestina nas diferentes mídias em pleno diálogo com as do passado, conforme descrevem Lima e Oliveira (2015, p. 501). Isso acontece em um contexto sócio-histórico distinto do passado.

Enquanto, no início do século XX, houve uma preocupação em regionalizar e fragmentar a nação, a recorrência aos traços culturais e às construções sociais refletem o contexto histórico de mudanças no cenário sociopolítico do Brasil. De acordo com Fausto (2015, p. 522), em outubro de 2002, o PT chega ao poder no Brasil sob a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, com 61% dos votos válidos. Lula foi o terceiro nordestino a assumir efetivamente um mandato de presidência no Brasil e o primeiro a vir da classe operária e da profunda pobreza (FAUSTO, 2015, p. 522). Isso se deu pelo fato de que o candidato conseguiu agregar um novo contingente de eleitores, proveniente da classe média de diversos setores da economia.

Seu governo se caracterizou pelos investimentos em políticas sociais, entre eles, o Fundeb e o Plano Nacional de Educação. O maior de todos foi o programa Bolsa Família, que unificou 4 programas de transferência de renda criados no governo anterior, ampliou o número de beneficiados, aumentou o valor e estendeu o programa para as famílias que possuíam jovens de quinze a dezesseis anos em idade escolar (ANDERSON, 2011, p. 32). Diante dos resultados, o programa legitimou-se contra a crítica da oposição, que o considerava uma esmola aos mais pobres e que tal programa desestimulava a população pobre a progredir na vida, além de assegurar uma nova clientela que fidelizaria o voto na troca do benefício (ANDERSON, 2011, p. 32-33). As críticas, de acordo com o historiador Fausto (2015, p. 534), “refletem uma boa carga de preconceito contra os pobres e a pobreza”.

Ademais, diminui a força de um direito líquido e adquirido e legalmente assegurado, diferente do que preconizou o coronelismo que marcou a formação social brasileira. Ao Bolsa Família, acrescenta-se a política de reajuste do salário-mínimo que aumentou ainda mais a distribuição de renda pelo governo às famílias mais pobres. De acordo com a PNAD 2006, quase 30% da população brasileira recebia algum benefício do governo federal, percentual que alcançava 45% das regiões mais pobres do país, entre elas, o Nordeste. Em 2009, não deixando escapar as aspirações da classe média, o governo, naquele período, lançou o programa “Minha Casa, Minha Vida”, proporcionando aos que possuíam uma faixa de renda menor ter a sua casa própria. Além disso, concedeu incentivo fiscal às instituições privadas de ensino em troca de concessão de bolsas de estudos aos estudantes mais pobres (FAUSTO, 2015, p. 535). Contudo, crises de grande repercussão marcaram o governo Lula e o de sua sucessora, Dilma Rousseff.

Ambos os governos foram marcados por inúmeros escândalos políticos de grande

repercussão. A primeira crise governamental foi o “mensalão”. O escândalo surgiu quando o deputado Roberto Jefferson (PTB) proferiu um discurso acusatório e afirmou que o governo, sem conhecimento do presidente, subornava deputados com pagamentos mensais para conseguir a aprovação de projetos. O principal alvo da acusação era José Dirceu, cujo mandato foi cassado pela Câmara dos Deputados (FAUSTO, 2015, p. 537).

Em 2006, surgiu mais uma polêmica, tendo, no momento, como centro o ministro da fazenda, Antônio Palocci, que se viu obrigado a deixar o cargo. O motivo de sua impopularidade e de queda foi a quebra de sigilo bancário, em um banco público federal, do caseiro de uma residência do ministro em Brasília. O rapaz declarou presenciar o ministro com garotas de programas e pessoas suspeitas de envolvimento ilícito quando era prefeito de Ribeirão Preto. No final do segundo mandato de Lula, em 2009, estourou o “mensalão” do DEM, cujo protagonista foi o único governador eleito do antigo PFL em 2006 (FAUSTO, 2015, p. 538).

Nos dois mandatos da sucessora presidencial de Lula, Dilma Rousseff, o Brasil, paulatinamente, mergulhou em uma crise capitalista, em uma das suas maiores dificuldades da história do país até aquele momento (PINTO et al., 2019, p. 03). Trata-se de uma crise que perpassou pela política e ressoou nas instituições. A crise ganhou um caráter tão estrutural que mesmo os instrumentos políticos e econômicos não se tornaram suficientes para geri-la. As forças sociais-representantes políticos e da burocracia estatal (procuradores e juízes) deixam de atuar nessa situação histórica de forma organizada e articulada e, quando se moveram, fizeram-no por interesses imediatos e dispersos (PINTO et al., 2019, p. 03). A dispersão se refletiu em ações como a “Lava-Jato”. Ela usa um mecanismo que declara uma guerra de todos contra todos (PINTO et al., 2019, p. 04). Os resultados da operação expuseram as relações burocráticas entre o Estado e o bloco de poder do capitalismo brasileiro (PINTO et al., 2019, p. 04). Essas alianças têm sido marcadas por operações não republicanas, como financiamento de campanhas partidárias, obras e mudanças regulatórias em prol dos interesses econômicos capitalistas. Ademais, a economia brasileira contraiu-se a partir de 2014, depois de um grande crescimento do PIB e redução da pobreza em anos anteriores. A retração dos investimentos ainda aumentou nesse período. Essa recessão provocou uma deterioração dos indicadores sociais, sobretudo, no emprego.

É diante desse contexto histórico e político, nessas condições de produção, que ressurgem as referências aos nordestinos e à região. Esse processo de significação que foi

sendo construído na história produz efeitos nas construções sociais e identitárias das diversas culturas coexistentes nesse espaço geográfico brasileiro. Ao nos referirmos à identidade, não podemos deixar de considerar as formas variadas de construção de sentidos implicadas em seu processo de constituição. Nenhum ser humano é desprovido de nome, idioma, cultura ou de alguma forma de identificação e de distinção com relação aos demais. Por conseguinte, se estamos falando de uma região² que se localiza em um espaço territorial, não podemos deixar de mencionar sobre identidade cultural. Entre alguns estudiosos das identidades culturais, estão Castells (2018), Edgar Morin (2002) e Canclini (2015). A seguir, apresentaremos as suas proposições sobre a cultura.

1.1 IDENTIDADE CULTURAL E(M) (DIS)CURSO

De acordo com Castells (2018), a identidade cultural é um processo de criação e de constituição de sentidos, a partir de atributos culturais inter-relacionados entre si, que prevalecem sobre uma coletividade ou um ser individual. Essa constituição ocorre de forma coletiva para concretizar uma individuação. De acordo com Castells (2018), embora a identidade cultural seja um processo que ocorra com os atores sociais de uma coletividade, ela se constrói através das instituições dominantes quando esses mesmos atores passam a alcançá-las contratualmente. Nesse caso, passam a constituir sentidos de acordo com os interesses na relação de poder.

Ainda de acordo com Castells (2018, p. 54), a identidade cultural emerge da história, das instituições produtivas e reprodutivas, da memória coletiva, das instituições de poder e da religiosidade, bem como da reorganização do espaço/tempo. Todo esse conjunto de variáveis é produzido pela coletividade, por indivíduos e pela sociedade. Ela se organiza de acordo com as tendências sociais e conforme a visão de espaço/tempo. Assim, a identidade cultural só pode ser construída pela disponibilidade do material cultural.

As identidades são construídas em uma relação de poder na sociedade (CASTELLS, 2018). Para o sociólogo espanhol, há três formas e origens de identidade: a identidade legitimadora, a de resistência e a de projeto (CASTELLS, 2018, p. 55-56). A identidade legitimadora é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de

² De acordo com Bourdieu (2007), uma região é o conjunto de representações e processos sociais que a constituem, e, ainda, um recorte de uma realidade. Para ele, ao mesmo tempo em que uma região divide e recorta um espaço, ela produz também categorias de interpretação dessa mesma realidade. (BOURDIEU, 2007, p. 191)

expandir e justificar sua dominação em relação aos envolvidos, os atores sociais. Por sua vez, a identidade de resistência tem por atores os que estão em condições estigmatizadas na lógica de dominação, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência baseados em princípios distintos dos atuantes nas instituições da sociedade ou antagônicos (CASTELLS, 2018, p. 56). Já a identidade de projeto constitui a construção de sujeitos, atores sociais coletivos. Nesse caso, a construção de identidade consiste em um projeto de vida diferente, talvez baseado em uma identidade oprimida, expandindo-se na tentativa de conseguir a transformação da sociedade. É claro que uma identidade não se constitui em essência e nenhuma delas encerra um valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. Nota-se que cada identidade é construída estritamente relacionada a um contexto social.

No caso deste trabalho, estamos mencionando também um território cujo caráter é regional. Por isso, a identidade territorial³ parece ser outro elemento preponderante na constituição dos sentidos do *ser nordestino* que se estabelece através da linguagem. Sobretudo, as pessoas interagem socialmente, formando diversas redes sociais. Da mesma forma, as identidades (linguísticas, raciais, étnicas) entram em contato com outras identidades (religiosas, regionais, nacionais), em um padrão totalmente diverso que dá margem para diferentes interpretações ou mesmo para comportamentos distintivos (CASTELLS, 2018). Assim sendo, o sentido parece ser um fator de construção relevante na constituição da identidade. Verificaremos nesta pesquisa se a identidade resulta de conflitos de interesses e valores na constituição do *ser nordestino* na linguagem.

1.2 O PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO

Tratando-se dos estudos culturais, Néstor Canclini (2015) ocupa-se com a questão da hibridação em estudos culturais e identitários, sobretudo em relação à América Latina. De acordo com o antropólogo argentino, o híbrido era um termo muito usado em textos da antiguidade para descrever processos de migração e de mestiçagem. Na atualidade, a hibridação está bastante associada ao desenvolvimento histórico da humanidade. Podemos tomar como exemplo desse processo a referência feita pelo autor, na introdução de seu livro *Culturas híbridas em tempos de globalização* (CANCLINI, 2015), quando o

³ De acordo com Castells (2018, p. 57), a chamada identidade territorial seria a integração entre espaço e cultura formando redes sociais com os seus vizinhos, construindo significado com outras fontes (organizações comunitárias, movimentos urbanos, etc.).

naturalista romano, que ficou conhecido como *Plínio, o Velho*, usou essa expressão para referir-se aos migrantes que adentraram a cidade de Roma. Historiadores e antropólogos como Laplantine e Nouss também se referiram a ela para descrever o processo de mestiçagem na região Mediterrânea, nos tempos da Grécia antiga (CANCLINI, 2015, p. 17-18).

Para Canclini (2015), a hibridação caracteriza-se por processos socioculturais cujas estruturas e práticas discretas existem de forma separada e combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2015, p. 19). Os processos socioculturais não podem ser considerados fontes puras porque se originaram de fontes híbridas. Canclini (2015) cita, por exemplo, o caso do *spanglish*⁴, uma espécie de segunda língua falada nos Estados Unidos por milhões de imigrantes mexicanos e de outros países da América Central e do Sul cujo uso também se tornou popular nos espaços cibernéticos. Para descrever o trânsito da hibridação, Canclini descreve que as formas mais heterogêneas de culturas dão origem a outras formas mais heterogêneas ou relativamente sem nenhuma *pureza* ou homogeneidade (CANCLINI, 2015, p. 20).

Outro exemplo é o caso do Brasil. Entre os séculos XX e início do XXI, constatamos marcas de hibridações diferentes. A hibridação cultural dos casamentos mestiços, a mescla de diferentes etnias e culturas na composição do que, hoje, conhecemos como cultura nordestina no Brasil, as figuras indígenas, a religiosidade sincrética brasileira e os fronteirios existentes em gêneros jornalísticos, como charges, cartuns e tirinhas. Esses são exemplos das hibridações culturais que marcam a sociedade brasileira. Os atores envolvidos nessas hibridações, os artistas e os grupos étnicos que realizam esses cruzamentos e os transformam em eixos conceituais de suas vidas e de suas atividades laborais não os fazem com objetivos meramente comerciais, tampouco em condições semelhantes aos processos que ocorrem nas cidades, onde “os migrantes instalam os seus cruzamentos, suas barracas de doces regionais, ervas medicinais” e proliferam isso tentando barganhar o provinciano com o transnacional (CANCLINI, 2015, p. 20). Na realidade, eles usam os processos de hibridação para tornar vivos costumes e formas de pensamentos frente ao processo de modernidade. Por isso, a maioria dos estudiosos da cultura, como é o caso de Canclini (2015), defende a ideia de que os estudos culturais não

⁴ O *spanglish* resultou da combinação do inglês com o espanhol, idiomas cuja origem a história linguística revela uma imensa dívida com o latim, árabe e línguas pré-colombianas.

sejam apenas resumidos às culturas e à hibridez, mas, sim, dedicados aos processos de hibridação. O estudo empírico desse processo interessa tanto a grupos hegemônicos como a grupos considerados populares, cuja intenção se revela tanto na linguagem como nas ações de apropriar-se das benesses da chamada modernidade (CANCLINI, 2015, p. 21).

Os estudiosos dos processos que rechaçam as observações baseadas apenas na hibridez rejeitam os chamados estudos de identidades, já que favorecem a produção da imagem de que as entidades culturais existentes sejam puras ou autênticas (CANCLINI, 2015, p. 22-23). Esses estudiosos veem a necessidade de registrar as diferenças nos entrecruzamentos. Não obstante, quando relacionamos as identidades culturais com as práticas culturais e geográficas (língua, tradições ou mesmo região) de um dado território, costumamos separar os estudos culturais da sua história e dos processos sociais associados a eles (CANCLINI, 2015, p. 23), o que nos conduz ao desrespeito pelas diferenças.

Nesse contexto, os estudos culturais mais heterodoxos e baseados no processo de hibridação sugerem que é impossível falar sobre identidade cultural apenas considerando características fixas ou considerando exclusivamente a cultura e a etnia de uma nação (CANCLINI, 2015, p. 23). Discutir, pois, as identidades, considerando esses atributos, é a maneira que grupos hegemônicos encontram para exercer poder e subjugar outros grupos na sociedade. (CANCLINI, 2015, p. 23).

Em geral, os estudos culturais sobre hibridação tendem a descrever as misturas interculturais. Contudo, os estudos sobre hibridação cultural têm por objetivo explicar as relações de causalidade nas estruturas discretas e ser úteis para interpretar as relações de sentido que se reconstroem nas misturas.

Ainda de acordo com Canclini (2015), os estudos culturais devem ser livres de fundamentalismos identitários. Para que os estudos culturais sejam efetivados dessa forma, estudos sobre hibridação devem se situar em outros tecidos conceituais, tais como a contradição, a mestiçagem, a transculturação e a crioulização (CANCLINI, 2015, p. 24-25). Ademais, o conceito de hibridação pode sugerir de uma rápida e fácil fusão de culturas, desconsiderando as possíveis contradições e aquilo que não se deixa hibridar. Por essa razão, quando se discute hibridação, muitos entendem que se trata de um processo pacífico entre as culturas e que sempre haja harmonia entre mundos fragmentados. No entanto, a realidade demonstra que, em alguns casos, o processo de hibridação também é conflituoso e desarmônico (CANCLINI, 2015, p. 25).

Por isso, quando realizamos estudos sobre os processos de hibridação, é necessário

entendermos a posição do sujeito a respeito das relações interculturais. Fazer um estudo assim permitirá ao analista do discurso compreender o processo de hibridação como uma construção de sentidos, uma hibridação que produz excluídos ou que pode nos subordinar, possibilitando o estudo das desigualdades culturais e das diferentes classes de poder e prestígios de uma sociedade (CANCLINI, 2015, p. 25-26). Portanto, parece-nos que uma teoria coerente e crítica da hibridação deva considerar o que pode ou não ser hibridado, analisar as tensões de sentidos, estabelecidas nesse processo (entre os sentidos estabelecidos no processo de hibridação, podemos citar os que conduzem aos processos discursivos de segregação e desprezam o multiculturalismo) (CANCLINI, 2015, p. 27).

As pesquisas sobre hibridação são úteis para caracterizar os contatos interculturais entre raças, etnias ou mesmo misturas entre o artesanal e o industrial, o popular e o culto, o escrito e o visual. Embora os estudos sociológicos e antropológicos tenham usado termos clássicos para indicar processos de hibridação comuns no decorrer da história (tais como: o sincretismo, a mestiçagem e a criouliização). Esses termos não dão conta da multiplicidade cultural. Eles são condicionados a aspectos biológicos (como a mestiçagem), os quais ultrapassam as alianças entre organizações ritualísticas (como é o caso do sincretismo, que mescla religião, produção artística ou conhecimentos de medicina) ou mesmo desprezam a confluência transcultural caracterizada pela desigualdade de prestígio e recursos materiais e passam a considerar essa transnacionalização como mera reconciliação intercultural (como é o caso da chama criouliização linguística) (CANCLINI, 2015, p. 28-29). Ademais, tais terminologias não dão conta dos novos processos de hibridação, por exemplo, as culturas de bairros e os estilos de consumo de gerações diferentes. A palavra hibridação dá conta das combinações de elementos étnicos e culturais, das combinações dos produtos tecnológicos avançados com os processos sociais modernos e pós-modernos (CANCLINI, 2015, p. 29).

Nesse escopo, pode-se afirmar que poucas ou nenhuma cultura podem hoje receber o título de estáveis, com limites precisos, baseados na ocupação de um território delimitado. Contudo, não existe liberdade irrestrita ou indeterminação das culturas ou dos processos de hibridação, que ocorre em situações ou condições históricas específicas, em processos de produção e de consumo cuja operacionalidade acontece sob coações. (CANCLINI, 2015, p. 29). Por isso, a pós-modernidade não foi considerada pelos estudiosos da hibridação como uma tentativa de superação da modernidade, mas como a exclusão de tradições superadas e seus fundamentalismos. Alguns pesquisadores, como foi o caso de Canclini

(2015), viram, nesse período, uma maneira de problematizar o que se conheceu como modernidade e de olhar os costumes e saberes como meios de desterritorialização e reconversão (CANCLINI, 2015, p. 30).

Além disso, estudar os processos de hibridações pressupõe falar também da rejeição a desses processos e dos movimentos de resistência a eles. Ao contrário do que se pensa, os movimentos de resistência aos processos de hibridação não se originam apenas nos fundamentalismos que se antagonizam ao sincretismo religioso ou à mestiçagem intercultural, mas começam de uma insegurança nas culturas e do orgulho etnocêntrico que essas inspiram nas pessoas. Vale ressaltar que é contraproducente para o pensamento dito moderno, aceitar a teoria da hibridação. Talvez tal rejeição seja pelo fato de que os pensamentos, ditos modernos, estejam habituados a contrastar variáveis, tais como: o civilizado e o selvagem, o nacional e o estrangeiro, o nordestino e o sulista. (CANCLINI, 2015).

Canclini (2015) sugere que, na atualidade, a fluidez e a momentaneidade das comunicações têm proporcionado o contato entre os elementos das culturas distintas. A intensificação da interculturalidade favorece intercâmbios e maiores mesclas do que em outros períodos históricos em contraposição à variedade de pertencimento que provoca as inúmeras tentativas de ordenar o mundo em identidades puras e em dualidades quase que divinizadas (CANCLINI, 2015, p. 33). Hoje, a mistura de culturas não requer grandes gastos ou mesmo viagens frequentes, basta ter um computador com acesso à internet, e criam-se as diferentes metáforas, as grandes narrativas históricas, cuja hibridação surge em movimentos culturais manifestados em diferentes construções de sentido. (CANCLINI, 2015, p. 36).

Observa-se, ainda, a concretização disso nas culturas ditas populares. A sua encenação e a exposição continuam a ser feitas como estratégias de revalorização e desvalorização de culturas locais para alterar alguns processos de hibridação, como a interação delas com as culturas hegemônicas para ambas circularem em diversas escalas de produção e consumo. Assim, os processos de combinação entre as produções locais (a hibridação endógena) tornam-se condicionados a um processo em poucas sedes transnacionais de administração de sentido social (hibridação heterônima) (CANCLINI, 2015, p. 37).

Os processos de hibridação são semelhantes aos processos de tradução. Em ambos os casos, há a necessidade de seguir aspectos metodológicos e teóricos para traduzir o mundo

e torná-lo possível à convivência em meio as suas diferenças. (CANCLINI, 2015, p. 39). Assim como no processo de tradução, cada uma das obras aceita o que se perde e o que se ganha da língua em tradução, na hibridação é semelhante. Nela, não há espaço para nomear as possibilidades ou não da hibridação em campos como a literatura e a arte no geral, independentemente dos aspectos sociais e econômicos dos envolvidos.

No processo de hibridação, há um contato direto entre culturas e uma troca de manifestações delas em um processo de dialogização, de troca de bens culturais. O próximo item discutirá como é possível essa troca de bens materiais e transformações em uma sociedade.

1.3 A DIALÓGICA CULTURAL

Para Edgar Morin (1991), a cultura é uma experiência e um saber construído, constância de construção de saber e experiência existencial em um processo de esclarecimento, “numa relação geradora mútua” (MORIN, 1991, p. 45), cuja relação de produção ocorre simultaneamente no mesmo espaço e com os mesmos agentes, fazendo com que as culturas sejam “aptas a abrir e fechar-se” (MORIN, 1991, p. 45), dando aos seus agentes e usuários, capitais cognitivos repaginados. Essa é uma visão de cultura, originadora de uma visão de mundo, um saber da sociedade acumulado em sua memória, resultado de múltiplas cognições e dimensões, as quais Morin (1991) define como “Dialógica cultural”, uma espécie de “comércio cultural feito de trocas múltiplas de informações, ideias, opiniões e teorias” (MORIN, 1991, p. 65). Desse modo, quanto mais essa dialógica for estimulada, mais ela interpenetra nas ideias de outras culturas e naquelas do passado⁵. Esse movimento dialógico conduz a um enfraquecimento dos dogmatismos e das intolerâncias, cuja competição e concorrência dão lugar a concepções e visões de mundo diferentes.

Essa dialógica aplica-se ao conhecimento de mundo e ao universo da cultura porque, para Morin (1991), a cultura é um capital vivo de conhecimentos adquiridos na coletividade e de experiências vividas, presentes na memória histórica e nas crenças da sociedade, cuja responsabilidade é a de ensinar, aos indivíduos, os seus estatutos (MORIN, 1991, p. 17). O referido autor se refere ainda ao Sistema Generativo, resultado de uma

⁵ *O método IV – As idéias: A sua natureza, vida, habitat e organização*. Portugal: Europa-América, 1991.

união de dois capitais: o técnico e o cognitivo como específico. O primeiro é fruto de uma chamada academia científica, e o segundo é inerente a cada grupo particular. Trata-se de um saber-fazer, difundido em sociedade, o qual compreende suas tradições, crenças e valores. A união desses capitais forneceria as normas, as regras e as regulações necessárias para as relações sociais e a perpetuação da sociedade (MORIN, 1979, p. 162). Portanto, a cultura deve ser vista não apenas como um conjunto de conhecimentos acadêmicos, acumulados por uma sociedade, mas também como um acúmulo de vivências, no qual as diferentes possibilidades do ser humano interagem entre si, um alimentando o outro, sem gerar os dualismos comuns (culturas elitistas *versus* subalternas). Essa interação, obviamente, não nega a possibilidade de uma dicotomia social e cultural. Não obstante, pensar a cultura como uma troca entre si é imprescindível para se entender o arcabouço cultural contemporâneo. Assim, parece-nos não ser mais aceitável considerar qualquer cultura apenas como expressão de uma sociedade passadista ou desconhecida da maioria de todos.

Para o autor, sempre existiram no mundo culturas múltiplas, originadas de várias mestiçagens que se irrigam ao mesmo tempo e se fecundam mutuamente. Atualmente, podemos nominar de riqueza cultural é a sua preservação e sua integridade. Para Morin (2002),

Todas as culturas possuem uma possibilidade de assimilar nelas aquilo que lhes é inicialmente estrangeiro, pelo menos até um certo limiar, variável segundo sua vitalidade, e além do qual são elas que serão assimiladas e/ou desintegradas (MORIN, 2002, p. 05).

Dessa forma, o autor parece sugerir que devemos preservar as identidades e as singularidades culturais simultaneamente, mas, como seres plurais, devemos hibridizar e dar vazão às chamadas mestiçagens. Morin (2002) reconhece ainda que isso é um desafio, porque as pessoas devem ser abertas para, ao mesmo tempo em que usufruem do conforto e das inovações tecnológicas do mundo capitalista, preservar traços importantes de sua cultura e de sua identidade (MORIN, 2002).

Nessa perspectiva, compreende-se com o sociólogo francês que há uma heterogeneidade cultural em que as pessoas são uma e simultaneamente múltiplas. Ele parte do pressuposto de que todas as culturas são importantes e de que cabe a nós, como cidadãos do mundo, preservar a intercomunicação das identidades planetárias. Em suas observações acerca da cultura, Morin (2002) afirma que ao nos transformarmos em cidadãos do mundo, passamos a ser vigilantes e respeitadores das heranças culturais

(MORIN, 2002, p. 06). Além disso, o pensador francês destaca que para manter uma cultura em atividade, a sociedade passa para as gerações seguintes o seu legado cultural sem sair da sua logicidade. Sabe-se que os indivíduos na sociedade engendram constante diálogos entre si que resultam em trocas de bens culturais e contatos.

2. POR UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: DISPOSITIVO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Em *Para uma filosofia do ato ético*, Bakhtin (1997) faz a mais importante reflexão sobre o acontecimento do ser, a responsabilidade por nossos atos de pensamento, linguagem e emoções. O filósofo russo questiona de forma bem original e direta a ética de um pensamento e as condições para que um pensamento seja ético. Na referida obra, Bakhtin (1997) alude às noções de único, unicidade e unidade em contraposição às correntes positivistas de sua época e suas respectivas visões acerca daquilo que é repetível e universal nas ciências positivas e que é reconhecido como verdades universais e válidas.

Para Sobral (2013), Bakhtin considera o termo ato/atividade e ato concreto⁶ para descrever atos físicos, não como o senso-comum interpreta ambos os conceitos, ou seja, como uma ação exercida sobre o mundo, de forma passiva, por um sujeito, mas, sim, de forma ativa. Bakhtin (1997) sugere que o movimento, o gesto, a experiência vivida, o pensamento e o sentimento são ações empreendidas por um sujeito no mundo real e inescapável de sua existência. Na busca de fundamentos em outras tradições filosóficas⁷, o autor considera o ato como uma potência, um acontecimento único.

Outras noções presentes nas obras de Bakhtin e o Círculo (1997; 2002) são responsabilidade e responsividade⁸. Nessa perspectiva, todo o ato humano é considerado uma ação concreta, intencional, praticada por um sujeito histórico. Para exemplificar, são os discursos produzidos por atores da comunicação midiática, veiculados através de charges, de cartuns e em outras mídias sociais, como *youtube* (há bastante uso na esfera jornalística). Todo ato concreto mencionado nesses gêneros e mídias traz consigo a ideia da responsabilidade e produz no outro uma responsividade. Para Bakhtin (1997, p. 18), a compreensão do dever passa pela compreensão do objeto “a atitude ou posição que devo tomar dele”. Assim, entendemos que uma charge, um cartum ou qualquer outro gênero

⁶ O ato é uma responsabilidade que o sujeito assume diante do outro pelo seu pensamento. Portanto, o sujeito responde por isso. É um sinal de que o sujeito se revela e assume totalmente e com integridade o pensamento. (AMORIM, 2016, p. 22-23).

⁷ Para Aristóteles, por exemplo, no seu Livro IX, *Metafísica*, ato é a realização da potência. O ato precede a potência porque somente com o ato é possível ter a possibilidade de tornar-se algo que Aristóteles chama de potência. O existencialismo, principalmente o de Jean Paul Sartre, faz considerações acerca da ética dos atos. No pragmatismo, vincula-se o conceito de ato ao de ação (SOBRAL, 2013, p. 15).

⁸ Esses são conceitos caros em Bakhtin e que estão intrinsecamente relacionados. Em *Arte e responsabilidade* (BAKHTIN, 2002), observa-se que ao mesmo tempo em que sujeito é responsável pelo que faz e diz, ele faz e diz em resposta a uma série de elementos presentes na vida como signos.

jornalístico pressupõe sempre uma compreensão e interpretação de um dado acontecimento do ser, em sua unicidade, o que requer uma participação ativa do criador e da responsividade do leitor (ouvinte). Isso significa que na expressão da forma/conteúdo, há sempre uma avaliação ativa por parte dos participantes envolvidos na comunicação.

O criador, envolvido no ato de concepção de um texto verbo-visual, é um participante ativo desse processo, da mesma forma que o leitor (ouvinte), no ato de recepção deste texto. No projeto discursivo da esfera jornalística, observamos uma impregnação de textos cujos traços verbais são inseparáveis das imagens. De acordo com Brait (2009, p. 02), ambas as linguagens têm a mesma importância na construção do diálogo e do sentido. No caso das charges e cartuns, a forma de composição, as perspectivas que as imagens ganham no papel aliado aos diálogos ou às legendas formam um mesmo enunciado concreto.

Se considerarmos o caráter enunciativo desses enunciados, observamos que todas as decisões envolvidas no ato criativo são engendradas em um contexto social e histórico, os quais influenciam seu agir situado. Por isso, o criador é o centro irradiador de significados na produção textual, em espaços legitimados socialmente, embora não seja o detentor dos sentidos que serão produzidos, a partir da leitura e da interpretação do texto verbo-visual, papel esse que cabe ao leitor. Para Bakhtin (1997), o criador insere-se em um espaço discursivo complexo e diverso por consequência seu tom emotivo-volitivo não coincide, necessariamente, com um dado conteúdo produzido, se tomado isoladamente. Isso significa que uma avaliação nunca pode estar dissociada de um contexto cultural que está integrado a uma vida única, como produto de uma ação concreta e viva, individual e real de um pensamento. A produção, como diálogo eterno, constitui os mundos, sensível e inteligível, na consciência viva, situada em um tempo e espaço determinados.

Os acontecimentos e os atos impetrados pela ação humana, sobre o mundo concreto das relações sociais, infunde no sujeito envolvido nos atos uma responsabilidade ética. Para Bakhtin, a responsabilidade ética é um dever moral que possibilita também uma discussão acerca da *responsividade*, desses sujeitos, pelos seus atos, sejam eles de pensamento, linguagem ou emoções. A produção em sua unicidade dos sujeitos é considerada, por Bakhtin (1997), de uma forma globalizante e envolve três aspectos: o ato responsável, o conteúdo do ato e a avaliação do agente da ação com respeito ao próprio ato.

Nesse contexto, é importante compreender também, no mundo da vida, a relação entre as dimensões ética e estética, perpassadas pelos valores, e reconhecer a sua

importância para uma análise do discurso que se pretenda dialógica. Do ponto de vista bakhtiniano (BAKHTIN, 1997), tais relações entre ambas as dimensões são situadas no tempo e no espaço. Nos enunciados contidos em charges e cartuns sobre nordestinos, o seu criador atua através da linguagem para opinar a um público. Isso representa um trabalho mais acurado na construção discursiva da linguagem.

A estética exotópica⁹ do chargista remete a uma reflexão sobre a questão da ética quanto à veiculação de determinados discursos, na esfera jornalística, bem como ao papel da mídia na sociedade. Para Bakhtin (1997), a palavra viva não conhece um objeto como dado, já que o simples fato de alguém falar sobre esse objeto já demonstra uma atitude sobre ele. Obviamente, essa atitude não é neutra, mas permeada por valores e opiniões.

Neste trabalho, estamos lidando com a formação de opiniões na sociedade, não tomamos em conta textos verbo-visuais isolados do contexto real e concreto. Analisaremos textos de gêneros opinativos porque compreendemos que não existe conteúdo isolado, mas conteúdo que se integra e se dialoga, já que as consciências¹⁰ sempre estão relacionadas entre si, em sua unicidade. Buscamos, neste estudo, compreender o processo interativo entre o chargista e o leitor, ou seja, os sujeitos ativos e responsivos, que se reconstruem no âmbito social (SOBRAL, 2013). Na arquitetônica¹¹ bakhtiniana, observa-se uma representação da totalidade de sentidos produzidos pelos diálogos nos discursos na enunciação única e irrepitível de cada um.

Assim, é importante considerar para este trabalho o todo arquitetônico relacionado ao excedente de visão. Nesse excedente, o eu e o outro estão em interação quando entre si. O eu e o outro quando estão em constante relação entre si a ponto de o sujeito enxergar mais o outro do que o próprio vê a si mesmo. É nessa eterna relação que os sentidos se constroem na esfera jornalística. Sobral (2013) afirma que a arquitetônica, em sua totalidade, situa-se em um contexto específico, no qual também pode-se formular as seguintes perguntas: Quem? Quando? Para quem? A procura pelas respostas introduz o agir humano e o avaliar.

⁹ A exotopia é mais um conceito importante para os estudos de Bakhtin sobre a estética. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2000) afirma que a organização é enriquecida pelo excedente axiológico do outro. Diante do outro, o sujeito está fora dele, vai até o outro, mas volta a si para compreender o outro. Apenas do seu espaço, único e singular é que o sujeito enxerga o outro e estabelece uma interação.

¹⁰ De acordo com Bakhtin (2017), a consciência existe como uma realidade da linguagem. Está ligada a uma visão de mundo e, portanto, permanece em interação social na assimilação de discursos alheios. A consciência é um fato socioideológico e sua lógica se estabelece na interação social entre os indivíduos.

¹¹ A arquitetônica é a construção e estruturação do discurso, cuja intersecção ocorre entre o material, a forma e o conteúdo. Na visão artística, a arquitetônica organiza o espaço e o tempo quanto o sentido.

A arquitetônica de uma obra envolve o conteúdo, o material e a forma. Sua integração, que forma a constituição do discurso, está impregnado de valor humano sobre um objeto específico. Bakhtin (1997) mostra-nos que há nesse valor humano um olhar exotópico, mas sempre voltado para o todo. Há uma contemplação estética na qual o outro surge, criado por um eu.

Esperamos que a análise de charges sobre os nordestinos proporcione reflexões sobre o papel da mídia na (re)construção de identidades, desse ser nordestino em sua unicidade no acontecimento.

2.1 A ABORDAGEM DIALÓGICA DISCURSIVA DA LINGUAGEM

Os estudos de Bakhtin (2002) sobre a linguagem, desenvolvidos ao longo de sua vida, revelam diferentes olhares para a produção de sentido. Para o filósofo russo (BAKHTIN, 2002), falar não é apenas uma atividade de expressão corriqueira, mas uma responsabilidade assumida pelo homem perante o mundo. Uma palavra não é apenas uma unidade linguística abstrata qualquer, mas é o *locus* no qual os discursos são elaborados, e as relações interpessoais se definem, ou seja, as relações entre o eu e o outro (BAKHTIN, 2006, p. 117). É na relação que a língua e a vida se encontram; assim, produzem-se as relações de sentido. Portanto, com a língua em movimento, adentrando todos os espaços de interação humana, é produzida uma rede de enunciados concretos¹².

Na concepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2000), a linguagem é uma atividade dialógica, heterogênea e sempre partindo do princípio de uma interação com o outro. Nessa visão, ao estudarmos a linguagem, questionaremos a ideia de *Adão mítico*. Assim, todo o discurso relaciona-se com outros discursos porque se constrói a partir de diálogos com discursos já proferidos. O princípio dialógico é inerente ao discurso. Em todos os caminhos, o discurso encontra-se na direção do outro e não deixa de participar de uma interação viva e tensa. É dessa forma que a linguagem vai sendo configurada: toda fala convoca a outras, em uma cadeia de enunciados na cadeia da comunicação verbal. Nas palavras de Bakhtin (2016), toda a comunicação verbal está repleta de *ecos* e lembranças de outros enunciados cuja ligação se estabelece pela esfera comunicativa do discurso.

É o elo discursivo mantido pelos enunciados, a resposta dos enunciados a outros

¹² Bakhtin (2016) define o enunciado como a unidade real da comunicação discursiva. Ele diferencia o enunciado concreto do enunciado da língua, como as orações. No item 4.3 deste trabalho, veremos uma melhor elucidação dessa categoria.

enunciados que conduzem os sujeitos aos encontros em um processo eterno de respostas, cuja compreensão poderá ser ativa por parte do outro. Os discursos e os diálogos entre os mesmos não surgem de um nada. Na teoria dialógica bakhtiniana (BAKHTIN, 2016), existe o outro cujo caráter é sempre dialógico, cujas vozes sociais¹³ são perpassadas por “suas” palavras. O princípio da dialogicidade, portanto, pressupõe uma relação ativa em relação ao outro, seja ele estabelecida em um face a face ou ainda no plano virtual. Para o filósofo russo (BAKHTIN, 2016), o que constitui os seres, em sua unicidade, e os discursos, é essa integração com os discursos alheios, “o discurso não é individual [...] porque se constitui como dois interlocutores, que por sua vez, são seres sociais [...]”. (BAKHTIN, 2005, p. 32).

A dialogicidade desenvolve-se através da linguagem, tornando-a plurivocal, repleta de acentos apreciativos distintos, envolvendo a relação do eu e do outro. Trata-se de vozes diferentes que compartilham posicionamentos distintos sobre os sujeitos envolvidos. Portanto, essa voz é entendida como nova e como a palavra alheia porque ela é, nesse percurso que palavra toma direção, capaz de produzir novos sentidos e participar do ato concreto.

A seguir, desenvolveremos os conceitos de enunciado, palavra, entonação, cronotopo e heteroglossia para observarmos como se constrói o discurso sobre a nordestinidade brasileira nas charges e cartuns nordestinos.

2.2 SOBRE A PALAVRA

A palavra recebeu uma atenção, durante séculos de seu estudo (tradicionalmente falando) da linguística e da filologia, desvinculada da realidade e dos sentidos adquiridos na história e na sociedade. Para exemplificar, podemos retomar os períodos históricos dos séculos XIX e XX. Nesses séculos, os estudos da linguagem ganharam significativos desenvolvimentos. Tanto nos estudos estruturalistas como nos estudos normativos (esses últimos baseado nos estudos greco-latinos), trabalhou-se a palavra em partes para analisar as flexões e declinações. A filologia, que também prosperava nesse período, descrevia a evolução histórico-fonética das palavras com intuito de apresentar, identificar e organizar

¹³ Em suas considerações acerca da linguagem, Bakhtin (2013) utilizou metáforas ligadas à oralidade (voz, tom, polifonia, entonação, etc.). Acerca do termo voz, Bubnova (2011, p. 276) afirma não se trata de uma produção vocal, mas de uma produção semântico-social, arranjada na palavra e no discurso, aproximando-se à opinião, ao ponto de vista e à postura ideológica.

as línguas em famílias e ramificações de acordo com suas origens; porém, todos esses estudos trabalhavam com a palavra de forma estática e descontextualizada da sua historicidade. Nesse mesmo período, surgem os estudos de Bakhtin e o Círculo sobre a linguagem.

Nos estudos do Círculo e do próprio Bakhtin, a linguagem é concebida em seu uso contextualizado, a palavra recebe uma feitura ideológica. Ela começa a ser relacionada à vida, à realidade e parte da interação dos falantes, é vista como parte de diálogos dos valores da sociedade e associada a uma valoração emotivo-volitiva dos participantes do processo discursivo.

Nesse sentido, Bakhtin (2017) expressa que a palavra, por si mesma, é neutra. A língua possui uma grande quantidade de recursos linguísticos, mas todos eles não expressam, obrigatoriamente, a avaliação emotivo-volitiva, axiológica e real. Todavia, todos os recursos linguísticos em seus mais diversos níveis – o sintático, o morfológico e o fonético – podem ser usados para a expressão de uma avaliação em um possível enunciado concreto. As palavras disponíveis no arcabouço da língua podem suprir qualquer falante e quaisquer juízos de valor por mais diversos e contrastados que sejam.

Como é possível perceber, não é da natureza de as palavras possuírem uma entonação expressiva. Quando adquirem uma entonação, deixam de ser palavra (no sentido linguístico) e constituem-se em um enunciado concreto. Em sua teorização, Bakhtin segue a reflexão dividindo os enunciados em dois tipos difundidos: um que ele chama de gêneros valorativos de discursos de elogios e outro que ele chama de gêneros de peso político, que são gêneros de caráter específico.

Ao teorizar a palavra em seus textos, Bakhtin (2013) dará uma atenção especial ao que ele chama de palavra bivocalizada. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2013), ele denomina de discurso bivocal. É nesse tipo de discurso que o filósofo trará os exemplos mais complexos de processos de diálogos, demonstrando as limitações da linguística, da poética e da estilística na sua forma tradicional. Para o autor, a palavra, em sua forma unívoca, soaria infantil, concluindo que toda a expressão da criatividade textual pressupõe sempre a palavra bivocal (BAKHTIN, 2017). Uma entonação irônica, por exemplo, soa a bivocalidade no seu aspecto mais primitivo porque se logra expressar uma nova avaliação a partir da voz do outro com uma acentuação modificada. Trata-se, pois, de uma manifestação da bivocalidade cuja ocorrência é comum até mesmo em eventos científicos, debates ideológicos etc.

Semelhante ao enunciado, a palavra não é a imagem ou expressão de algo que lhe preexiste. Cria-se algo inovador e irrepetível, algo sempre relacionado com um valor, obviamente que a partir de algo existente. A capacidade que a palavra possui de carregar juízos de valores é infinita porque as suas perspectivas são assim (BAKHTIN, 2017). Além disso, cabe lembrar que a palavra não é exclusiva e sempre pertencerá a uma teia dialógica. De fato, a palavra não pode ser única e, exclusivamente, pertencente ao falante. Bakhtin (2017, p. 34) afirma que ela “é interindividual. Tudo que é dito, o que é expresso se encontra fora da ‘alma’ do falante, não pertence só a ele”. Embora o falante seja o autor da palavra, o ouvinte adquire os direitos na palavra.

Nessa perspectiva, a palavra sempre está em busca dessa compreensão, de uma resposta e de um querer responder. Ela entra em diálogo eterno em busca de sentido. Nenhuma de suas propriedades, a saber, a sua finalidade operatória e a sua capacidade de centralizar-se em um objeto, sofre prejuízos por conta dessa busca eterna do sentido. Essas características não podem ser jamais invalidadas, a não ser que ela seja deliberadamente impostora. Portanto, a palavra é inescrutável (BAKHTIN, 2017).

Considerando tudo o que foi discutido até aqui, consideraremos a imagem e os textos verbo-visuais como sendo a palavra com a carga emotivo-volitiva e o enunciado concreto. Essa consideração pode ser feita porque a metalinguística, proposta por Bakhtin (2016), é uma disciplina cuja tendência é estudar o sentido na fronteira com enunciado concreto (TADEU, 2002, p. 74). Consoante Sampaio (2009), o sentido nas imagens se constrói nas e pelas relações sociais e históricas. Ademais, seria impossível a separação de duas linguagens presentes nos textos visuais: a linguagem verbal e não verbal. Para Brait (2000, p. 143):

Em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido.

É impossível estudar um texto verbo-visual separando ambas as linguagens. Não seria útil apenas estudar a linguagem verbal e desprezar a não-verbal e vice-versa. Ambas constroem o sentido do processo discursivo, conforme consideraremos brevemente aqui, usando as reflexões de Bakhtin (2002) sobre o assunto.

Uma vez que estamos considerando o texto verbo-visual como uma palavra, devemos lembrar que ele faz parte de um projeto discursivo cuja linguagem multimodal

compartilha o seu sentido, de uma esfera discursiva, com uma força estético-ideológica, cuja facilidade será de produção circulação e recepção (BRAIT, 2009).

No ensaio *A forma espacial do herói*, Bakhtin (2002) explica que, no geral, a fotografia consegue ser mais neutra do que a imagem de uma pessoa no espelho porque a foto consegue mostrar apenas o reflexo de alguém sem autoria. Por isso, não expressa o tom emotivo-volitivo na existência (BAKHTIN, 2002, p. 54). Contudo, quando a foto é tirada para fins artísticos, ela nos abre as portas para um mundo distinto do que conhecemos e somos convidados a apreciá-lo e a emitir juízos de valores, ou seja, construir enunciados e compartilhar palavras emotiva-volitivas sobre a obra em questão. Nesse caso em evidência, não é na visão do eu que se vivencia a experiência, mas na ótica do outro, o artista (BAKHTIN, 2002, p. 55).

Assim como as palavras, as imagens são associadas à ideia de inacabamento e ao excedente de visão estética do autor. O ser não tem condições de avaliar a si mesmo de forma contundente porque vive em seu eu. Não porque lhe falte material externo para essa avaliação, mas porque a sua vivência não foi capaz de desenvolver um princípio valorativo interno para fazer uma abordagem expressiva (BAKHTIN, 2002, p. 55). Na visão de Bakhtin (2002), a memória estética é produtiva, porque cria o homem exterior em outro plano de existência.

2.3 SOBRE A NOÇÃO DE ENUNCIADO

Para as análises a serem efetuadas neste trabalho, vimos a importância de distinguir o enunciado concreto, categoria marcante no Círculo de Bakhtin (2002), da frase, da oração e da fala individual, categorias estudadas pela linguística. Distinguir essas categorias é extremamente importante porque nesse Círculo há uma crítica ao objetivismo abstrato da linguística proposta por Saussure e ao formalismo dos estudos linguístico-literários quando esses investigam a frase ou outras unidades linguísticas ditas como independentes da dinâmica dos enunciados concretos.

No decorrer dos estudos da língua, os linguistas (Jakobson, por exemplo) conceberam a relação de compreensão e de sentido ao processo de codificação e decodificação. Para eles, o ouvinte apenas decodifica a frase para responder ao seu destinatário. Por isso, Bakhtin (1997) critica os aspectos da chamada teoria da comunicação formulada e aprimorada por Jakobson. Para Morson e Emerson (2008), na perspectiva de Bakhtin, há muito a perder com esse modelo. A primeira perda é tratar a

questão da compreensão como um mero ato de codificação e decodificação. Os enunciados não são transmitidos por um falante a um ouvinte e simplesmente decodificados. A segunda perda é que os linguistas tratam os enunciados apenas como sentenças a serem entendidas. Na abordagem dos estudos bakhtinianos, o enunciado funciona diferentemente: a compreensão ativa é antecipada pelo falante. No processo de produção de enunciados, o falante não pode deixar de contar com essa previsão, já que é por causa dela que o enunciado resulta na resposta a enunciados anteriores. Por isso, pode-se dizer que a escolha da palavra (forma), do conteúdo e da entonação é impregnada pela modulação do ouvinte (seja o ouvinte real ou imaginário).

Embora na linguística ainda persistam noções como locutor e ouvinte, essas categorias alteram o complexo processo de comunicação da forma como são usadas. Para Bakhtin (1997, p. 290):

os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e dos processos *passivos* de percepção e de compreensão da fala no ouvinte (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Os esquemas de comunicação propostos por muitos estudiosos dessa ciência não estão de todo incorretos, mas não se pode afirmar que representem o uso real da língua. Bakhtin (2017) reconhece que essas teorias da língua e da linguagem creditam aos usuários da língua uma ação ativa diante do processo de produção linguística; contudo, critica o fato de que essas correntes não conseguem desvelar os sentidos na comunicação concreta. Em sua teoria sobre o dialogismo, o teórico russo vai além do que as correntes linguísticas propõem, ele afirma que o ouvinte toma a atitude de responder ao compreendido, discorda, adapta e executa. Essas atitudes ocorrem desde as primeiras palavras do enunciador. Por isso, em sua compreensão ativa do enunciado concreto (já que todo enunciado clama por resposta e, direta ou indiretamente, produz uma resposta), os papéis se invertem constantemente: quem era enunciador, torna-se ouvinte e vice-versa. Em uma postura ao contrário dessa (a atitude passiva), levam-se em conta apenas os elementos abstratos da língua e suas significações (BAKHTIN, 1997).

A compreensão responsiva ativa pode se realizar com um ato ou pode ecoar com um lapso, por um certo tempo, uma ação retardada – mais cedo ou mais tarde o discurso compreendido ativamente encontrará uma resposta no discurso ou na conduta do ouvinte, destaca o autor. Quando há uma compreensão ativa, em certo grau, o enunciador considera a existência de enunciados anteriores em que o seu próprio está vinculado por algum tipo

de relação, o que torna cada enunciado um elo na cadeia de enunciados. Esse certamente é o motivo de que o ouvinte, representado nos esquemas tradicionais de comunicação, não protagoniza a comunicação real. Ele apenas é uma representação esquemática de um elemento abstrato do fato da compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 1997).

Como unidade principal da comunicação humana, o enunciado existe na forma concreta de discurso, e um discurso existe nos moldes do enunciado de um falante da língua. Quaisquer que sejam as formas dos enunciados, essas unidades importantes possuem características comuns e fronteiras demarcadas pela alternância dos sujeitos falantes (BAKHTIN, 1997, p. 291). De acordo com o teórico russo, essa alternância ocorre porque o leitor disse tudo que precisava ou desejava dizer em um dado momento. Quando se lê ou se ouve um enunciado, sente-se claramente o fim de um enunciado. Esse acabamento é importante porque encerra a necessidade de uma resposta que clama no enunciado.

Independentemente de sua complexidade, os enunciados dialogam com enunciados anteriores e os subsequentes: uma resposta aos dos outros. Embora não seja fruto de uma mera convenção, o enunciado tem o seu término, o qual é determinado pela transferência da palavra ao outro, percebido pelo ouvinte como o fim, por parte do enunciador.

É no diálogo real que tomamos conhecimento da validade dessa discussão feita por Bakhtin (2017) no texto *Gêneros do Discurso*, ao afirmar que, no diálogo real, a alternância dos sujeitos falantes é mais palpável e as réplicas aparecem¹⁴. A natureza das réplicas – as relações de pergunta e resposta, objeção, ordem e execução etc. facilitam as características consideradas até o momento do enunciado concreto. Notoriamente, isso jamais seria revelado no sistema linguístico. Essa possibilidade de ligação só acontece entre os enunciados concretos completos, porque o diálogo tem uma natureza breve e fragmentária e pressupõe a existência de outro no uso da língua, o que permite ao enunciado um acabamento específico e uma posição responsiva do enunciador (BAKHTIN, 1997, p. 294). Contudo, embora facilmente se notem essas características no diálogo oral ou escrito, encontraremos enunciados completos necessariamente com essas mesmas características em outros gêneros discursivos, mesmo em gêneros complexos, como os secundários (BAKHTIN, 1997, p. 298).

¹⁴ Os limites dessa alternância podem ser enfraquecidos ou fortalecidos a depender da disseminação da entoação no discurso outro, que pode ser transmitida em forma de ironia, indignação, simpatia e reverência. O discurso outro adquire dupla expressão: a própria e a do enunciado que acolhe esse discurso.

Se pensarmos, por exemplo, em uma obra artística ou científica qualquer, embora sendo de caráter complexo, em geral, ela possui a qualidade responsiva, buscando convencer, o leitor, e influenciá-lo, ou mesmo suscitar juízos de valores. No geral, o objetivo da obra de arte é uma resposta a um enunciado antecessor e semelhante aos enunciados do diálogo. Nessa perspectiva, a obra acaba sendo parte de um elo de enunciados relacionados entre si, com aqueles aos quais responde e com aqueles distintos dele, ou ainda com aqueles que lhe dão respostas. Assim como o diálogo, as obras, em geral, também estão separadas pela fronteira da alternância dos sujeitos falantes (BAKHTIN, 1997, p. 298).

O autor considera ainda que é possível a oração tornar-se ou confundir-se com o próprio enunciado concreto. Ela passa, assim, a assumir características próprias do enunciado: torna-se uma rede de enunciados anteriores e consequentes, passa a ser delimitada por uma alternância de falantes, suscita uma atitude responsiva, motivadora de respostas. Em si mesma, a oração não possui nenhuma dessas características, porém possui uma natureza gramatical. Por isso, quando os linguistas estudam a oração, cujas extensões e propriedades coincidem com a do enunciado concreto, gramaticalizam o enunciado assim como já o fazem com a oração (BAKHTIN, 1997, p. 297).

De acordo com Bakhtin (1997, p. 299), existem alguns fatores que proporcionam a responsividade de um enunciado, a saber: a) o tratamento exaustivo do enunciado; b) a intenção do locutor, o que Bakhtin (1997) chama de o querer dizer do enunciador; e c) a estruturação do gênero discursivo. Façamos uma consideração sobre cada um deles.

- a) O tratamento exaustivo do tema do discurso. O tratamento dos temas nos enunciados sofre variações diferentes na sociedade. Em algumas esferas da sociedade, o esgotamento desse tema é quase total. No geral isso acontece quando os gêneros são padronizados ao máximo e a criatividade é rarefeita.
- b) No geral, os temas do enunciado recebem um acabamento relativo em condições determinadas, relativo a um problema, aos objetivos por atingir, ou seja, ele estará dentro dos limites do intuito do autor. Isso significa que o querer dizer do locutor determinará o todo do enunciado, suas fronteiras e amplitudes. O enunciador revela nos enunciados a sua intenção e é através desse querer dizer que se mede o acabamento do enunciado.
- c) O gênero discursivo do enunciado. A escolha do gênero discursivo do enunciado

depende da intenção do enunciador e, principalmente, da esfera discursiva a qual está circunscrito, das necessidades da temática e do conjunto constituído dos parceiros. Para usar a língua, sempre usamos um padrão de enunciado relativamente estável. A comunicação humana acontece apenas porque é possível, ao sujeito falante, escolher enunciados relativamente estáveis. Na comunicação cotidiana, a criatividade genérica é intrínseca à comunicação humana para organizar a fala humana. Contudo, se tivéssemos de criar o gênero discursivo, organizar os enunciados pela primeira vez, teríamos dificuldades de estabelecer comunicação discursiva na sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que as formas do sistema linguístico diferem substancialmente desta última característica do enunciado. As formas assumidas pelo enunciado são mais maleáveis e mais sensíveis às intenções discursivas do falante do que os elementos do sistema linguísticos. Embora ainda padronizadas, as formas do enunciado são grandes e manifestam-se na escolha das entonações, das situações, das posições sociais e das relações entre os participantes. Por isso, nenhum enunciado pode ser tratado como uma combinação de elementos da língua ou como ato puramente individual sem observar alguma outra forma normativa (BAKHTIN, 2017, p. 42).

Em geral, as orações são desprovidas da condição de tomada de uma posição responsiva do enunciador, do falante. Apenas quando são enunciados acabados adquirem essa condição. Embora a oração, isoladamente, seja totalmente compreensível (é possível depreender o seu significado no sistema linguístico), é somente quando adquire elementos de índole não gramatical (está delimitada pela alternância de sujeitos do discurso e reflete imediatamente a situação extraverbal) que adquire o patamar de enunciado concreto e suscita resposta; contudo, a oração vai apenas adquirir uma atitude responsiva quando envolvida em um contexto. Ela só adquire sentido e acabamento, quando se torna enunciado. Para Bakhtin: “uma oração, afirmativa em sua forma, torna-se afirmação real apenas no contexto de um determinado enunciado” (BAKHTIN, 2017, p. 46). Em geral, a oração tem um significado contundente, mas isso só acontece no âmbito gramatical e no nível abstrato. Por ser um elemento do sistema, a oração não possui autoria (BAKHTIN, 2017, p. 46).

Uma particularidade marcante do enunciado, a qual não podemos deixar de mencionar neste trabalho, é a relação dele com o falante e com os demais participantes da

comunicação discursiva. Como já assinalado neste tópico, os enunciados constituem-se numa teia de outros, na comunicação discursiva, marcando a posição do falante em relação ao objeto e ao sentido. Portanto, cada enunciado possui um conteúdo semântico-objetal (BAKHTIN, 2017, p. 47). Além disso, a relação valorativa do falante marca uma relação subjetiva emocional com o sentido do enunciado. E essa posição subjetiva é marcada, no discurso, pelas escolhas lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. Por isso, é impossível um enunciado neutro. Todos possuem uma força e sentido variados e existem em toda a parte. Os elementos passíveis de neutralidade, quando não estão associados ao enunciado, são os elementos do sistema linguístico abstrato. Bakhtin (2017) destaca:

A língua como sistema tem, evidentemente, um rico arsenal de recursos linguísticos-lexicais, morfológicos e sintáticos para exprimir a posição emocionalmente valorativa do falante, mas todos esses recursos enquanto recursos da língua são absolutamente neutros em relação a qualquer avaliação real determinada. (BAKHTIN, 2017, p. 47)

A língua dispõe de um arsenal de elementos morfológicos, fonéticos e sintáticos para a expressão dos elementos volitivo-emocionais do enunciado; contudo, por si mesmos, eles não determinam nenhum aspecto valorativo da realidade. Esses elementos só assumem determinados valores e juízos quando associados a um enunciado concreto (BAKHTIN, 2017, p. 48). A emoção e os juízos de valores não existem nos elementos linguísticos, mas apenas no contato com a realidade viva do enunciado concreto.

Quando escolhemos um elemento linguístico para pertencer ao nosso enunciado, em geral, pode pertencer a outros enunciados já existentes. Talvez, a interação de enunciados deva-se ao fato de que eles possuem, na comunicação discursiva, a capacidade de assimilação. Todo discurso, de acordo com Bakhtin (2017, p. 54), é prenhe da palavra ou dos enunciados do outro, possui um grau maior ou menor de alteridade.¹⁵ Essa característica do enunciado parece ser a prova de que as palavras não possuem expressividade apenas se as considerarmos como unidades linguísticas. Esse colorido expressivo dos enunciados é típico de um gênero ou eco de uma expressão alheia do enunciado do *outro*. Portanto, os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam por si mesmos. Todo enunciado deve ser visto como uma resposta a outros enunciados, “pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados precedentes de um determinado

¹⁵ Como já pudemos observar, os enunciados estão em constante diálogo entre si. De acordo com Bakhtin (2017, p. 57), “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”. Assim, quando assimilados em outros discursos, embora ainda levem consigo a sua expressão, são reacentuados e reelaborados.

campo” (BAKHTIN, 2017, p. 57), não apenas em concordância, mas em discordância, completando-os, confirmando-os etc. Por conseguinte, todo o enunciado é repleto de atitudes responsivas, as quais assumirão distintas formas. Sobre isso, Bakhtin afirma:

Essas reações têm diferentes formas: os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto do enunciado; podem ser introduzidas somente palavras isoladas ou orações que, neste caso, figurem como representantes de enunciados plenos, e além disso enunciados plenos e palavras isoladas ou orações que, neste caso, figurem como representantes de enunciados plenos e palavras isoladas podem conservar a sua expressão alheia mas não podem ser reacentuados (em termos de ironia, de indignação, etc.) (BAKHTIN, 2017, p. 57).

Os enunciados podem ser assimilados em determinado grau e suas manifestações são distintas e determinadas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto. A expressão de nosso enunciado aparece, em nosso discurso, em função do discurso do *outro* e não só na relação com os objetos do enunciado. Para Bakhtin (2017), o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, porque os nossos pensamentos nascem em luta com as consciências alheias. E, portanto, se essa luta de pensamentos existe, ela vai encontrar materialização e expressão nas formas verbalizadas de nosso pensamento (BAKHTIN, 2017, p. 59). Dessa forma, o enunciado é um fenômeno complexo quando o observamos em um elo de outros enunciados vinculados entre si.

Embora tenha limites precisos, os enunciados refletem o processo discursivo e os elos da cadeia de enunciados, às vezes, os mais imediatos, e, outras vezes, os mais distantes situados no campo da cultura. Qualquer que seja o objeto do discurso em um enunciado, não é a primeira vez que se faz referência a ele (BAKHTIN, 2017, p. 60). Esse objeto já foi avaliado, elucidado, e esses juízos de valores apontam para diferentes visões de mundo e pontos de vista distintos. Portanto, sempre os enunciados responderão a pensamentos e pontos de vistas, visões de mundo, teorias etc. (BAKHTIN, 2017, p. 61).

Quando o enunciado é criado pelo usuário da língua, não possui nenhuma ligação com elementos de alguma cadeia discursiva. Esses elos são criados nas atitudes responsivas nas quais são criados (BAKHTIN, 2017, p. 62), tornando o papel do outro no discurso importante. Em uma cadeia discursiva, quando o pensamento se torna real, pela primeira vez, os ouvintes deixam de ser meros participantes passivos e tornam-se participantes ativos da comunicação discursiva.

Os enunciados têm uma particularidade essencial: é a possibilidade de seu endereçamento a alguém. Diferentes das outras unidades da língua, as orações, as palavras,

os enunciados possuem autoria e destinatário. Esse destinatário pode ser uma pessoa específica (um ser participante da comunicação), um público, o povo e assim por diante (BAKHTIN, 2017, p. 62). Ele pode adquirir uma identidade indefinida, não concretizada. Talvez, isso aconteça por causa da natureza da atividade humana: as esferas das atividades humanas selecionam os seus destinatários. Os autores dos enunciados representam para si os seus destinatários ou os representam para si durante a comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2017, p. 63).

Em alguns casos, o destinatário do enunciado pode coincidir com quem o responde. Nesse caso, o enunciador pode ocupar dois papéis importantes e diferentes. Quando constrói o enunciado, o enunciador já prevê a resposta. Dessa forma, a pessoa constrói a sua resposta e a que há de vir (BAKHTIN, 2017, p. 63). O enunciador constrói o seu discurso de modo a defini-lo de maneira ativa: leva-se em conta o conhecimento que o destinatário possui de certo campo cultural da comunicação, as suas crenças, concepções e convicções (BAKHTIN, 2017, p. 63-64). Assim, na presente pesquisa, veremos como os enunciados sobre a identidade nordestina funcionam no elo da cadeia discursiva construída na mídia no recorte temporal em análise.

2.4 SOBRE A NOÇÃO DE HETEROGLOSSIA

Em *O discurso no romance*, Bakhtin (2017) realiza estudos literários que transcendem os existentes, ainda fundamentados em uma teoria imanente da língua, autossuficiente, situando-os em um novo paradigma que pressupunha a sua relação com o mundo da vida. Para Bakhtin (2017), a linguística e a poética construíram, de forma insuficiente, a ideia de que as pessoas falam de forma diferente, reduzindo o problema a uma idiossincrasia meramente imanente e à dialetologia. A superação deste problema parece ser alcançada com a introdução de um conceito-chave: o de heteroglossia, o qual logra irromper outros mundos e permitir o questionamento da língua como sistema monológico, homogêneo e neutro.

A palavra *heteroglossia* foi usada na tradução do termo russo para o português com o objetivo de referir-se à diversidade de discursos presentes nas línguas. Trata-se de uma condição natural da sociedade humana, cuja estratificação e variação revelam-se na interação entre os falantes individuais e grupos sociais, cuja tensão não pode ser vista no sistema abstrato da língua. O termo russo é a forma *raznotrétchie*, a qual inclui dialetos

sociais, maneiras de grupos, linguagens de gêneros, traduzindo essa estratificação interna da língua e a diversidade de distintas vozes culturais¹⁶ em sua dimensão socioantropológica. Assim, a proposta bakhtiniana parece ir além do que propõe a dialetologia tradicional, na medida em que logra imprimir um caráter discursivo à linguagem, na qual se desenham as diferentes perspectivas socioideológicas em uma enunciação concreta.

Em estudo dos discursos humorísticos, Bakhtin (2017, p. 79) afirma que os discursos podem apresentar diversas vozes sociais e fundir-se entre si. Na linguagem literária, por exemplo, o discurso dos bisbilhoteiros, a arrogância do discurso científico ou o discurso épico podem conviver em uma mesma obra (ou espaço social) e solidarizar-se ou mesmo contradizer-se pela inadequação dessas *línguas*. Assim, a linguagem e a língua tornam-se repositório de vozes de distintas instâncias sociais em debate em uma mesma arena socioideológica.

Tais debates surgem como expressões de forças históricas contemporâneas às formações verboideológicas de grupos sociais, cujo anseio, na maioria das vezes, é de unificar e centralizar o mundo discursivo/ideológico através da categoria de língua única. Eles são manifestações das forças centrípetas da língua. Para as demonstrações de unificação, cada língua e cada linguagem são sugeridas em momento sócio-histórico e opõem-se ao plurilinguismo (ou como muitos teóricos preferem denominar como heteroglossia ou heterodiscurso). Por isso, as forças centrípetas tendem a pôr limites aos discursos e à sua heterodiscursividade para assegurar a compreensão da língua falada e da linguagem literária (BAKHTIN, 2017, p. 39-40).¹⁷

São claras as exposições às tendências das forças centrípetas presentes na sociedade às manifestações de normatizar a língua e às linguagens, cujo objetivo, como explicitado, é o de centralizar as manifestações discursivas ou proteger a língua contra a pressão da heterodiscursividade. Pode-se observar que o processo de unificação ocorre na enunciação e, portanto, em uma relação intrínseca com os procedimentos de centralização sociopolítica e cultural da sociedade (BAKHTIN, 2017, p. 40). Embora o desígnio seja o de unificar o discurso e, obviamente, as manifestações ideológicas na língua, a realidade é que as forças

¹⁶ Veja a nota 11.

¹⁷ Neste caso, não nos referimos às unidades linguísticas como pretende fazer a linguística estruturalista, conceituar a língua como um sistema gramatical de formas abstratas. Contudo, falamos da língua como sinônimo de discurso, nível no qual se expressa e transparece a opinião concreta que assegura o máximo de opinião concreta em todos os campos da vida sociopolítica e cultural. (BAKHTIN, 2017, p. 40).

centrípetas acabam atuando no meio do heterodiscursivo.

Em contraste a essa força unificadora, existe uma força estratificadora dentro da sociedade cuja perspectiva é a socioideológica. As diversas linguagens dos diferentes grupos profissionais, os distintos gêneros, linguagens generacionais e as diferentes esferas da sociedade até mesmo a literatura estão fragmentadas em diversas outras linguagens e discursos cuja amplitude alcança na dinâmica social e na língua viva e no embate travado com as forças centralizadoras da língua e da sociedade, nos litígios de descentralização e separação. Esta é a força centrífuga atuante dentro da sociedade (BAKHTIN, 2017, p. 41).

Nos processos de enunciação, as forças de centralização e de descentralização estão em constantes embates e se inter cruzam continuamente. Nas palavras do filósofo russo, “basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo” (BAKHTIN 2017, p. 42). Por isso, nesse meio enunciativo, pode-se dizer que o heterodiscurso ocorre de forma dialogizada. Além do confronto de vozes sociais existentes nas produções discursivas, existe na sociedade um confronto de vozes no universo dialogizado nela. Como afirma Bakhtin (2017, p. 78),

O heterodiscurso introduzido no romance é aí submetido a uma elaboração literária. As vozes históricas e sociais que povoam a língua fornecem-lhe percepções concretas, organizam-se no romance em um harmonioso sistema estilístico que traduz a posição socioideológica diferenciada do autor e de seu grupo no heterodiscurso da época. (BAKHTIN, 2017, p. 78)

Portanto, o heterodiscurso constitui-se como uma diversidade de visões de mundo representadas em diferentes formas linguísticas. A fragmentação social de uma língua é pressupor a existência simultânea de perspectivas ideológicas de uma língua.

O filósofo aponta ainda que o heterodiscurso possui, no discurso humorístico, duas características específicas: (1) sempre está em meio a uma diversidade de linguagens ideológicas; e (2) as diferentes avaliações ou horizontes empregados refratam as intenções do autor e são desveladas como inadequadas à realidade (BAKHTIN, 2017, p. 95). No primeiro caso, a diversidade de linguagens presentes no texto, quer seja oral, quer seja escrita, não está fixada em personagens na linguagem literária. Ela é introduzida com uma linguagem impessoal e sem limites linguísticos precisos e formais, confundindo-se com o discurso do autor (BAKHTIN, 2017, p. 95-96). No segundo caso, a maioria das linguagens são destruídas e substituídas por outras, para dar lugar à crítica. Por isso, predominam nas diferentes formas de heterodiscurso as estilizações paródicas das linguagens (BAKHTIN, 2017, p. 96).

Quanto à refração, ela se revela para o artista como uma expressão heterodiscursiva e passa, portanto, a ser dialogizada e mostrar uma série de avaliações e caminhos estendidos pela consciência social. Assim sendo, a palavra, quando adquire o caráter dialógico, ecoa diversas vozes, inclusive a do próprio artista ou prosador cujos matizes, se descontextualizados, são imperceptíveis (BAKHTIN, 2017, p. 51). Não obstante, todo e qualquer discurso deve se orientar no entorno do que já foi dito, do já conhecido. Embora possa ser determinado pelo ainda não-dito, ele é antecipado e forçado pelo discurso responsivo (BAKHTIN, 2017, p. 51-52).

Na linguagem escrita, a estratificação da língua é vista graças aos diversos gêneros discursivos na sociedade. Esses gêneros agregam elementos da língua à intenção dos acentos avaliativos. Eles somatizam-se a avaliações sociais, pontos de vista, pensamentos e nuances aos acentos dados aos gêneros. Esse heterodiscurso perpassa pela vida laboral e pelas diversas camadas da sociedade, caracterizando as culturas. O mais importante, no caso, não são os aspectos neutros da língua, o sistema abstrato, já que não se estratificam, mas as suas diversas inclinações para seguir direções definidas, impregnadas de avaliações concretas e horizontes determinados (BAKHTIN, 2017, p. 64). Dentro de um horizonte, de um grupo de falantes, as linguagens estratificadas são cheias de valores intencionais compartilhados pelo grupo. Todavia, os apartados do mesmo horizonte não compartilham da mesma intenção, tornando-se apenas palavras com limitações semânticas.

A estratificação social também é determinada pelas distinções de horizontes—semânticos e expressivos. Isso quer dizer que as estratificações de vozes sociais e a atuação das forças centrípetas e centrífugas acontecem nas diferenças padronizadas de acentuação dos elementos da língua (BAKHTIN, 2017, p. 64-65). Mas a capacidade de dissipar determinadas avaliações específicas e concretas encontra-se em qualquer esfera social, afastando cada um de intenções e ideologias. O dissipamento de ideologias acontece graças à tendência que todo material verbal possui ao manifestar-se socialmente e contagiar os elementos da língua, atraídos para o que o próprio Bakhtin chama de aspiração semântica, instituindo-lhes tons axiológicos (BAKHTIN, 2017, p. 65).

Em cada período histórico, as gerações possuem sua própria linguagem e, portanto, suas próprias acentuações. Em cada período, a palavra ideológica tem a sua existência, já que está em uma conjuntura social, semântica e, portanto, com acentos e avaliações peculiares dessa geração. Então, a heterodiscursividade manifesta-se de formas díspares e desiguais. O que de fato acontece é um encontro de avaliações entonacionais e ideológicas

entre o passado e o presente, formando novas avaliações socioideológicas (BAKHTIN, 2017, p. 66). Por isso, cada uma forma dessas formas do heterodiscurso manifesta-se com diferentes princípios. Há os que se separam pela temática e pelo conteúdo, alguns pelo princípio funcional e outros ainda pela forma sociodialetológica. As línguas do heterodiscurso tornam-se pontos de vista sobre o mundo, formas de expressar pontos de vistas e avaliações axiológicas específicas. Todas essas manifestações do heterodiscurso, certamente, entrecruzam-se e lutam entre si em um único plano através das estilizações e exibição populares das linguagens dos gêneros, dialetos sociais, tendências (BAKHTIN, 2017, p. 67).

Sobre as formas organizacionais e composicionais do heterodiscurso, Bakhtin esclarece que, ao longo da história da literatura e dos demais gêneros discursivos, o heterodiscurso apareceu sob diferentes feitiços atrelados às possibilidades estilísticas da língua literária, mas sempre estendida às produções discursivas das demais esferas (BAKHTIN, 2017, p. 80). Em geral, os gêneros discursivos são caracterizados pela presença de diferentes linguagens e estilo. Elas são interrompidas por reflexões do autor¹⁸ através do discurso direto, saturado de avaliações. Essas reflexões fazem parte do ponto de vista e avaliação correntes. O autor refrata suas intenções na linguagem. Mas essa refração ocorre sempre em oscilação, ora parodia com maior força, ora com menor (BAKHTIN, 2017, p. 80). Isso é feito de tal modo que o autor frequentemente não mantém uma distância da refração, tomando-a como verdade incontestável, como sua própria verdade e funde a sua voz com ela. Em alguns momentos, transforma os elementos linguísticos através da paródia ou mesmo através da refração da palavra do outro (BAKHTIN, 2017, p. 80-81).

O discurso sempre funciona com o afastamento ou com a aproximação do autor da refração e parodização da palavra do outro. Independente da forma que assumir, o heterodiscurso sempre “será o discurso do outro na linguagem do outro, que serve às expressões refratadas do autor” (BAKHTIN, 2017, p. 113). O discurso do autor é inserido no discurso do outro de forma mascarada sem traços linguísticos do discurso do outro. Em outros casos, esse heterodiscurso é organizado de forma aberta através do discurso indireto, cercado pela difusão da palavra do outro (BAKHTIN, 2017, p. 83). Há também a presença

¹⁸ Nos estudos literários feitos por Bakhtin (2017), o autor é aquele que tem o caráter da unidade da obra e está em dialogia com todos os aspectos da obra. Ele está em responsividade com todas as partes dela. Para o filósofo russo, o autor toma parte da arte com participação ativa. (GEGe, 2012, p. 19-20).

das construções híbridas. Construções assim possuem um enunciado cujos traços composicionais pertencem a um, mas misturam-se e dissolvem-se em dois enunciados, dois discursos e estilos. Portanto, dois mundos de avaliações sociais sem limites formalísticos. A mesma palavra pertence a dois mundos avaliativos que se cruzam em dois sentidos heterodiscursivos (BAKHTIN, 2017, p. 84). No discurso híbrido, os limites são ambíguos e cheios de forma. E essa uniformidade entre os limites do discurso é o que caracteriza os heterodiscurso na linguagem humorística.

A outra forma de introdução do heterodiscurso são os discursos dos personagens. Os discursos dos personagens têm a dependência semântica e sintática, sendo, por seu horizonte, um discurso do outro no processo discursivo. Em alguns casos chegam a ser uma segunda apreciação do autor. Os discursos dos personagens influenciam, de certa forma, o discurso do autor, causando a estratificação das linguagens e produzindo o heterodiscurso (BAKHTIN, 2017, p. 97). A hibridação, a mescla de acentos, o apagamento dos limites do discurso do outro surge também da transmissão do discurso dos personagens. Os três modelos de difusão sintáticos, dos discursos dos personagens acontecem em um emaranhado de discursos dos personagens, gerando a estratificação entre esses discursos e o do autor, contagiando outros no contexto (BAKHTIN, 2017, p. 107).

A última forma de organização do heterodiscurso são as intercalações dos gêneros. Os gêneros podem apresentar-se intercalados entre si em um mesmo discurso. Todavia, os gêneros, que são inseridos em outros, conservam a sua autonomia e originalidade estilística. Os gêneros, que integram os outros gêneros, tornam-se essenciais para o enfoque da realidade verbal construída (BAKHTIN, 2017, p. 109). Todos os gêneros que integram outros inserem a sua apreciação, as suas estratificações e aprofundam a natureza heterodiscursiva do discurso.

A introdução desses gêneros pode ser apenas de natureza abstrata, mas, em geral, é feita com uma intenção declarada do autor, muitas vezes esclarecida em uma palavra. Refratam as intenções do autor em diferentes graus, e, em alguns casos, alguns podem estar aquém da semântica construída pelo discurso global. O mesmo acontece apenas quando são inseridos apenas algumas sentenças. Elas podem ser de formas intencionais ou mesmo sem consciência socioideológica.

Nas análises a seguir, será demonstrado como o heterodiscurso conduz não apenas os

diversos discursos sobre o acontecimento do Nordeste, bem como, avaliaremos como ele organiza os diversos elementos dessa cultura e daquilo que estiver em sua jurisdição.

2.5 SOBRE A NOÇÃO DE CRONOTOPO

Em seu ensaio, *As Formas de Tempo e de Cronotopo no romance*”, Bakhtin (2002), usou o termo título deste tópico para cunhar a relação tempo e espaço nos estudos literários e discursivos. De acordo com o próprio teórico russo, esse termo não é novo e fora alvo de estudo em outras ciências. Em suas palavras: “Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein)” (BAKHTIN, 2002, p. 211). Embora não seja esse o seu interesse quando usa o termo (emprega-o como uma metáfora), faz um empréstimo porque é possível mostrar através dele a indissolubilidade do tempo e do espaço. Portanto, é uma categoria usada para abordar o conteúdo artístico-formal na literatura. Os índices de tempo e de espaço condensam-se e fundem-se no todo compreensivo concreto (BAKHTIN, 2002, p. 211).

Os gêneros, em geral, influenciam-se pelo cronotopo, principalmente, os literários, pela categoria do tempo. Em geral, o cronotopo também determina a imagem do ser (BAKHTIN, 2002, p. 212). No decorrer da história, o cronotopo fluiu de forma complexa e intermitente. O literário absorve o real gradativamente e em determinadas condições históricas. Contudo, isso se aplica apenas ao cronotopo real, passível de reflexão. Assim, o cronotopo determina a unidade artística de uma obra no que diz respeito à realidade. Na arte, as noções espaço-temporais são indissociáveis e todas possuem um caráter emotivo-volitivo.

A contemplação do cronotopo, nas obras artísticas, é feita em toda a sua inteireza. A sua separação soaria uma tentativa de análise abstrata, porque toda a obra artística está saturada de valores cronotópicos, em maiores ou menores graus (BAKHTIN, 2002, p. 349). Assim como a heteroglossia, o cronotopo também é concebido como intrínseco ao valor emocional-volitivo da linguagem na medida em que facilita a historicização e a discursivização, sem perder de vista o acontecimento do ser.

Dessa forma, eles são importantes porque se tornam elementos organizadores não apenas do enredo de uma narrativa, mas da história. O espaço e o tempo tornam-se responsivos. A teoria do cronotopo é uma tentativa de imaginar o tempo, a cultura e a história, em materiais concretos, mas sem aniquilar a particularidade e a sua aparente

seriedade (RENFREW, 2017, p. 145). Falamos da cultura porque, de acordo com Bakhtin,

As tradições culturais e literárias (inclusive as mais antigas) se conservam e vivem não na memória individual e subjetiva de um homem isolado em algum *psiquismo* coletivo, mas nas formas objetivas da própria cultura (inclusive nas formas linguísticas e verbais), e nesse sentido elas são intersubjetivas e interindividuais (consequentemente, também sociais); daí elas chegam às obras literárias, às vezes quase passando por cima da memória individual subjetiva dos autores. (BAKHTIN, 2002, p. 357, grifo do autor).

Portanto, é no âmago do cronotopo que o significado principal do enredo reside. Essa centralidade do significado só é possível graças à fusão espaço-temporal do homem e da história. Todos os elementos sociais e filosóficos estão em torno do cronotopo.

Os cronotopos de uma sucessão de obras ou de uma única obra estão em uma relação complexa, na qual um é dominante e os demais estão em sua função. Eles coexistem, entrelaçam-se, permutam ou confrontam-se ou mesmo se opõem nas relações mais complexas. Por isso, o caráter dos cronotopos é dialógico. Contudo, embora dialógicos, os cronotopos não adentram no outro nem no mundo representado em uma obra. Esse diálogo ingressa no mundo dos ouvintes ou dos leitores (BAKHTIN, 2002, p. 359). Toda a representação tem começo e fim. Por isso, paralelamente, temos dois fatos distintos: o que se conta na obra e o que é narrado. Eles acontecem em tempos e espaços distintos, embora ocorram simultaneamente e sejam indissolúveis entre si em um acontecimento único, incluindo o mundo representado e os seus entes externos: os leitores-ouvintes, o autor criador (BAKHTIN, 2002, p. 359).

O cronotopo dos ouvintes e dos leitores aparece na materialidade exterior da obra e na sua composição externa. O material da obra é falante, nós o “ouvimos” porque ele é sígnico. Assim, existem forças ideológicas e sociais em ação naquele espaço-tempo. É por esse outro motivo que o cronotopo é outra forma de entender a história, não apenas o texto literário (BAKHTIN, 2002, p. 358). Além disso, esse texto ocupa um lugar no tempo-espaço, e as informações que se têm dessa obra deslizam pelo tempo e, se o abordamos como texto, entrará no campo da cultura. É nesse espaço-tempo real em que a obra se encontra e o ser que a originou que lê e ouve o texto. Esses seres reais, o leitor e o ouvinte, podem se encontrar em diferentes tempos históricos em um mundo único, que é rigorosamente separado do mundo representado do texto por uma fronteira (BAKHTIN, 2002, p. 358).

Bakhtin (2002) afirma que esse mundo é o criador: graças ao mundo tido como criador que toda a realidade constituída na obra é que os leitores-ouvintes e seus autores a

recuperam e participam dela igualmente (BAKHTIN, 2002, p. 358). Então, é dos cronotopos reais do mundo representado que surgem os cronotopos refletidos do mundo criado no texto (BAKHTIN, 2002, p. 358). No mundo criado, não se pode confundir autor-criador¹⁹ com o indivíduo, ouvinte-leitor de diferentes períodos históricos, cujo papel é o de reconstrutor do cronotopo e do mundo, do ouvinte-leitor passivo. (BAKHTIN, 2002, p. 358).

Embora o mundo representante e o mundo representado sejam separados por uma fronteira rigorosa, eles são intrínsecos entre si e estão em constante intercâmbio (BAKHTIN, 2002, p. 358). O texto e o mundo representado interpenetram-se no mundo real, interagindo entre si e vice-versa, em uma constante criação e renovação do texto. E isso só é possível graças à mutabilidade do mundo histórico e do mundo social (BAKHTIN, 2002, p. 358).

Os acontecimentos representados pelo autor-criador, sem dúvida, são vistos de uma contemporaneidade que é incompleta e inacabada, na qual se encontra o próprio autor numa posição tangente. (BAKHTIN, 2002, p. 360). Essa contemporaneidade não apenas é vista no sentido mais restrito da palavra, mas também se leva em conta a literatura passada que continuamente se renova. Não se pode compreender a literatura sem considerar o contexto da obra nem as intenções do autor representados no texto (BAKHTIN, 2002, p. 360). O autor-criador pode descrever os acontecimentos do ponto de vista de um personagem, do ponto de vista de um narrador, um autor com pseudônimo ou ele mesmo como se fosse testemunha ocular dos fatos de uma forma onipresente. O mundo criado, cronotopicamente, jamais se identificará com o mundo real representante, onde se encontra o autor-criador dessa imagem (BAKHTIN, 2002, p. 360).

A análise cronotópica não abarca somente os significados, embora seja uma reflexão abstrata e conceitual. Eles existem não apenas em entidades linguísticas abstratas, mas também na arte, por exemplo. Os significados não conseguem apreender as noções espaço-temporais em uma obra artística. Qualquer fenômeno é sempre uma interpretação, e, como tal, alcançamo-lo na esfera do espaço-tempo, valoramo-lo e apreciamos-lo (BAKHTIN, 2002, p. 361). Para que sejam elementos cronotópicos, os significados

¹⁹ O autor-criador é aquele que se encontra no texto (ou obra). Podemos encontrá-lo na composição da obra porque ele a divide em partes, de acordo com os diversos gêneros discursivos. Essa divisão só pode ser determinada de acordo com as condições históricas e reais da produção discursiva. Ele pode mover-se entre o tempo que representa e o tempo representado. (BAKHTIN, 2002, p. 359).

precisam receber uma expressão espaço-temporal. Portanto, qualquer intervenção, no âmbito do significado, só se concretiza apenas no cronotopo (BAKHTIN, 2002, p. 361).

2.6 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Neste tópico, abordaremos dois aspectos importantes para a realização dessa pesquisa: a coleta dos dados e procedimentos metodológicos usados para analisá-los. Nesse estudo, o *corpus* foi constituído por charges e cartuns extraídos dos principais jornais eletrônicos do Brasil. Assim, os textos que fazem parte do corpus da pesquisa são charges e cartuns, encontrados nos principais jornais e sites jornalísticos brasileiros sobre a cultura, política e sociedade brasileira. Entre os jornais, consultamos o *Diário do Nordeste*, o *Jornal A tarde*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Humor Político*, *Pádua Campos* e a plataforma *Charge On-line* entre outros periódicos brasileiros.

Os aspectos teóricos empregados foram baseados no princípio dialógico da linguagem proposto por Bakhtin, nos pressupostos dele acerca do acontecimento do ser e nas teorias dos estudos culturais de Castells (2018), de Canclini (2015) e de Morin (2002), como já especificado anteriormente.

2.6.1. O gênero charge jornalística

Como já dito, um dos gêneros discursivos alvos desse trabalho foram a charge e o cartum. O motivo do interesse pelos gêneros em questão é o fato de textos desses gêneros lidarem com a linguagem verbo-visual de forma irreverente, apresentando os sujeitos tais quais se apresentam sob a ótica de um enunciador, causando uma tensão entre humor e opinião.

A charge é um gênero humorístico cuja crítica está voltada para um ocorrido momentâneo ou uma ação identificável na sociedade (TRAVAGLIA, 2015, p. 71). Trata-se de assuntos ligados a costumes de uma época ou região. Em geral, é composta por uma linguagem verbal e visual. Pode ser encontrada em revistas, jornais ou *sites* jornalísticos ou *blogs* espalhados na *internet*. Portanto, as charges podem ser meios pelos quais os interlocutores se encontram para refletir jocosamente sobre o ambiente histórico no qual estão inseridos. Assim, a charge não esgota seu sentido na palavra, na imagem, tampouco no sentido expresso em ambas as linguagens imbricadas. É um gênero que está ligado ao

histórico, ao social, à evolução²⁰ linguística e à resignificação ideológica (OTTONI, 2007, p. 80).

O cartum é outro gênero humorístico de interesse para a análise do discurso dialógica. É composto por desenhos e pode vir acompanhado de falas ou legendas. Seu propósito é criticar sinteticamente comportamentos ou aspectos relativos a uma sociedade ou ao ser humano. Diferente da charge, seu humor é atemporal porque trata de realidades comuns ao ser humano. Neles existem uma certa narratividade (TRAVAGLIA, 2015, p. 79-80).

Há uma linha tênue entre o cartum e a charge. São gêneros de difícil definição. O cartum não apresenta personagens conhecidos, a não ser os que são coletivamente compartilhados pela população, como *A branca de neve*, *os sete anões*, *o saci* etc. (OTTONI, 2015, p. 81).

Graficamente, o cartum é distinto da charge e próximo da caricatura. Pode vir acompanhado de um ou dois quadros, pode ter balões, pode usar legendas ou não. Alguns podem ter caricatura, mas é muito raro, apenas quando os personagens são figuras políticas ou famosas bastante conhecidas (OTTONI, 2007, p. 81-82). O seu viés é o da sátira, ironia mordaz a respeito do comportamento humano, de seus hábitos e costumes. Por isso, os cartuns sem legendas ou falas foram chamados pela imprensa brasileira de piada muda. A intenção desse gênero é romper com o caráter social da opinião.

Em relação à autoria dos materiais analisados, a seguir, apresentaremos cada um dos chargistas que comparecem em posição de autoria no *corpus* deste estudo. Eles apresentam projeção nacional e internacional no mundo do jornalismo gráfico opinativo e por apresentarem temáticas sociais, culturais em suas obras. Foram eles:

- 1) Alberto Correia de Alpino Filho – Conhecido como Alpino, Alberto Correia é um cartunista e chargista, ilustrador da *Folha de São Paulo* e do portal de comunicação *Yahoo! Brasil*. As suas tiras que mais fizeram sucesso foram *Luzia*, *Samanta*. Além de trabalhar para os periódicos acima, é chargista do jornal *Folha Vitória*;
- 2) Amâncio – Nascido em Macau, RN, foi chargista de *O Jornal de Hoje*. Publicou charges para a revista *Veja*, Editora Moderna, Saraiva e FTD. Prestou serviços de ilustração para várias agências de publicidade. Morreu em 18 de novembro de 2013, internado no hospital depois de um acidente automobilístico;
- 3) Amarildo – Trabalha no jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo. Publica charge no site *Charge On-line*, *Gazeta On-line* e no site *Humor Político*;
- 4) André Abreu – Nasceu em Belém do Pará, cartunista, ilustrador e chargista. Publica no *Jornal*

²⁰ Usa-se o termo evolução aqui não no sentido de que as línguas se tornam melhores, mas no sentido de que elas passam pelo curso do tempo.

Voz de Nazaré e na *Revista Amazônia Viva*. É integrante de salões do humor no Brasil e no exterior;

5) Brum – É publicitário e chargista dos jornais *Tribuna do Norte*, *Rio Grande do Norte* e no *Jornal Expresso* do Rio de Janeiro. Sofreu influência de Henfil- Henrique de Sousa Filho;

6) Casso – É ilustrador do *Jornal Diário do Pará*, pertencente ao grupo RBA de Comunicação;

7) Luiz Fernando Cazo – Luiz Fernando Cazo ou Cazo é um artista plástico, chargista, ilustrador e professor nascido em Bocaína. Formou-se em Artes pela Unesp e sofreu influência de Angeli, Glauco, Charles M. Schultz e Bill Watterson. Publica para o *Jornal Folha 1*, *Jornal Sales* e para a *Revista Veja*.

8) Chico Caruso – Francisco Paulo Hespânia Caruso é caricaturista, ilustrador e chargista, irmão gêmeo de Paulo Caruso. Forma-se em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Publica seus primeiros desenhos no *Jornal Folha da Manhã* sobre futebol, horóscopo e política. Publica charges para a revista *Isto é*, *Jornal do Brasil* e jornal *O Globo*.

9) Clayton – Chargista do jornal cearense *O Povo*, trabalha no periódico desde 1994. Suas charges tratam sobre política e esportes.

10) Dalcio Machado – Dalcio Machado ou Dalcio, como assina, é chargista, cartunista e caricaturista. Trabalha no jornal *Correio Popular* (São Paulo). Ganhou vários prêmios no Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Publicou na revista *Veja* por 13 anos, inclusive criando capas. Durante cinco anos, criou vinhetas para a TV Globo.

11) Duke – É o pseudônimo de Eduardo dos Reis Evangelista. Trabalha para os jornais *O Tempo*, *Portal do Dom* e *Super Notícia*. É colaborador da *Revista Central NT* e um dos organizadores do Salão Internacional de Humor Gráfico de Belo Horizonte.

12) Elvis Braga – É chargista e ilustrador. Trabalha há mais de 20 anos com charges. Publica nos jornais *Diário do Amazonas*, *Correio Amazonense*, *O Repórter* e *Amazonas* e no *Em Tempo*.

13) Fausto Bergocce – É chargista e ilustrador. Assina cada trabalho com o nome Fausto apenas. Em 1972 trabalha no *Diário de Guarulhos*. Colaborou como ilustrador e chargista em jornais paulistas como *Folha de São Paulo*, *O São Paulo*, *Diário do Grande ABC*. Entre 2006 e 2014, produziu charges para o jornal *Olho Vivo*. Hoje é freelancer.

14) Geraldo Magela Conceição – Nascido em Urucânia, trabalha para a *Revista Vicentina Adoremos*. Ganhou Menção honrosa no 7º Salão de Humor de Mogi Guaçu em 2009 e 2011. Seus trabalhos foram expostos no “International Cartoon Contest KARPIK 2010” na Polônia. Em seus trabalhos, a sua assinatura equivale a inicial de todas as palavras que compõem o seu nome: Gemacon.

15) Ivan Cabral – Nascido em Areia Branca, Rio Grande do Norte, publica charges desde 1983. Trabalhou no *Diário de Natal* durante 21 anos. Hoje trabalha no *Novo Jornal*. É membro do Grupo de Pesquisa de História em Quadrinhos, entidade fundada em 1971, responsável pela publicação de revista em quadrinho.

16) Jarbas – Jarbas nasceu em Recife e viveu em Moreno, uma cidade pequena de Pernambuco. Estudou edificações na Escola Técnica de Pernambuco e Design pela Universidade Federal de Pernambuco e seguiu carreira de ilustrado e chargista. Suas primeiras produções foram as tirinhas do *Barô Barata*. Atualmente, trabalha no *Diário de Pernambuco*, jornal onde publica suas charges, tirinhas e faz parte do grupo Internacional de cartunistas do VJ Movement. Em 2010, recebeu prêmio em um dos mais importantes salões de humor gráfico internacional, o World Press Cartoon.

17) João Bosco – É jornalista, cartunista, caricaturista do jornal *O Liberal*, de Belém do Pará, desde 1988. Publica também obras na *Revista Veja*, *Você S.A.*, *Semana*, *Imprensa*, *Focus* e na revista francesa *Le Monde Magazine*. É autor das tirinhas *Colarinho Pão e Vinho*, *Capitão Feijão* e *Mundo Cão*, todas publicadas no caderno magazine *O Liberal*.

18) Jorge Braga – Jorge Braga é chargista do jornal goianense *O Popular*. Nascido em Patos, município mineiro, tem 46 anos de trabalho como chargista, tendo a maioria de seus trabalhos publicados no jornal citado. É autor de *As Histórias de Romãozinho*, menino travesso do folclore popular brasileiro e editor do jornal de humor goiano *Zé Ferino*.

19) Lute – É chargista e editor de imagem do jornal mineiro *Hoje em Dia*. Desde 1993, trabalha no periódico e emite, através de suas charges, opinião sobre os principais acontecimentos do Brasil e do Mundo.

20) Mário Tarcitano – É chargista do jornal *Tribuna de Minas*. Foi em 1985 secretário da cultura em Volta Redonda, Rio de Janeiro, cidade onde viveu antes de mudar-se para Juiz de Fora e tornar-se chargista do *Tribuna*. Levou para Volta Redonda a ideia de salão de humor, já que frequentava os que já existiam pelo Brasil.

21) Luiz Mendes – Luiz Mendes é ilustrador e chargista. Trabalhou nos principais veículos de comunicação do Jornal Santa Catarina, como finalizador de arte. Em entrevista ao jornal *Notícia do Dia*, edição do dia 30 de abril de 2016, confessa que tem ojeriza aos políticos, mas afirma que a política é fonte de inspiração para suas charges. É um periódico recente, fundado em 13 de março de 2006, na Grande Florianópolis. Hoje faz parte do grupo RIC TV e da Rede Record, Santa Catarina.

22) Miguel Falcão – Miguel Abreu de Falcão é pernambucano de Timbaúba, onde nasceu em 1963. É ilustrador, quadrinista, caricaturista e chargista. Em 2005 desenhou para a Edita Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, a edição Morte e Vida Severina. É ilustrador e chargista do *Jornal do Comércio* e colabora regularmente com ilustrações para a revista mensal “Continente Multicultural”.

23) Ernani Diniz Lucas – Com o pseudônimo de Nani, nasceu em Esmeraldas, cidade mineira perto de Belo Horizonte. Começou sua carreira em BH, em 1971, publicando charges em *O Diário*. Mudou-se em 1973 e colaborou com O Pasquim. Foi chargista do *Jornal da Globo* e colaborou na *MAD* brasileira. No Rio de Janeiro tem publicações divulgadas no *Jornal dos Sports*, *Última Hora*, *Diário de Notícias*, *O Dia* e *Tribuna da Imprensa*. Possui revista própria, *O Nanista*, e site próprio, *O Nani Humor*.

24) Neftaly Vieira – É ilustrador profissional na área jornalística, designer, cartunista e chargista. Trabalha nos principais jornais da capital do Brasil- *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, *Tribuna do Brasil* e *O Distrital*. Assina como NEF.

25) Newton Silva – É ilustrador da seção de quadrinhos do antigo jornal *Tribuna do Ceará*, além de colaborar com a plataforma livre *Humor Político* e a *Charge Online*. É também contista e poeta. Em 1988, colaborou com o jornal *Diário do Nordeste*. Autor da tira *Jujumento*- o jumento elemental, foi premiado no 1º Festival Nacional de Cinema de Animação, Quadrinhos e Games da região serrana do Rio de Janeiro.

26) César Augusto Vilas Bôas – Chargista e ilustrador, assina com o pseudônimo de Pelicano. De acordo com entrevista dada ao jornal *Folha de São Paulo*, em 23 de maio de 2010, explica que sua assinatura se deve ao apelido recebido na faculdade no Centro Universitário Moura Lacerda, onde estudou nos anos de 1980. Irmão do grande chargista assassinado em março de 2010, Glauco, seus trabalhos foram publicados na maioria dos jornais e revistas paulistas: *O Pasquim*, *Correio Popular de Campinas*, *Folha de São Paulo*, *Jornal da Unesp* e *Jornal da Jahu*. Publicou a edição nacional da revista *Prato Feito* pela Editora Nova Sampa e desenvolveu em 1986 charges animadas para EPTV Ribeirão, no *Jornal Regional*. Recebeu prêmios no Salão Internacional de Humor de Piracicaba e o Prêmio de Melhor Cartum Nacional no Salão do Humor do Piauí.

27) Son Salvador – Son Salvador é ilustrador, chargista e publica para os jornais *Estado de Minas*, *Diário da Tarde* e *Aqui-Grande BH*, além de colaborar com o *Correio Braziliense* e o *Aqui* - DF e abastecer o site *Charge Online*.

28) Sandro Schimidt – Sandro Luis Schimidt é chargista do jornal joinvilense *A Noiticia*, desde 1988. Começou a sua profissão como chargista e ilustrador de crônicas, entre elas a de Charles D’ Olenger. É criador de personagens como o *Cão Tarado*, *Tomba*, *Adolf* e *Helga*.

29) Osmani Simanca – É humorista cubano radicado na Bahia. Trabalhou no jornal *A Tarde*, até junho de 2017, quando a diretoria do periódico o demitiu por publicar no Jornal uma charge em que o político Geddel Vieira aparece abraçado a um prédio. A obra fazia alusão a uma denúncia contra o político baiano sobre o tráfico de influência. Essa acusação provocou a sua queda no Governo Temer. É vencedor de prêmios internacionais, de Atenas a Teerã. Seus cartuns são exportados para a Grécia, Irã, França e China. Formou-se em pintura pelo Instituto Superior de Arte de La Habana e colaborou na ilha caribenha com o jornal humorístico *Dedeté*.

30) Sinfrônio de Sousa Lima Neto – É jornalista, cartunista com trabalhos publicados no âmbito do humor. Trabalha atualmente no jornal cearense *Diário do Nordeste* desde 1991. Já colaborou com o jornal *O Povo*. Obteve duas menções honrosas no Salão de Humor de Piracicaba. Publica a revista *Pau de Arara* em formato on-line. Veicula nesse meio sátiras de TV, entrevistas humorísticas. Produz

charges animadas para a televisão e tiras em quadrinhos de seus personagens principais: Ming-Au e Bráz.

31) Roque Sponholz – Formado em arquitetura na Universidade Federal do Paraná, ministra aulas para o departamento de urbanismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Publica charges no paranaense *Jornal da Manhã*.

32) Thomas Larson – Conhecido como Thomate, atua como cartunista desde 1991. Participa de vários salões do humor, como o de Ribeirão Preto (1994, 1997, 2000), de Piracicaba e da *5th Biennial Contest of Ecological Cartoon*, na Iugoslávia. É formado em comunicação social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Hoje publica no jornal *A Cidade*, de Ribeirão Preto.

Para escolhermos o conjunto de chargistas (e por sua vez as charges que compuseram o presente estudo), utilizamos como critérios os seguintes descritos abaixo:

- Os chargistas e cartunistas devem circular as suas charges em grandes jornais, *sites* em formato impresso e eletrônico espalhados no Brasil;
- Devem ter publicações em jornais no período de 2010 a 2015;
- Os seus temas devem ter caráter cultural, social e histórico, uma vez que o gênero charge e cartum são por natureza política. Ademais, as charges devem relacionar-se a as
- Todos os chargistas devem ter projeção nacional e/ou internacional, já que a charge também é tida como obra artística, além de ser um gênero jornalístico opinativo.

2.6.2 Procedimentos

Para compreender o sentido do Ser Nordestino em charges e cartuns jornalísticos, adotaremos uma pesquisa bibliográfica. Iremos coletar, em *sites* jornalísticos, jornais e revistas do país, as charges e cartuns que aludem aos nordestinos e à identidade cultural da Região publicados nos anos de 2010 a 2015. Escolhemos esse período porque foi quando a região ganhou projeção devido às políticas públicas em favor dela, aos questionamentos que surgiram em seu torno e os comentários sobre os nordestinos em redes sociais de destaque como o Facebook e o Twitter, acarretando a manifestação da mídia brasileira em favor e contra o ser nordestino.

Para formar parte do *corpus*, coletamos charges sobre nordestinos veiculadas na mídia impressa e na mídia digital. Na maioria das charges, os que versam sobre a cultura e identidade nordestina fazem-no associando essas temáticas aos acontecimentos históricos ocorridos no contexto descrito acima porque esse foi o período em que a região ganhou maior atenção política, artística e midiática. Faremos uma associação das charges com as

principais notícias do país no contexto histórico imediato à publicação da charge para contextualizar os textos à sua enunciação.

Por tudo que discutimos até aqui, não podemos deixar de perceber que o método a ser usado aqui se trata do método dialógico, baseado nas postulações que Bakhtin (2017), em *Por uma metodologia das ciências humanas*, realiza a respeito da construção de conhecimento e do desvelamento do sentido. Fundamenta esse ponto de vista a análise dialógica do discurso, que se mostrou profícuo ao explorar os aspectos subjetivos dos sujeitos através da linguagem.

Este estudo e esta análise ocorrem mediante a análise dos enunciados concretos, justificativa para usarmos textos pontuais como as charges, que refletem a comunicação viva e em consonância com o seu período histórico. A análise dialógica do discurso se constitui na aproximação de pessoas, à medida que estabelece o contato dialógico entre esses enunciados e, como Bakhtin (2017) afirma, apenas através desse dialogismo, é possível a compreensão do sentido, além da significação formal.

É a partir dessa análise de enunciados que é possível entender como acontece a compreensão entre os interlocutores, por relacionar os contextos imediatos com os enunciados opinativos das charges e dos cartuns, por considerar os aspectos afetivo-volitivos através das entonações e apreciações, e por observar os sentidos que assume o ser nordestino, percebendo como sentidos inacabados.

O que se segue será dedicado à análise dos corpora selecionados para essa pesquisa. Para esse fim, foram selecionados charges e cartuns de diferentes jornais publicados no Brasil, durante o período de 2010 a 2015, cujos temas são os nordestinos e sua identidade cultural.

3 O NORDESTE E OS NORDESTINOS – A NARRATIVA SOBRE CULTURA E IDENTIDADE EM CURSO NO CIBERESPAÇO JORNALÍSTICO

As identidades são organizadas em formas de narrativas, cujas histórias refletem a maneira de agir e pensar, e as ações praticadas pelos atores envolvidos. Como dito em momentos anteriores, as pessoas, os grupos sociais e as sociedades as organizam em contextos marcados pelas relações de poder. Assim, não é diferente quando se trata das charges. Elas, no geral, são narrativas condensadas para refletir um momento histórico político, social e histórico pontual. Nesse capítulo, faremos uma análise das avaliações contidas em charges e cartuns sobre o Nordeste e seus habitantes em momentos sóciohistóricos significativos entre 2010 e 2015. Entre os elementos em que nos fixaremos, como dito em outros momentos, estarão as palavras Nordeste/nordestino e as avaliações que fazem acerca desses sujeitos.

3.1 AS NARRATIVAS CHARGÍSTICAS SOBRE OS ELEMENTOS CULTURAIS DO NORDESTE

Como reconhecidas acima, as charges são pequenas narrativas opinativas sobre os acontecimentos históricos de conhecimento do público-leitor. Assim, não é de estranhar que nelas apareçam o cotidiano da sociedade, valores, experiências, fraquezas e grandezas humanas. Por isso, elas representam o meio mais profícuo de construção e de veiculação de valores a respeito da cultura e da identidade de um grupo. Vamos observar abaixo como os chargistas contam, recontam e reacentuam as narrativas identitárias nordestinas. Para isso, dividimos as charges em três grupos: as representações dos habitantes, as representações da terra e as representações das manifestações culturais.

3.1.1 As representações dos habitantes

No geral, os habitantes são representados nas charges como rudes, sem preocupação estética, sofríveis e sem sapiência acadêmica alguma. Analisaremos nas charges a seguir os elementos simbólicos acionados para a criação dessa identidade dos habitantes autóctones da região.

O texto a seguir é uma charge publicada no *site* do chargista e cartunista Nani, no dia 9 de novembro de 2011. Essa publicação estava associada às notícias acerca do uso do bafômetro para avaliar o nível de uso de álcool entre os motoristas. Nesse mesmo dia, os

principais jornais do país, como a UOL, publicaram que o projeto da “lei seca” seria mais rigoroso – qualquer quantidade de álcool no sangue seria criminalizado. O uso de imagens, exames clínicos e testemunhos valeriam como provas.



Fonte: Nani. Disponível em: <www.naninihumor.com.br>. Acesso em: 02 jun.2017.

Em primeiro plano, já podemos destacar em cada quadro dessa charge a oposição de entonações engendradas pelo chargista sobre um mesmo acontecimento que ocorre constantemente na vida de paulistas e nordestinos – o uso do bafômetro. No primeiro e no segundo quadros, podemos atentar para os usos dos sintagmas preposicionais do paulista/do nordestino como qualidades, ambos relacionados ao nome bafômetro, para caracterizar e sinalizar o projeto discursivo do chargista ao remeter a dois grupos culturais, geográficos e étnicos distintos. Simultaneamente a essa comparação, no enunciado *O bafômetro do nordestino*, nota-se a manifestação da vontade ou uma intenção discursiva do falante de menosprezar a diversidade cultural da região nordestina brasileira ao homogeneizar diferentes culturas e as suas nuances em apenas um único sintagma.

Como bem observa Brait (2013), a palavra adquire vida quando dialoga com entonações presentes na sociedade, e o falante expressa um ponto de vista em relação aos valores, como bem percebemos apenas na escolha e na posição que os léxicos em análise estão na charge. Essas palavras são um enunciado concreto vivo, resultado de uma interação com o outro. Como elucida Bakhtin (2017), apenas na enunciação é que a palavra (falada ou escrita) se torna enunciado.

No projeto discursivo verbo-visual, na esfera jornalística, a foto vem acompanhada da legenda, mas, no caso da charge, se seguem os diálogos no conjunto dos personagens envolvidos, sinalizando a maneira como o leitor vai compreender o gênero em análise (BRAIT, 2009, p. 2-3), o que os torna um único enunciado e enunciação – um conjunto cuja implicação é de uma interação discursiva de sujeitos historicamente situados. No caso

da charge, a interação discursiva ocorre entre o leitor e o chargista.

No primeiro quadro da charge em análise, há apenas um personagem policial, cuja voz pouco aparece nem que seja para questionar o tratamento recebido. Cumpre apenas a ordem que o personagem executivo lhe dá. Há um tratamento mais polido, sem resistências e críticas. No segundo quadro, a charge apresenta dois policiais cujas faces são de espanto diante do personagem “Nordestino”. Consideramos aqui o número de personagens policiais porque nesse mesmo período fora divulgado pelo 5º Anuário Brasileiro de Segurança Pública que seis estados do Nordeste estavam entre os mais violentos do país, de acordo com o “IG último segundo”. Nesse mesmo *site*, publicou-se também o aumento do tráfico de drogas nessa região. Considerando o diálogo com as notícias do período, ressalta-se então a imagem saturada de entonações depreciativas quanto ao perigo representado pelo habitante nordestino e a região Nordeste.

Se levarmos em conta o simbolismo das cores, poderemos enxergar uma entonação sutil acerca desses dois grupos representados na charge. O primeiro quadro, o policial possui um carro verde. No segundo, o carro dos seguranças é vermelho. Ora, a cor verde alude ao crescimento, plenitude e dinheiro. A cor vermelha rememora a guerra, o perigo e a violência. Dessa forma, a linguagem das cores acentua com maior força semântica a depreciação feita ao nordestino em detrimento do paulista. É o pacífico em oposição ao violento, o civilizado oposto ao selvagem.

Notamos, na fala dos policiais do segundo balão uma entonação, uma avaliação axiológica sobre o uso dos versos pelos nordestinos para expressar a sua visão de mundo. No enunciado “Nordestino sopra, mas faz verso antes”, escapa a ideia de que o nordestino necessita fazer verso para toda e qualquer ação. Considera-se, então, que todos os nordestinos brasileiros fazem uso do cordel e de forma tão banal para cantar qualquer ação realizada ou a cumprir-se. É uma redução estereotipada de todos os nordestinos, que omite a heterogeneidade de culturas presente na região.

Como afirma Bakhtin (2017) e se dá nesse caso, a estratificação dos gêneros é um processo natural dos gêneros discursivos porque a eles estão associados e ganham a acentuação, valores e acentos dos gêneros em discussão. É o que acontece nesse texto. Podemos ver nele a presença da linguagem urbana e da linguagem mais regional em confronto um clássico caso de heterodiscurso. No terceiro balão, pode-se observar a plurilinguagem. Nesse caso, temos o uso do gênero regional *cordel*, para caracterizar uma personagem, a do *cangaceiro nordestino* e um gênero regional burocrático, para

caracterizar a personagem *executivo de negócios*. Como toda a charge, essa também guarda um tom humorístico, crítico e paródico. O gênero inserido no discurso acima sofre uma reacentuação que engendra, não apenas como uma caracterização do personagem nordestino em questão, mas exprime uma valoração axiológica de que os nordestinos são mais jocosos e despreocupados com a vida social do que os paulistas, que neste enunciado, mesmo bêbado, são representados como civilizados e zelosos com a vida laboral.

Sobremaneira, o gênero em questão reflete o hibridismo cultural sobre o qual Canclini (2015) teorizou. O que era antes uma prática isolada na sociedade, a produção do chiste, do estereótipo e da fusão genérica (nesse caso a fusão da caricatura com as piadas e imagens não verbais), há uma combinação cujo produto é uma estrutura, uma prática de leitura e escrita inovadoras. É o que se observa no gênero em questão, tipicamente híbrido. A charge e o cartum são lugares cuja presença é da intersecção entre o visual e o literário (CANCLINI, 2015). Com um potencial narrativo poderoso, nesse caso específico, o dramatismo da charge condensa o teatro da crítica, do burlesco e, por sua vez, sintetiza gêneros em linguagem heteróclita, cujo público atinge uma heterogeneidade social.

O gênero charge acaba por tornar-se uma “oficina” de hibridação ou de hibridações, além de propiciar a condensação de outras hibridações, quer seja para homogeneizar ou para estereotipar. É o caso por exemplo da imagem feita do personagem a que se chama de nordestino. O personagem, além de usar uma linguagem tipicamente regional sertaneja popular em um espaço urbano, manifesta-se com um chapéu cuja característica é de um cangaceiro. Hoje, ícone da nordestinidade brasileira, o chapéu de couro usado pelos seguidores de Virgulino Lampião, era símbolo do irredentismo brasileiro,²¹ o qual era resultado de um movimento de choque cultural antagônico, cujos relatos resultantes, muitas vezes, eram de invasões de terras a assassinatos em massa. De acordo com Mello (2010, p. 44), o cangaço era um movimento de resistência aos poderosos, semelhante ao da história de Robin Hood.

A roupa do cangaceiro é um signo cujo símbolo está completamente relacionado à guerra, à violência e à religiosidade. Entre os itens dessa vestimenta, está o chapéu. De acordo com Millan (2014), o chapéu virado para cima, cuja forma é a de meia-lua, já era

²¹ O irredentismo se constituiu em um movimento de caráter político. A reivindicação do movimento era de que grupos étnicos assumissem controle do território que tivessem relação com eles. O seu anseio era a separação do Estado original ou uma conquista de tomada de outros territórios. (MINGST, 2009, p. 316). Foram vários os movimentos irredentistas no Brasil, entre eles podemos citar as resistências dos quilombolas, os movimentos liberais no Brasil e o próprio cangaço.

considerado o próprio instrumento de guerra. Nenhum cangaceiro poderia correr o risco de sofrer um ataque frontal e ter sua visão distorcida pela indumentária, por isso o seu formato. Vencer uma batalha, para um cangaceiro, era mais que uma estratégia, era símbolo de virilidade e de coragem. De acordo com Mello (2010, p. 73), o segredo estava na ostensividade representada pelo chapéu de couro em forma de lua. Como expressão artística, o chapéu parecia ter vida própria. Ele podia ser lido em seus aspectos místicos e estéticos. Ponderemos, por exemplo, sobre os símbolos mágicos do chapéu. A magia era meio de o cangaceiro obter proteção das deidades e blindagem mística para o corpo físico. Por isso, a presença da estrela de Salomão, da flor de lis e da cruz de malta.

O signo de Salomão era símbolo de poder proteção e devolução às ofensas ao seu autor. Como talismã, representava a humildade de uma pessoa e o pedido de proteção, quando também associado à flor de lis, cuja referência se faz à chamada Trindade de deuses da igreja (MELLO, 2012, p. 62). Hoje, os símbolos do cangaço são usados pelos estilistas em suas produções nacionais e internacionais para dar visibilidade à cultura nordestina.

Esse apenas é um dos fatos, entre muitos, a serem apontados durante as análises que indicam um entrelaçamento, uma hibridação de uma cultura regional urbana elitizada, comparada a uma cultura regional sertaneja popular. Ao contrário, muitos gostos, atitudes e mudanças de pensamento coincidem em ambas as culturas. Isso se explica, por exemplo, através dos estudos das interações comerciais do campo com a cidade ou por meio das recepções da mídia (TV, internet, rádio, jornais e revistas) nas casas da zona rural. É o caso da charge em análise, por exemplo. Ela chegou aos lares de milhares de pessoas no Brasil, inclusive, na casa dos camponeses nordestinos que a charge ironiza.

Na charge abaixo, vemos em uma comparação como os nordestinos historicamente sofreram exclusão na sociedade brasileira e foram estigmatizados.

Figura 2- Vou me mudar pra São Paulo



Fonte: Jornal O Tempo. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-18-09-1.1115231>>. Acesso em: 02 jun.2017.

Este texto, publicado no jornal mineiro *O Tempo*, retrata a situação em que se encontram os sírios no mundo e sua vinda para o Brasil, desde 2011. Por conta da guerra civil, iniciada em 2011 na Síria, em meio de protestos contra o regime de Bashar Al Assad, o Brasil tornou-se, na América Latina, a principal rota de fuga dos refugiados sírios que conseguem sair do seu país de origem.²² Os sírios preferem o Brasil como rota de fuga porque eles conseguem o visto humanitário antes mesmo de deixarem o Oriente Médio. São Paulo foi o estado predileto do país árabe – o estado recebeu o maior número de refugiados sírios no Brasil, de acordo com o *GI*²³.

Uma temática abordada nessa charge é a questão da etnicidade. A discussão aqui se constitui na comparação feita entre as condições dos nordestinos e dos sírios, em uma época em que houve diversas manifestações xenofóbicas contra a região nordestina e os seus habitantes. Lembremos que, em 2010, uma série de simpatizantes de doutrinas neonazistas, como os *skinheads*, manifestaram ameaças contra os nordestinos, e o judiciário criminalizou uma série de pessoas por crimes cibernéticos.

Vemos nessa charge um clássico caso de heteroglossia ou heterodiscurso, o discurso dos heróis ou dos personagens, conforme expressa Bakhtin (2018, p. 100) em *Teoria do Romance*, quando formula que é no discurso dos personagens que existe um grau de independência verbo-semântica e que se vê a intenção refratada do autor ordinário a ponto de considerá-lo originador do discurso. Há nesse enunciado duas vozes e dois sentidos, o que faz dela um enunciado bivocal. Ao mesmo tempo que observamos a voz do chargista refratada na fala do personagem, vemos a voz de grupos neonazistas brasileiros manifestando preconceito, intolerância e xenofobia. Há presentes duas visões de mundo e duas avaliações axiológicas do ser nordestino.

No texto, observa-se que a palavra *nordestino* assume uma voz, cujo tom é depreciativo. O grupo étnico é apontado como o indesejado no território paulista. Vemos claramente essa entonação depreciativa na comparação que se realiza entre os nordestinos e os sírios no enunciado, “Mas, em vez de dizer que sou nordestino, vou dizer que sou

²² Refugiados sírios superam 1,5 milhão, segundo estimativa feita pelas Nações Unidas. **O Tempo**. Belo Horizonte, 17 mai. 2013. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mundo/refugiados-sirios-superam-1-5-milhao-segundo-estimativa-feita-pelas-nacoes-unidas-1.647571>> Acesso em: 02 jul. 2017.

²³ Brasil recebeu mais de dois mil refugiados sírios desde 2011. **G1**. São Paulo, 07 set. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/09/brasil-recebeu-mais-de-dois-mil-refugiados-sirios-desde-2011.html>> Acesso em: 02 jul. 2017.

refugiado sírio”, onde aparece a expressão *em vez de* para indicar uma concessão, uma desistência da ideia de ser nordestino, em detrimento do possível bem-estar e da boa recepção que lhe renderia a desidentificação embora ambos os grupos étnicos estejam aqui descritos na condição de migrantes.

Simultaneamente a isso, presencia-se, na charge, a voz crítica do autor refratada na voz do personagem, do herói. Nessa charge, a voz da personagem se constitui uma ironia à medida que se pretende dizer A, contudo se diz B, um caso clássico de bivocalidade. Logo, a pretensa avaliação pejorativa dos nordestinos, feita na fala do personagem, decorre do ponto de vista do chargista, que exprime na sua avaliação axiológica de aprovação e apoio aos nordestinos. Nessa avaliação, do ponto de vista do chargista, os nordestinos devem receber maior ou igual atenção, já que são compatriotas dos paulistas.

É sobressaliente, nesse texto, a presença do enunciado “Talvez aí, alguns paulistas me recebam melhor”. No enunciado, verificamos a entonação no horizonte semântico do chargista de que os paulistas pensam ser superiores em relação aos nordestinos e de que o tratamento concebido ao último grupo étnico seja de baixa qualidade. Por isso, vemos a intenção discursiva do chargista de denunciar o favoritismo de uma cultura em detrimento de um conjunto de culturas aniquiladas, ao utilizar a palavra “nordestino”. Mais uma vez, como vimos na análise da charge 1, o uso da palavra “nordestino” uniformiza culturas de diferentes grupos sociais, desconsiderando a diversidade entre os nove estados que compõem a região Nordeste.

Ao que se nota na charge, há um confronto entre as chamadas identidades territoriais. De acordo com Castells (2018, p. 59), embora seja essa uma construção de sentidos simplista porque relaciona a noção de cultura a um espaço, e as pessoas relacionam as identidades próprias a fontes de sentido, cuja diversificação dá margem para as interpretações significativas, constatamos, nos últimos anos, uma tendência para o ressurgimento das identidades territoriais. O sociólogo espanhol afirma que isso se deve a dois fatores distintos. O primeiro, a afirmação de uma identidade local; o segundo seria um movimento de conquista de autonomia política e participação dos movimentos que reivindicam a qualidade de vida da população. No caso retratado na charge, ao que parece, trata-se de uma reivindicação de uma qualidade de vida das populações nordestina e paulista ao mesmo tempo que retrata um processo conflituoso entre interesses e valores de atores sociais dispares.

À vista de Castells (2018), as identidades formadas assim são uma tendência do

mundo contemporâneo porque a lógica unilateral capitalista promove a exploração econômica, a dominação cultural e a repressão política. Como meio de resistência a esse movimento, comunidades sociais se renderam a criar sentidos a partir do autoconhecimento, ao usar o seu território para uma autodefesa. É o que parece indicar a charge em análise quando se mostra uma separação entre nordestinos e paulistas, desconsiderando as possíveis confluências na formação cultural desses grupos, principalmente, na era da globalização atual.

Mesmo passando séculos de estudos e de discussão sobre preconceito e estereótipos, ainda vemos as construções estereotipadas do nordestino e sua cultura, aliadas a opiniões ideológico-políticas, conforme, abaixo, na charge 03.

Figura 3- O preconceito e a charge



Fonte: Jornal O Povo. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/ombudsman/2014/11/01>>
Acesso em : 02 jun. 2017.

Essa charge, publicada no jornal cearense, *O Povo*, em 28 de outubro de 2014, surgiu como fruto da polêmica sobre os nordestinos após as eleições no mesmo ano, no início do mês supracitado. Os nordestinos foram alvo de ataques no ciberespaço porque deram um número expressivo de votos à presidenta reeleita, Dilma Rousseff. Houve momentos em que a apreciação sobre eles perpassava pelos estereótipos e o preconceito. É o caso da charge acima, produzida pelo cearense Clayton. A charge descreve uma conversação entre dois homens debaixo de uma árvore, vestidos com roupas retalhadas (para não dizer grosseiramente trapos), com malas feitas de pano de saco, um deles lê um jornal cuja notícia de capa é Dilma reeleita.

Nesse texto, um desses personagens deposita uma esperança na presidenta e se mostra eleitor dela, conforme denuncia o enunciado bivocal: “Agora a coisa vai!”, cuja possibilidade de avaliação é de aprovação ao resultado das eleições e ao modo de governo

da presidente reeleita no período, como se o regime de liderança dela fosse o melhor para todos na perspectiva do personagem, que, nessa charge, é desenhado a partir do estereótipo do nordestino distribuído nas mídias do período. Simultaneamente a essa entonação, o enunciado exprime em forma de ironia a ideia de que há possibilidade de que haja um retrocesso das conquistas e das melhorias, na voz do chargista. Um caso de heterodiscurso expresso em enunciados bivocais.

O plano visual da imagem também se constitui palavra, no sentido que Bakhtin teoriza, conforme explanado em páginas anteriores. Pra Beth Brait (2009), o visual acaba tendo a mesma importância que o verbal na constituição de um sentido a partir de uma esfera que interferirá na sua produção, recepção e divulgação. Além disso, como enunciado concreto e palavra, a imagem estabelecerá uma relação dialógica, definida por Bakhtin (2002) como uma série de posturas assumidas, não dadas de antemão, mas sendo posições expressas na linguagem, possíveis em uma palavra isolada ou em enunciações integrais. Assim como uma palavra verbal está carregada de vozes sociais, nesse caso, há uma heterodiscursividade na palavra visual, à medida que ela carrega não apenas a voz do chargista e do jornal que a veicula, mas instaura um diálogo com vozes diversificadas que constroem um homem nordestino rústico, sempre ligado à terra, apontando para uma memória do passado. O estereótipo do nordestino, como homem do campo e matuto, sem expressividade verbal, agrícola, e a construção da terra árida, seca, com o solo rachado é produto de imagens criadas no início do século XX, as quais continuam a ser reproduzidas no século XXI, para demarcar uma submissão política e uma dependência econômica em relação ao Sul do país.

De acordo com Albuquerque Júnior (2015), durante a primeira guerra mundial, o espaço geográfico do Nordeste era tido como uma tropicalidade exótica. Junto à questão racial, era fator contado como regresso da sociedade e da cultura brasileira. Era um regionalismo, cuja característica fora o apego às questões locais e separatistas. O espaço perdia a sua dimensão geográfica, como acontece agora e a charge acima representa, contudo ganhava uma dimensão histórica construída pelo homem não autóctone. A maior prova de que essa construção era uma irrealidade encontra-se na forma como a cidade de Recife e Olinda foram percebidas no início do século XXI. Embora pertencesse à mesma região, Recife era considerada como centro cosmopolita, onde os filhos da elite iriam para estudar, e como centro de compartilhamento de sentidos em nível nacional. Como ocorreu na história da literatura brasileira, esses signos concebidos na charge representaram muito

mal a paisagem da realidade, não apenas nordestina, mas a do Brasil como um todo, mesmo quando o desejo era destruir a diferença causada pelo olhar exótico (ALBUQUERQUE, 2011, p. 61).

É notável, nessa e nas charges analisadas na seção seguinte, o diálogo que as imagens estabelecem entre si quando descrevem a natureza da região. A terra pobre, os homens pobres. A terra sem horizonte com plantas, animais e pessoas sem rumo e direção, os homens em eterna fuga, com os pés maltratados, homens que resumem todos os seus bens a trouxas de roupas, com roupas rotas e maltratadas pelas condições climáticas mesmo quando o ambiente é urbano. Em um contexto no qual os nordestinos aparecem nas mídias rotulados com estereótipos nefastos para a relações privadas de respeito e amor ao próximo, imagens estereotipadas, como as anteriores, acabam reforçando o preconceito veiculado em torno de um grupo ou classe. Nesse caso, vigora a ideia xenófoba veiculada nos comentários em mídias sociais de que os eleitores nordestinos são sujos, atrasados e ignorantes. Em comentário a essa charge, o artista afirma em artigo veiculado no próprio jornal, na tentativa de justificar-se diante dos leitores:

Faço apenas uma crítica ao primeiro mandato da presidente Dilma, representado (volto a frisar, não por nordestinos) por uma classe que existe em todo o País, a dos menos favorecidos, demonstrando a incerteza ou, quem sabe, a esperança de um segundo mandato mais promissor. (OMBUSDMAN. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/ombudsman/2014/11/01>> Acesso em: 02 jun.2017)

Mas, como afirma Bakhtin (2010, p. 15-16):

De um lado, a singularidade de cada um, a sua unicidade, a sua insubstituibilidade, a peculiaridade das suas relações, dos seus vividos, das suas coordenadas espaço temporais e axiológicas, a irrevogabilidade da sua responsabilidade sem álibi – e é esta singularidade, esta unidade, insubstituibilidade, que cada um tem, nos afetos, nas relações relegadas ao privado, nas relações de amor e de amizade. Do outro lado, as relações de troca entre indivíduos que representam identidades, e, portanto, em cada caso entre conjuntos, gêneros, pertenças, comunidades, classes, aglomerados, coletivos (a identidade individual é inevitavelmente coletiva). Aqui o reconhecimento do outro no máximo alcança o nível da imparcialidade, da paridade, da igualdade, da justiça, do tratamento igual por todos os seus análogos, pelos seus semelhantes, mas sempre de maneira não participativa, indiferente à singularidade, à diferença de cada um – ou antes, com a interdição da não indiferença nos seus confrontos.

De acordo com esse pensamento, é impossível nos isentar da responsabilidade pelos atos, pelos dizeres porque o eu só se constrói na medida em que reconhece a resposta do outro em um diálogo eterno. É uma responsabilidade que tem uma direção específica associada ao mundo da cultura, dos enunciados e da significação em direção da moralidade

do ato. No caso da charge de Clayton, ele exprime que é uma irrevogabilidade única no acontecimento do ser, à medida que se constitui insubstituível e participante nas relações identitárias em seu devir, no acontecimento histórico, ao afirmar: “Faço apenas uma crítica ao primeiro mandato da presidente Dilma”. Ele não possui álibi para o seu posicionamento ao eterno diálogo sobre os valores axiológicos sobre os nordestinos. Seu pensamento reflete uma tentativa de fuga da responsabilidade, de evitar reconhecer o nordestino como pobre, rasgado e mal vestido, sem a imparcialidade e justiça à qual se refere Bakhtin. Em sua justificativa, ele esclarece seu posicionamento ao tentar rotular os personagens descritos como menos favorecidos, suavizando o estereótipo a que reafirma. Por isso, sua escolha no desenho foi mais que infeliz. Reflete a manutenção de um discurso intolerante aos “menos favorecidos”, como o chargista adjetiva os personagens por ele criado na narrativa acima.

Além dessas construções sobre os nordestinos, verificamos, nas charges, a alusão direta a ataques xenofóbicos aos nordestinos e uma crítica velada a eles, como identificamos na próxima charge.

Figura 4- Xenofobia na internet



Fonte: Yahoo Notícias. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no site Yahoo Brasil, faz referência ao caso de xenofobia envolvendo a estudante de Direito Mayara Petruso nas eleições de 2010. Após o resultado do pleito à presidência, houve uma série de manifestações na internet contra os nordestinos nas diversas redes sociais por associá-los à reeleição de Dilma Rousseff.

Nesse enunciado, o chargista retoma a frase de Mayara Petruso, conforme publicado no Twitter, não apenas como lembrança aos fatos, mas, nesse enunciado, como uma construção de sentido irônico, que acaba sendo um caso de heterodiscurso, cuja entonação no projeto discursivo do autor ordinário exprime o juízo de valor acerca do caráter da

estudante de Direito uma índole contraditória, tola e inconsequente ao desejar desvalorizar os nordestinos pela suas escolhas ideológicas ou pela identidade cultural que assumem no país.

Na fala da estudante de Direito, está com uma caixa em linhas vermelhas, como acontece com as palavras “Mayara Petruso” e “Nordestino” na fala do personagem vestido de executivo. De acordo com Guimarães (2001, p. 114), o vermelho é uma cor que pode assumir o sentido de agressividade no campo cultural. Portanto, no contexto, exprime o ponto de vista do chargista de que as declarações e as relações entre Mayara e os nordestinos assumem um caráter violento, agressivo e imprudente.

Quando consideramos a fala do personagem, observamos a bivocalidade da palavra “erro”, à medida que o chargista constrói em seu projeto discursivo a ironia crítica à ação da estudante. A princípio, quando remete à inadequação ortográfica cometida por Mayara, o personagem a associa às inadequações ortográficas de seu filho na escola. Presenciamos a voz paternal aparentemente preocupada com a educação secular de jovens. Embora o seu filho e Mayara Petruso estudassem em escolas de referências, continuavam a escrever a palavra “nordestino” equivocadamente nas redes sociais. Contudo, se observamos que o enunciado adquire um valor crítico, concluiremos que o personagem chama de erro se trata do ato de xenofobia da Mayara Petruso, de menosprezar a todas as pessoas cuja identidade for a nordestina. Embora ambos, o filho do personagem e Mayara Petruso, tivessem acesso ao melhor que a educação secular oferecia no período, escrevem “errado” nordestino porque revelam juízos de atitudes insensatas. A palavra “erro” exprime o juízo de que valores como respeito ao outro, à sua identidade e escolhas não receberam a atenção de ambos.

Sobre a palavra nordestino, na fala de Mayara Petruso, observamos que exprime o sentido de que os nordestinos são indignos da vida e da convivência em sociedade humana. Na fala do personagem executivo, observamos que a mesma palavra expressa um ponto de vista distinto da estudante de direito. Através do personagem, o chargista engendra o valor de que os nordestinos são felizes e dignos da vida, como qualquer ser humano.

Além do estereótipo denunciado acima, encontramos nas charges sobre os nordestinos a denúncia dos estereótipos de que os nordestinos são vadios e preguiçosos, como na charge a seguir.

Figura 5 - O cão tarado



Fonte: Chuva Ácida. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/an>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge da figura 5, criada a partir da polêmica sobre o programa Bolsa Família publicada no *Jornal A Notícia*, em Joiville, Santa Catarina, retrata a discussão que surgiu em 2015 quando o deputado Rodrigo Maia realizou um discurso sobre o programa Bolsa Família.²⁴ No discurso, afirmou que o programa escraviza as pessoas, deixando-as dependentes de uma política pública cujo lema é “dar o peixe, mas não ensinar a pescar”. Vários chargistas se manifestaram contra ou a favor da declaração feita pelo parlamentar. Entre os chargistas manifestantes de uma opinião própria sobre o assunto, está Sandro Schimidt, chargista e cartunista catarinense. Na charge acima, notamos a presença de diversos heterodiscursos cujos diálogos se estabelecem entre si e com discursos externos ao enunciado em observação.

O primeiro heterodiscurso encontra-se no primeiro balão. O político retratado na charge toma como paródia uma das reportagens feita pela revista *Veja* (ed. 1954), sobre o programa Bolsa Família. Nela, embora o repórter elogie o programa governamental, cita Luiz Gonzaga: “Quem dá uma esmola a um homem é que são/ ou lhe mata de vergonha/ ou vicia o cidadão” (VEJA, ed. 1954, p. 108), deixando nas entrelinhas a preocupação com o assistencialismo e as “esmolas” que o governo “dava” aos eleitores.

O segundo encontra-se na fala no balão seguinte. Como acima, há uma alusão ao provérbio chinês cuja autoria é desconhecida, mas ganha no projeto discursivo do chargista uma apreciação depreciativa e irônica: “Dê um peixe a um homem e você o alimenta por um dia. Ensine-o a pescar e você o alimentará.” Geralmente, quando o utiliza, fazem-no

²⁴ Cão tarado, título da figura 5, é o personagem de autoria de Sandro Schmidt que intitula a animação baseada nas charges que o cartunista, quadrinista e chargista do jornal joinvilense *A Notícia*. Na figura em análise, apenas aparece a estrutura óssea do personagem.

para marcar a importância da criatividade, da iniciativa em resolver problemas complexos cada vez mais autoconfiante e independente. No caso explanado, os personagens referem-se aos problemas sociais que a região nordestina enfrenta e que, supostamente, o governo apenas proporcionou um programa comodista, cujo incentivo, na voz dos aliados aos programas hegemônicos, é à preguiça, ao descaso com o trabalho e a um desserviço aos habitantes do Nordeste e do Brasil, conferindo aos projetos sociais um caráter eleitoreiro. Contudo, levando em conta o projeto discursivo do chargista, o enunciado como todo adquire uma entonação distinta. Exprime o juízo de valor de que o programa representa uma pequena melhoria para milhões que vivem na miséria profunda, como a própria charge denota no terceiro balão e no segundo quadro, ao destacar a palavra: “pescar?”, questionando o significado do ato de pescar quando se encontra em completo caos, exprimindo a impossibilidade de falar ou mesmo de agir através de programas incentivadores à meritocracia, sem dar condições para o alcance de méritos (nesse acaso, saciar a fome em primeira instância).

Embora o projeto discursivo do chargista seja o de fazer uma crítica aos famosos lugares-comuns sobre o programa Bolsa Família, como se observa no segundo quadro da charge, fica clara a persistência de uma imagem vinculada à miséria, ao assistencialismo, à penúria climática da região nordestina e aos seus habitantes, perpetuando, assim, a imagem da região em flagelos, em puro infortúnio e lástima climática, atrasada e ausente da modernidade industrial e urbana. A pobreza não é especialidade do Nordeste brasileiro. Ela é uma característica que afeta a todas as partes do mundo. De acordo com dados divulgados pela ONU, em outubro de 2018, 3,4 bilhões de pessoas no mundo lutam para saciar as necessidades básicas com menos de U\$ 3,20 (ou R\$ 11,90) por dia. De acordo com o Banco Mundial, a maior parte dos pobres no mundo vivem nos países mais ricos do mundo. 40% dos pobres estão nos 70 países com economias monitoradas pelas Nações Unidas. Ao falar de Brasil, o IBGE divulgou que a região Sudeste, em 2017, teve 17,4% da população abaixo da linha da pobreza e que a região Sul, com 12,8%²⁵. Dessa forma, a

²⁵ Dados divulgados nos sites da ONU e do IBGE respectivamente, conforme descritos abaixo:
BANCO MUNDIAL: quase metade da população global vive abaixo da linha da pobreza. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
SINTESE DE INDICADORES SOCIAIS: indicadores apontam aumento da pobreza entre 2016 e 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017>> Acesso em: 02 mai. 2019.

noção de pobreza não pode ser localizada em apenas uma parte do mundo, mas se trata de uma preocupação da Nação como um todo.

Nesse sentido, o chargista confere ao ser nordestino a sua assinatura. Ele imprime uma marca, sua participação nesse ser ao valorá-lo a partir de sua posição como chargista e jornalista, mantendo uma relação de confronto e conflito com esse sujeito nordestino no contexto de discussão sobre o suposto “assistencialismo”. Por isso, faz-se necessário o chargista considerar a responsabilidade moral na expressão de sua opinião, na medida em que se vale de estereótipos para protestar contra os fatos desagradáveis dentro da sociedade, cujas construções sociais podem acarretar em discussões sobre a sua ética como jornalista.

São estereótipos desse nível descrito na análise da figura 5 que aprisiona e cala os desfavorecidos socialmente na sociedade brasileira. A próxima charge mostra como essas crenças, ideias e culturas se engendram na sociedade.

Figura 6 - O Nordeste do Pijama Listrado



Fonte: Sorriso Pensante. Disponível em: <<http://www.ivancabral.com/2010/11/charge-do-dia-xenofobia.html>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no dia 07 de novembro de 2010, no *Novo Jornal/RN*, realiza uma parodização do filme e livro *O Menino de Pijama Listrado*, cuja estreia no Brasil foi em 2008. O drama que se passa em 1940 trata da amizade proibida entre duas crianças: um judeu e um alemão. Narra a história de um menino alemão obrigado a mudar-se de sua casa luxuosa em Berlim para uma vida mais simples porque seu pai, oficial nazista, recebeu uma promoção. Quando chega à casa nova, situada em uma fazenda, sente

solidão e procura com quem brincar. Algo lhe chamava sempre a sua atenção – via pessoas com pijamas listrados no fundo de sua casa. Desobedecendo às ordens de sua mãe, vai ao jardim dos fundos para ver as pessoas de pijamas listrados. Em uma dessas ocasiões, conhece o judeu Shmuel, com idade de oito anos. Bruno, como se chamava o jovem alemão, não entendia por que todos tinham de ser inimigos. Por isso, vez após vez, ia para o campo de concentração. Tanto o filme como a obra literária que o inspirou mostram a extrema rixa e iniquidade promovida entre as pessoas pelo nazismo alemão.

Essa pequena sinopse feita servirá para que tenhamos subsídios em observar o diálogo da charge cujo objetivo é retratar a excessiva xenofobia impulsionada contra os nordestinos no período de 2010 (após as eleições que deram a vitória a Dilma Rousseff) com a trama do livro cujo objetivo é denunciar como o nazismo conseguia destruir a pureza e ingenuidade entre as pessoas, independentemente de sua nacionalidade, raça e religião.

Quando nos debruçamos na charge acima, o primeiro diálogo que observamos está no título dela: O menino do pijama listrado. A princípio, é um título pueril, sem nenhum sentido relacionado com a pretensão do chargista. Contudo, é a partir dele que presenciemos as entonações no texto. A charge, por inteiro, é um heterodiscurso. O primeiro está exatamente na linguagem verbal. Como podemos perceber, o título da charge é uma paródia ao título do filme e do livro britânicos. Nota-se, nesse enunciado, uma bivocalidade: os judeus, no filme, eram vistos como monstros e desprezíveis. Por isso, viviam como prisioneiros e apartados da sociedade em condições sub-humanas. No projeto discursivo do chargista em análise, vemos uma crítica ao tratamento xenófobo concedido aos nordestinos. Assim como os judeus viviam apartados da sociedade alemã, os nordestinos são tratados de forma semelhante na sociedade brasileira. São vistos como impotentes e reféns da natureza agressiva de sua terra. Semelhantes aos judeus no campo de concentração, vivem à espera da morte, quer por mãos de grupos terroristas, quer pela implacável natureza das terras da região nordestina. Ademais, a charge projeta uma outra axiologia.

A charge retrata uma criança nordestina vestida com um pijama listrado igual ao dos judeus presos nos campos de concentração na época da Segunda Guerra Mundial, durante o império da Alemanha nazista. Semelhante às cenas do filme *O Menino do Pijama Listrado* (2008), o menino ficava confinado no campo de concentração. Na charge, o campo de concentração é representado pelo campo seco, cheio de abrolhos e mandacarus,

fechado não com grades, porém com cercas. No seu projeto discursivo, o autor realiza uma denúncia ao racismo e à xenofobia dirigidos contra os nordestinos na época de publicação da charge. Vemos nessa charge uma analogia às práticas do ditador e nazista Hitler ao que tentam fazer aos nordestinos e, muitas vezes, concretizam, conforme relatos registrados em justiça e julgados, como vimos em análises nesse espaço.

Na época de publicação da charge, houve a manifestação de diversos grupos neonazistas no Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República calcula o aumento de blogs Neonazistas. Eles cresceram 550% entre 2002 e 2009. Em Santa Catarina, por exemplo, em 2013, já existiam 45 mil pessoas simpatizantes com as ideias neonazistas²⁶.

De acordo com Lima (2011), temas debatidos por tucanos e petistas durante as eleições corridas em 2010, como a legalização do aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo, deram maior força ao movimento.²⁷ Consoante a revista *Isto É*, (publicada no dia 22 de outubro de 2010), o ódio aos nordestinos foi radicalizado (no ciberespaço, principalmente) por grupos neonazistas²⁸, os quais acreditam que, durante esse período, houve a perda de poder dos brancos e ascensão de uma nova classe média.

No projeto discursivo, o chargista não apenas tece uma crítica aos grupos terroristas contra os nordestinos, mas há uma avaliação axiológica que exprime a iniquidade do discurso de ódio pregado na sociedade brasileira contra os nordestinos e o poder desse discurso de destruir, até mesmo, a ingenuidade das relações pueris. A expressão facial do menino revela o sofrimento psicológico, resultado da rejeição provocada pelo ódio, sem motivação aparente. O campo ao qual está recluso não tem alegria e vida alguma. A avaliação do projeto discursivo do autor, mediante essa parodização, revela os danos que as ideologias neonazistas imprimem na sociedade para todos.

²⁶ Conforme dados divulgados em reportagem divulgada pelo site R7, descrita abaixo:

Região Sul do Brasil concentra cerca de 100 mil simpatizantes do neonazismo. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/regiao-sul-do-brasil-concentra-cerca-de-100-mil-simpatizantes-do-neonazismo-10062014>> Acesso em: 02 mai. 2019.

²⁷ Dados fornecidos por Adriana Dias, antropóloga brasileira, pesquisadora da UNICAMP, que estuda o neonazismo no Brasil desde 2002. Abaixo, descrevemos a referência.

LIMA, Eduardo Sales de. Neonazistas brasileiros saem da toca?. **Brasil de Fato**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/content/neonazistas-brasileiros-saem-da-toca/>> Acesso em: 02 mai. 2019.

²⁸ De acordo com Sklarz (2014), os neonazistas aceitam em seu grupo apenas homens brancos, religiosos, jovens e com diploma de nível superior. Eles passam por um ritual de aceitação, que seria espancar um negro, nordestino ou judeu na rua. Os líderes resguardam -se de participar de tais maltratos porque possuem uma condição financeira melhor e um alto grau de instrução e desejam livrar-se de ações judiciais.

Nesse caso, a palavra *nordestino* assume aqui a axiologia de um ser vitimado pelas ideologias, pelo sofrimento psicológico, provocado pela rejeição, e pela xenofobia, difundida na sociedade brasileira, conforme veremos na próxima imagem.

Figura 7- Misture um pouco de água...



Fonte: Jornal O Tempo. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-28-10-1.938724>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no jornal *O Tempo*, no dia 28 de outubro de 2014, trata de uma crítica às diversas postagens sobre os nordestinos, feitas no Twitter e no Facebook, cujos ataques foram feitos novamente no ano das eleições federais e estaduais do mesmo ano de publicação da charge.

A princípio, observamos na charge a apropriação da linguagem e estilo do gênero manual para tecer uma crítica à xenofobia praticada contra os nordestinos. Como abordamos em espaços anteriores, trata-se de uma manifestação do heterodiscurso. A linguagem da receita na fala do personagem permite ao chargista inserir duas linguagens no seu projeto discursivo, à medida que estratifica a unidade linguística e aprofunda a natureza heterodiscursiva da linguagem da charge, nesse caso específico em análise. Na fala, o personagem inicia com um verbo no imperativo, informando ao outro personagem como cultivar o preconceito contra o nordestino. Em seguida, o personagem cita os ingredientes para formar o preconceito na sua forma hidropônica.²⁹ A palavra “preconceito” é empregada para caracterizar a ação xenófoba contra os nordestinos, como sem raiz e multiplicadora; porém, sempre viva, assim, como as plantas cultivadas sem a

²⁹Faz-se necessário explicar o que é essa prática para entender o enunciado e a entonação da palavra Nordestino nessa charge. No seu projeto discursivo nessa charge, o autor Duke alude a uma prática de cultivar plantas chamada hidroponia. A planta adquire os nutrientes necessários à vida, como a água e os sais minerais sem a ajuda do solo. Na hidroponia, a planta fica suspensa em meio líquido ou apoiada em areia lavada, que é substrato inerte (CASTELLANE e ARAÚJO, 1995).

necessidade de extrair do solo a sua fonte de vida, a água e os sais minerais para a vida, as chamadas plantas hidropônicas.

Os sentimentos de ódio, de soberba e de ignorância são tratados como nutrientes necessários para o preconceito contra os nordestinos existir. Dessa forma, o autor deixa escapar em seu projeto discursivo que o preconceito, além do desconhecimento, da ignorância sobre pessoas, sobre grupos com características, sobre ideologias e sobre crenças distintas são acompanhados de características como ódio, orgulho e arrogância. Trata-se de um comportamento fundamentado no desprezo, sem lógica alguma. A discriminação contra nordestino, nos períodos eleitorais, se tornou uma experiência e um comportamento tão normal para grupos neonazistas da sociedade que piadas, músicas, ditados populares sobre os nordestinos se tornam “brincadeiras”, inocentes e divertidas.

A palavra *nordestino* recebe uma avaliação axiológica semelhante ao que observamos na análise da charge 08. No projeto discursivo do chargista, o nordestino é visto como vítima de um discurso de ódio presente na sociedade brasileira, cuja pretensão é a manutenção de uma polarização no país entre nós e outros e de um sistema de dominação que enfatizam características negativas em nordestinos e uma exaltação de características positivas em grupos do Sul e Sudeste do país.

Nesse enunciado concreto verbo-visual, há uma série de simbologias que constituem o projeto discursivo do chargista a respeito do preconceito nordestino. A miscelânea de cores na charge usada acima, no projeto discursivo de Duke, certamente é conveniente para ressaltar as ideologias nefastas por trás do discurso de ódio contra os nordestinos, perpetuado na internet nos dias pós-eleições. O personagem masculino na charge está vestido de branco e de vermelho. De acordo com Guimarães (2000), a cor branca pode representar impessoalidade, frieza e, sobretudo, alude ao vazio de ideias. O vermelho está associado à violência, à guerra, ao derramamento de sangue e faz uma menção ao ódio. O cinza do balde está associado a movimentos separatistas. O verde que a senhora veste lembra os movimentos de caráter conservadores e liberais radicais. Além das cores, a água também apresenta uma simbologia. Ela representa a origem de tudo, a vida e a fertilidade. Lembra, nesse caso, os discursos de ódio fomentadores de preconceito e de separação entre as pessoas.

A palavra *nordestino*, nesse caso, recebe uma avaliação axiológica que exprime a ideia de que os povos desse grupo são vitimados pela violência simbólica ou física na sociedade brasileira por motivações ideológicas, como se explica melhor na próxima

charge.

Figura 8- A culpa é do Nordeste...



Fonte: Diário de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge da figura 08, publicada no *Diário de Pernambuco*, no dia 31 de outubro de 2014, retrata a reação dos eleitores do Sul e Sudeste sobre a importância do Nordeste para a reeleição da presidenta Dilma Rousseff, em 2014. Como na análise de charges anteriores, muitas foram as reações no Twitter, no Facebook e em outras redes sociais contra os nordestinos e sua cultura com a intenção de desabonar a escolha política nas eleições e rotular os nordestinos de “culpados” por votarem “mal”.

Essa charge se constitui em uma ironia à situação de desordem estabelecida nas redes sociais. Ela está demarcada nas falas e na caricatura dos personagens, que demarcam a presença de duas vozes sociais distintas e opostas. A primeira trata-se de um personagem cuja representação é a dos internautas sulistas e sudestinos que usaram o espaço cibernético para fazer circular os discursos de ódio sobre o Nordeste e os seus habitantes. A segunda, simbolizando a voz social dos nordestinos, é o humorista Tiririca, nascido no estado de Ceará, eleito como deputado federal, representando o estado de São Paulo pela terceira vez, no ano de publicação da charge.

No primeiro balão, o autor destaca um enunciado repetido com frequência nas redes sociais: “É culpa do Nordeste que não sabe votar!”. Nesse enunciado, há uma axiologia que revela a ausência de uma educação política entre os habitantes da região nordestina, por isso escolhem mal os seus representantes. A palavra *culpa* presente no texto revela uma avaliação dos sudestinos do resultado da escolha da presidenta Dilma Rousseff como um crime, uma infração dolosa. Por isso, a entonação que assume a palavra Nordeste no enunciado é a de que os habitantes da região não sabem escolher seus representantes, são analfabetos políticos.

No segundo balão, vemos que o personagem que profere o segundo enunciado é um nordestino eleito em São Paulo, o Tiririca. A presença dele na construção do projeto discursivo do autor convencional revela a ironia do chargista por trás do projeto discursivo do chargista. Na construção desse projeto, o personagem eleito denomina os sudestinos de “abastados”. Nessa palavra, constatamos um heterodiscurso cuja ênfase do chargista é na avaliação feita sobre os internautas xenófobos: os preconceituosos são os leigos, que demonstram a inaptidão em exercer o seu direito de voto. Isso se ressalta ainda mais quando presenciamos o próprio candidato vestido com a indumentária de palhaço, sua profissão exercida na infância, na sua cidade natal, Itapipoca.

É nessa estratificação e contraposição de vozes que se constitui a ironia presente na charge acima, e se revela o heterodiscurso. A princípio, o chargista parece concordar com a ideia de que os nordestinos não sabem usar do seu direito de voto; contudo, a avaliação axiológica contida no projeto discursivo dele revela uma crítica contumaz à galhofa feita ao eleger um representante que se alcança através do humor, não por propostas políticas.



Fonte: Jornal de Brasília. Disponível em: <(www.jornaldebrasil.com.br)> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no *Jornal de Brasília*, ironiza o crescimento do eleitorado nordestino e a briga dos candidatos para conquistarem os votos da região Nordeste. De acordo com notícias publicadas no mesmo jornal, o número de eleitores na região Nordeste subiu para 51% nas décadas de 1994 a 2014, superando o número de eleitores em relação a todas as outras regiões brasileiras. Os efeitos disso nas urnas são pequenos a curto prazo, mas, a longo, o aumento poderá impactar no resultado de uma eleição apertada, como foi a de 2014, retratada na charge acima.

O tema da charge é *eleitorado nordestino*. Nesse enunciado concreto, observamos que a palavra em análise, *nordestino*, por si já expressa a intenção discursiva do chargista em satirizar a situação de disputa dos candidatos aos votos que podem colher no Nordeste.

A palavra *nordestino*, no caso, é valorada a partir do horizonte social legitimado historicamente sobre a região, desde a República Velha, de que é o “curral” de votos e fonte de benesses para políticos e candidatos.

Assim, o chargista avalia a região como objeto disputado pelos políticos, os nordestinos como artigo de posse para ganhar os votos. Para engendrar a entonação e produzir o sentido de objeto, mercadoria na palavra *nordestino*, o chargista concebe aos personagens em seu projeto discursivo o egoísmo e a possessividade. Esse projeto discursivo está palpável linguisticamente no uso do sintagma verbal: *É meu...*

Nesta seção, vimos quais valores e juízos estão envolvidos na construção da identidade nordestina quando as charges mencionam os habitantes dessa região. Na próxima seção, veremos como os chargistas engendram os seus discursos sobre a terra como espaço geográfico.

3.1.2 As representações da terra

Nas charges analisadas, vemos uma ligação da terra com o clima semiárido nordestino, solo seco partido, paisagens brutas e associado a um local desprovido de cultura, conforme podemos conferir abaixo.

Figura 10 - Pode começar a morrer vaquinha...



Fonte: Humor Político. Disponível em: <www.humorpolitico.com.br/tag/93lcanç/page/2/> Acesso em: 02 jun. 2017.

Essa charge publicada na plataforma de chargistas brasileiros *Charge Online* e no *Humor Político*, no dia 28 de março de 2013, pertence a Newton Silva. Pode-se observar uma crítica humorada da seca, ocorrida no Nordeste, e da situação política de 2013, que

viveu a região e o resto do país. De acordo com o periódico *O Diário do Nordeste*³⁰, a falta de chuva na região devastou a criação de animais porque deixou açudes, rios e pastagens secos. A estiagem contribuiu para a queda da produção de leite e para o aumento no preço da carne.

A primeira observação a ser feita nesse texto é a presença do diálogo entre os enunciados “pode começar a morrer” e “vai chover dinheiro” com os ditos populares do Brasil para marcar a extremo que a catástrofe climática atinge a região e as suas consequências. Esses diálogos estabelecidos entre os enunciados com as máximas populares marcam a jocosidade com que a charge lida com o problema da seca, além de conter uma entonação de caráter político-ideológico, que funciona como uma acusação à ex-presidenta Dilma Rousseff. No primeiro balão, o enunciado “pode começar a morrer vaquinha...” marca a impossibilidade de haver chuva na região e, simultaneamente, indica a única oportunidade para o animal de livrar-se da situação vivida: a morte. A palavra *Nordeste*, na gravura, é associada ao flagelo causado pela seca e ao desequilíbrio climático, conforme vemos na avaliação, na entonação acima.

No segundo balão, o chargista engendra uma entonação que exprime uma acusação contra a ex-presidenta, que envolve todo território nordestino. A personagem diz: “*vai chover sim... mas é muito dinheiro no bolso dos governadores para apoiar a Dilma...*”. Nesse enunciado, vemos uma afirmação velada contra os habitantes do Nordeste, a de serem apenas números de votos. Nesse caso, a entonação associa a palavra *Nordeste* do primeiro balão ao sistema desmoralizado de compras de votos questionado nas mídias, no judiciário e nos jornais em todo o território nacional.

Ainda na figura, observamos a presença da linguagem da fábula estratificada na linguagem da charge, como se estivesse em uma zona limítrofe. Os personagens dessa narrativa, apresentada em discurso direto, são animais e plantas característicos da região nordestina. Presencia-se a linguagem na forma heterodiscursiva e num enunciado híbrido. Como afirma Bakhtin (2017, p. 84):

Chamamos de construção híbrida um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertencente a um falante, mas no qual estão mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas *linguagens*, dois universos semânticos e axiológicos. Entre esses enunciados, estilos, linguagens e horizontes, repetimos, não há nenhum limite formal-

³⁰ Política, vítimas e burocracia. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <www.diariodoNordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1261283?> Acesso em: 02 jul. 2017.

composicional e sintático: a divisão das vozes e linguagens ocorre no âmbito de um conjunto sintático, amiúde no âmbito de uma oração simples, frequentemente a mesma palavra pertence ao mesmo a duas linguagens, a dois horizontes que se cruzam numa construção híbrida e, por conseguinte, tem dois sentidos heterodiscursivos, dois acentos [...].

Nesse enunciado e nessa palavra, como assim podemos tratar a charge, a hibridação ocorre sob dois pontos de vista: o da cultura e o da metalinguística. Sob o ponto de vista cultural, percebemos a hibridação no exagero dos estereótipos do território nordestino.

A descrição da terra como desértica começa no século XIX como herança do projeto de identidade criado para o Oeste norte-americano. De acordo com Oliveira (2000, p. 120-148), as narrativas culturais sobre a região americana imprimiram um homem do Oeste selvagem, uma terra infernal, atacada pelas transformações climáticas, animais perigosos, com uma imensa vastidão de campos e florestas considerados armadilhas para o civilizado deteriorar-se. Além disso, as lendas sobre o local eram cheias de hipérboles sobre a natureza que originaram mitos como as figuras históricas Búfalo Bill e Zorro, por exemplo. Durante o século XIX, sobre essa região norte-americana, nasceram os mitos sobre as guerras contra os ameríndios, sobre as corridas para o ouro e sobre os grandes barões do gado, além de nascer essas narrativas sobre os mitos da urbanização e da industrialização do Oeste. Esse processo de construção de projeto identitário ocorreu similarmente no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, quando as narrativas sobre o Nordeste descreviam uma terra flagelada, rude, com homens e mulheres brutas e selvagens.

Narrativas oficiais como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por exemplo, concentravam-se, não na incompetência das autoridades de resolverem os problemas sociais, mas nas catástrofes climáticas e na naturalização do homem rural nordestino como fruto do meio árido e seco, decorrente de correntes científicas como o evolucionismo, o determinismo social e o positivismo. Por isso, Euclides da Cunha percebia a terra (em sua época conhecida como Sertão) com o olhar pejorativo, com uma representação do indesejado, simbolizando o execrável como exemplo de nacionalidade brasileira, como exemplo o excerto que se segue, no qual ele projeta a imagem da terra sertaneja como um purgatório e desafio: “O martírio o homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral a vida” (CUNHA, 1966, vol. II, p. 136).

Contrariando à narrativa oficial da guerra, conhecida como *A Guerra de Canudos*, a história secular mostra que o conflito surgiu, por exemplo, por conta da má administração das terras, da influência religioso-política do catolicismo e, principalmente, do medo dos

donos dos fazendeiros locais. De acordo com Tavares (2008, p. 309-310), o padre Antônio Vicente Maciel, conhecido como o padre Conselheiro, chegou à antiga fazenda de Canudos e ganhou influência sobre os habitantes, basicamente ex-escravos, vaqueiros, trabalhadores rurais e comerciantes de pequeno porte. Temerosos da influência do clérigo e da crescente concentração de homens e mulheres no local, cujo poder econômico aumentava com maior velocidade, proprietários de terra da região realizaram sistematicamente uma série de denúncias de Antônio Conselheiro e de Canudos às autoridades locais e federais. Contrário ao que desenha Euclides da Cunha em sua narrativa, a terra não era um infernal purgatório, mas produtiva, e a influência econômica do arraial de Canudos amedrontava o poder local e a elite rural do período.

Atualmente, nas narrativas chargísticas, como a que acabamos de ler, projeta-se também hibridação em nível cultural à medida que o autor aceita as tradições culturais e seus signos como parte dos processos modernos e promove um produto da indústria cultural (como as charges) em um espaço internacional no qual somos convidados como leitores e consumidores desse produto cultural a passear pelos acontecimentos. A charge em questão, como produto cultural, reproduz uma propaganda publicitária das convicções político-partidárias, cujo objetivo é fazer todas as pessoas acreditarem nas ideologias circulantes do mundo contemporâneo, a saber, de que existe apenas corrupção e de que a seca é, sobretudo, não parte do clima local, mas fruto do sistema político corruptível.

Do ponto de vista da metalinguística, temos a presença do heterodiscurso nos regionalismos linguísticos (marcado pelos adágios, pelo uso do diminutivo, pelo estilo fantástico inserido na narrativa – próprio da fábula e do cordel). Vê-se também a hibridação desse enunciado ao observar um gênero cujo estilo remete ao cruzamento da literatura com as mídias contemporâneas (jornais, revistas e sites jornalísticos). Similarmente, a hibridação se manifesta nesse enunciado quando os personagens e o tema se inter cruzam, não apenas em uma história inventada na charge, mas também quando traz a realidade (ou tenta trazê-la, à medida que a redesenha sob um ponto de vista) para ser discutida e debatida com a sociedade.

Nesse texto, ressalta-se ainda a construção de sentidos feita através da memória coletiva e pelas instituições de poder ao longo do tempo. O chargista refere-se à região nordestina através de insígnias como a seca, elementos da vegetação e da flora. Assim, era também na imprensa do passado. Desde o final do século XIX e o início do século XX, principalmente, durante a Primeira Guerra Mundial, quando o Brasil estava se constituindo

nação, a imprensa brasileira estava cheia de relatos sobre os costumes das regiões do país. Nesse texto, a referência ao Nordeste como uma região de catástrofes climáticas foi uma construção de sentidos determinada com objetivos e interesses, os quais determinaram o seu conteúdo simbólico. De acordo com Albuquerque Júnior (2011), na década de 20 do século XX, nasce um novo regionalismo, cuja forma de perceber o espaço geográfico refletia as mudanças no campo econômico e técnico (a exemplo da urbanização, da industrialização e imigração). Como afirma Castells (2018, p. 55):

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Foi o que aconteceu no caso do Nordeste. Diferentes saberes foram mobilizados no intuito de compreender a nação a partir das suas partes, cuja individualização e identificação eram importantes para a manutenção do poder da elite. A partir de doutrinas, como o regionalismo naturalista, tentava-se explicar as diferenças, não sob o ponto de vista das diferenças geopolíticas, mas da forma como manipulavam os discursos institucionalizados. Para as elites locais, através do regionalismo brasileiro, as diversidades climáticas, as vegetações, os costumes explicam as diferentes práticas sociais, os hábitos e a psicologia das pessoas residentes de cada região. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). O nacionalismo, acentuado na década de 20 do século passado, aumentou as práticas que visavam ao conhecimento das particularidades do Brasil inteiro para se pensar em uma política de unificação. Nesse período, por exemplo, houve projetos de publicar uma Enciclopédia Brasileira, cujo objetivo era reunir informações sobre as realidades diversas existentes no Brasil. Embora seja esse projeto interessante para constituir o país como uma nação no sentido pleno a que as elites brasileiras almejavam, a construção do Brasil como uma nação, como assim se podia conceber naquele contexto histórico, era um processo politicamente orientado. Certamente, a hegemonia de espaços políticos e geográficos prevaleceram.

Apesar da disputa pelo espaço político e geográfico, não se trata neste trabalho fazer uma apologia a uma segregação cultural: a cultura da elite *versus* a cultura popular, cultura autóctone *versus* cultura importada ou mesmo uma negação de dicotomias assim. Os estudos contemporâneos da cultura e da identidade, como a dialógica cultural proposta por Morin (2001), mostram que a cultura se constitui nos tempos contemporâneos de uma troca

complexa de capital técnico e cognitivo para proporcionar as proibições, regras, crenças, mitos e valores necessários para a manutenção, reprodução das formas diferentes de vivências, organizações sociais e culturas. De fato, a charge em análise exemplifica a confluência de culturas em sua complexidade, na medida em que tacitamente mostra os signos caracterizadores do que hoje se apresenta como a cultura nordestina rural, como elementos importantes para a sobrevivência dela em um gênero jornalístico veiculado em uma mídia de caráter urbano. Essa confluência cultural dialógica é vista no momento em que se apresenta um gênero discursivo de caráter europeu mesclado com elementos da literatura fantástica nordestina (a fábula, como elemento denunciador de problemas climáticos e políticos da região e do Brasil) e os adágios nos quais aparecem uma entonação depreciativa sobre a região e o país: “Apenas corruptos governam o país e o Nordeste”.

Similar a essa representação, na charge abaixo, observamos a terra associada à imagem de “curral” eleitoral, manipulada pelos poderosos, numa continuidade histórica sem fim.

Figura 11- Volta dos coronéis.



Fonte: Nani Humor. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/2012/08/a-volta-dos-coroneis.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima descreve humoristicamente uma das práticas políticas comuns no Nordeste, no início do século, ao mesmo tempo que a compara com os meios de conseguir a ascensão ao poder político. O enunciado “seca no Nordeste traz de volta “ ‘os coronéis da água’ ” traz uma avaliação de que, no Nordeste, sempre os coronéis existiram e se valeram do poder das necessidades físicas, como saciar a sede, para lograr ascensão política. Ao mesmo tempo, como observamos na análise da charge 01, o autor usa a palavra Nordeste associada à entonação de que todas as culturas existentes nessa região geográfica são homogêneas, como se todos os habitantes e todas as culturas existentes nela agissem e se

comportassem da mesma forma, como o personagem acima.

A charge da figura 11 projeta a vontade discursiva do seu autor ordinário e da mídia que a veicula, como se pode constatar na análise a seguir. Sobre o enunciado, Bakhtin (2015) afirma que a vontade discursiva do falante se concretiza na escolha de um gênero discursivo, cuja determinação ocorre pelas marcas temáticas, pela atuação semântica e pela situação da comunicação (BAKHTIN, 2015, p. 38). É o que acontece nesse enunciado analisado. Em vista de se tratar de um gênero jornalístico, emite uma opinião do autor convencional ou mesmo do meio midiático que o circula. A vontade discursiva de tecer uma crítica ao problema social e político que se tornou a crise hídrica no Nordeste se satisfaz, à medida que o deboche e a crítica se conjugam de forma a levar o seu objeto de crítica ao ridículo (DAVIES, 2011). É o que acontece na imagem descrita na figura 11.

Nesse enunciado, observa-se um político montado, cavalcando sob um homem sedento e animalesco, a saber, o nordestino representado na charge, como um asno, destituído de inteligência e sabedoria para realizar suas escolhas, principalmente. Apenas age humilhantemente para saciar suas próprias necessidades fisiológicas, sem importar-se com o futuro. Por sua vez, a entonação que a parte visual do enunciado contém sobre os gestores nordestinos, revela-os como líderes aguerridos, manipuladores e extorsores, cujo objetivo principal é controlar as escolhas dos eleitores através da compra de votos, a prática eleitoral chamada de voto do cabresto, cuja manipulação se dava na troca do voto por favores, como compras de remédios, ofertas de empregos, vagas em hospitais e sistema de irrigamento e esgoto, conforme vemos na charge a promessa (em forma de demonstração feita pelo personagem coronel) de saciar a sede. É notável que esta entonação presente na charge acima restringe essa prática como parte da cultura do Nordeste e aos dirigentes nordestinos, como se pode observar no enunciado “seca do Nordeste traz de volta os ‘coronéis da água’”, quando se menciona um possível regresso através da expressão “traz de volta”, vocábulo sugestivo para levar os leitores a crerem que sempre fora assim nessa região e que a história se torna cíclica entre os nordestinos, porque se repete a mesma prática.

Além dessas constatações, o enunciado restringe a prática apenas aos locais rurais e às cidades de difícil acesso, as cidades denominadas interiores, o que se revela como uma mentira, levando em conta a realidade histórica dessa região e do Brasil inteiro. De acordo com Leal (2012), o coronelismo nem sempre possuía uma chefia de uma figura militar, mas a de uma figura cuja influência fosse poderosa e pudesse usar os aparelhos do Estado

para lograr os seus objetivos, em troca de votos aos candidatos apoiados por essa liderança. O líder local (que poderia ser o político local, mas na maioria das vezes representado pela figura de um prefeito, um fazendeiro ou mesmo um industrial) podia requerer cargos públicos para oferecê-los aos de sua confiança, como foi o caso, por exemplo, de Rio de Janeiro, Distrito Federal e Goiás. As eleições desses lugares tinham apenas validade quando os chefes conseguissem um acordo entre si. De fato, os chefes locais, os chamados “coronéis”, montavam uma estrutura de controle arcaica, fácil de controlar e desmontagem rápida a serviço do privado para lograr o poder no seu sentido absoluto e prejudicial, com fins particulares, não apenas no Nordeste, mas no Brasil inteiro.

Na figura 11, existe um extremo de ambos os personagens. No personagem coronel, o esforço de aumentar a sua influência e poder, ao passo que o personagem autóctone (o campestre) se esforça para conseguir a água da qual necessita em meio ao ambiente hostil, árido com ossadas e mortífero. Apenas os cactos, a única planta da paisagem, parecem oferecer uma esperança aos seus residentes de alguma forma surgir vegetação. A água que derrama produz a avaliação de que há uma luta árdua pela vida, pela sobrevivência, sobretudo, nas situações emergenciais de crise hídrica.

Esse enunciado caracteriza a relação de poder nas cidades de risco à crise hídrica: a tensão entre latifundiários *versus* trabalhadores do campo e seus respectivos interesses. O humor dele é heterodiscursivo, à medida que vemos a bivocalidade da palavra “coronéis” e na própria imagem. Há a voz do chargista que avalia esses políticos como mandonistas, controladores dos recursos naturais, oportunistas que conseguem manipular as pessoas ao seu redor para empossar os seus candidatos e para satisfazer os seus desejos, como há a avaliação da voz da elite política de que o compromisso dos “coronéis” era puramente manter a submissão das pessoas e barganharem a sua força de trabalho ou outros dotes que os trabalhadores e cidadãos ofereciam com a proteção e favores políticos.

O que é mais notável nesse enunciado é o resgate da cultura norte-americana na descrição da paisagem natural do Nordeste brasileiro. Como vimos e fora descrito, a paisagem do Nordeste como um todo se trata de uma paisagem sofrível, hostil à vida e aos recursos naturais próprios para a manutenção do estereótipo da miserabilidade. A descrição imagética do Nordeste nessa charge e nas outras é um heterodiscurso, uma hibridação do enunciado e da cultura. Morin (1979, p. 40-41) postula que, na sociedade, os saberes, principalmente os culturais, comunicam-se entre si, fazendo com que ideias antagônicas e concorrentes se tornem complementares, ao passo que o espaço comporta o conflito de

ideias para formar novos saberes e realizar a manutenção da cultura dentro da sociedade. Afirma Morin (1979, p. 40-41) sobre o comércio dialógico, que o diálogo se estende a ideias de culturas diferentes, ocorrendo o que ele chama de síntese das ideias e em um verdadeiro movimento de hibridação cultural. É o que presenciamos nessa charge com a tentativa de reproduzir e manter no Nordeste brasileiro, no fim do século XIX e no início do século XX, a construção do mito do homem selvagem praticado no Oeste dos EUA. Essa hibridação expressa o claro projeto cultural do que seria a região brasileira. Ela imprime outros enunciados de caracteres culturais e produzem sentidos à medida que fazem uma conjunção de referências ao mundo do *cowboy* e das lendas a respeito do Oeste norte-americano, mantendo um diálogo com elas.

Notamos, nessa charge, a construção de relatos coerentes, eloquentes, dramáticos e dialógicos na medida em que elementos da cultura do Oeste norte-americano estão operados transnacionalmente para construir não apenas traços identitários de uma região tão distante do Oeste norte-americano como a nordestina, mas também reestruturá-los em conjuntos interétnicos, gerando uma nova forma de segmentação na cultura brasileira e do mundo

Na descrição do oeste norte-americano e dos seus costumes associados nessas lendas, vemos as referências ao mundo embrutecido, rude, com homens anárquicos selvagens, cujos conflitos eram sempre contra as forças naturais ou contra os poderes políticos, o paradoxo entre a civilização e o selvagem. De acordo com Marcondes (2009), as lendas dos *cowboys* dos faroestes são marcadas por uma série de oposições que possibilitam o funcionamento de uma dialética que envolve a busca, o conflito e a fuga. De forma similar ao que aconteceu no Nordeste, construiu-se uma imagem de que o homem sempre está em uma relação com a natureza exótica, ora conflituosa, ora harmônica. As lendas sobre o *cowboy* são sempre cheias de estigmas e hipérboles e, por isso, estereotipam o homem e da cultura no oeste norte-americano. Em alguns casos, os *cowboys*, personagens dessas lendas identitárias, são homens violentos, sujos e com barba a fazer e embrutecidos. Por exemplo, na literatura e no cinema, a natureza é sempre vista como cheia de obscuridades, mistérios e força, cuja chance de sobrevivência para os seus habitantes está ali. É o espaço marcado pelo predomínio do lugar árido, pela violência, afastado da urbanização, colonizado à moda europeia.

Tal semelhança com a descrição da charge em análise não é ocasional. Isso representa um diálogo natural entre as culturas para estabelecer uma relação simbiótica

cujo propósito é a organização de uma identidade. Em ambos os casos, embora em culturas distintas, o homem é visto como selvagem. A terra é o lugar que promove conflitos entre o homem e a natureza, caracterizados pelo caos político, marcados por valores arquetípicos, como a busca, o conflito e a fuga.

O primeiro conceito dessa tríade de valores e arquétipos mencionada é o mais entranhado nas descrições do *cowboy* e do sertanejo, embora, como expressa Marcondes (2009), em ambos os panoramas culturais, estejam situados em contextos históricos diferentes. Dentro desses panoramas, o valor da busca envolve a constante procura de sinais, símbolos ou mesmo que ainda dúbios. É uma ação perene e inacabada. O segundo valor é o momento de procura das respostas, das resoluções. Quando se aplica o segundo momento, ocorre o terceiro, que se caracteriza pelo escape. Tudo é desconhecido e desliza.

No caso da charge anterior, temos o valor da busca ilustrado pela incessante procura do nordestino pela água que lhe é oferecida em forma de gotículas, pouco sacia a sua sede. O conflito ocorre quando, embora pouca e oferecida como item escasso, o personagem nordestino submete-se a situações extremamente humilhantes como é o caso de pôr-se no lugar do asno e levar o coronel da água em suas costas. O terceiro é o momento da tentativa do consumo, em que o personagem se esforça para saciar a sua sede e não perder a oportunidade, talvez, única.

Mesmo quando é para representar a catástrofe climática em outros estados fora da região nordestina, constatamos a recuperação das imagens brutas que lembram a caatinga nordestina estereotipada, conforme a charge a seguir.

Figura 12- Retirantes...



Fonte: Folha da Manhã. Disponível em: <<http://clicfolha.com.br/materia/37225/charge-por-cazo>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima foi retirada do jornal mineiro *Folha da Manhã*, publicada no dia 08

de agosto de 2014. Ela faz referência à crise hídrica ocorrida no estado de São Paulo nesse mesmo ano.

No enunciado acima, o chargista usa a palavra “Retirantes” no plural. Como observamos em outras análises, a palavra retirante e a caracterização dos personagens que os representam apenas são aplicadas ao nordestino. Todavia, nesse enunciado a mesma palavra avalia ambos os personagens, porém, em situações diferentes. As reticências e a desinência de plural encontradas na palavra “retirantes” enfatizam a ideia de que a busca pelas melhorias sociais em outro lugar não é apenas dos nordestinos, mas pode ser de ambos os personagens caracterizados. Assim, o chargista, com uma intenção discursiva distinta, apresenta uma busca pelo caminho inverso. Em vez de o nordestino ir para São Paulo em busca de riqueza ou melhores condições de vida, o paulista vem para o Nordeste em busca de água e de melhores condições de vida.

No balão, as palavras “fungindo”, “seca”, “SP” estão em letras maiúsculas, sendo que a primeira do grupo possui uma inadequação ortográfica. Há aqui a possibilidade de duas entonações: a primeira avaliação refere-se à primeira palavra do grupo. O chargista, no intuito de cumprir a sua intenção discursiva, usa-a com inadequações ortográficas para assemelhar o personagem paulista ao retirante nordestino, que sempre é visto como matuto e ignorante ao saber acadêmico, construído ao longo da história como mentalmente inferior, cuja fala revela um afastamento do padrão normativo. Podemos, dessa forma, verificar a tácita interferência de um heterodiscurso, cujo caráter é irônico. Na maioria dos discursos, como presenciamos nas charges anteriores, reproduz-se a imagem do nordestino como matuto, como agricultor, como ignorante ao saber acadêmico, que fala “errado” e pensa tortuosamente; nessa charge, incorpora-se o mesmo sentido para descrever o personagem paulista. Portanto, ambos os retirantes estão em condições iguais.

Por isso, a condição de retirante matuto não é apenas do nordestino, porém, do paulista, agora evadindo para terra, antes estigmatizada por causa das crises hídricas, e assumindo, até mesmo, as aparentes formas de expressar-se dos nordestinos autóctones. Na figura, o nordestino parece bem assustado porque a ideia soa como inesperada e incomum. A segunda possibilidade de entonação aponta para ambos como pessoas dependentes da natureza para sobreviver. No caso do personagem nordestino, ele é descrito como dependente da terra para executar as atividades relativas à agricultura e à pecuária, mas o personagem paulista depende da água para executar outras tarefas exigidas pelas cidades urbanas. Assim, o quadro se reverte: o retirante do passado (o nordestino) acolhe o

retirante do presente (o paulista). É essa inversão de situação que confere à charge humor.

O enunciado aqui em análise é em realidade plurivocal. Além dessas duas possibilidades avaliativas expostas acima, podemos apontar para a existência de uma outra voz, cuja avaliação projeta para o pensamento corrente de que a seca hídrica apenas tem de ser uma característica do Nordeste no Brasil, jamais assim afetando o Sudeste. No enunciado da figura 12, o personagem nordestino se mostra estupefato com a declaração do personagem paulista porque sempre a crise hídrica foi uma construção apenas para condenar os nove estados do Nordeste à decadência. A região Sudeste, com o enfoque em São Paulo, sempre fora vista como símbolo de superioridade em clima e formação social. No decorrer da história do Brasil, as elites a construíram como uma região superior, cujo clima temperado e formação racial branca conduziam a região ao progresso, à prosperidade em todos os sentidos. Por exemplo, Nina Rodrigues afirmava que o Norte, por causa do seu clima tropical, favorecia aos homens negros e mestiços com a sua decadência intelectual, moral e intelectual (RODRIGUES, 2011). Como afirma Albuquerque (2011), “São Paulo é erigido como a porta de chegada do moderno ao país, por já vivenciar uma cultura de massas e ser a ‘única cidade não folclórica e tradicionalista’ (ALBUQUERQUE, 2011, p. 69).

Nessa charge, a demarcação entre o selvagem mestiço nordestino e o branco sulista civilizado está na roupa que ambos usam. O sulista, mesmo como retirante, usa roupas arrumadas, sandálias e cabelos arrumados, símbolos do urbano civilizado. O mestiço nordestino usa roupas rasgadas e trapos, com indumentárias cujo símbolo lembra o cangaceiro, o sertanejo selvagem, rural e decadente. Mais uma vez, vemos o diálogo entre as charges espalhando, através de exageros e deboches, imagens equivocadas sobre o Nordeste inteiro, as suas culturas e, sobretudo, sobre as histórias dessas pessoas.

Em alguns casos, semelhante ao da próxima figura, a região é associada às trevas do atraso e da miséria.

Figura 13- Médicos estrangeiros em treinamento



Fonte: O Liberal. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima foi publicada no jornal *O Liberal*, no dia 02 de setembro de 2013, no mesmo período em que a presidenta Dilma anunciou o programa Mais Médicos para suprir a necessidade de profissionais da área de saúde nos lugares mais remotos do país. Esse programa consiste em uma série de ações e iniciativas, a saber, fixar médicos brasileiros e estrangeiros em lugares onde não existiam profissionais da saúde para atender à população ou nos locais em vulnerabilidade, a qualificação de unidades de saúde e melhoria das condições de trabalho dos médicos para atender o público, por último, a implantação de um sistema de formação dos médicos já em posto de trabalho ou possibilitar surgimento de outras formações feitas em universidades brasileiras ou estrangeiras, abrindo mais vagas para o curso de medicina em universidades brasileiras e custeando a formação e a especialização em universidades estrangeiras de outros (PINTO et al., p. 1088). Na época em que fora lançado o programa, e os médicos cubanos chegaram ao Brasil, os meios de comunicação criticaram a presença deles com veemência. Obviamente, as charges não deixaram de emitir os seus juízos de valores.

Entre eles, está o chargista J. Bosco. Conhecido por suas charges publicadas em jornais como a *Folha de São Paulo* e *O Liberal*, traça uma apreciação humorada e mordaz sobre a situação instalada em 2013, no Brasil. Acima, sua charge, inicia com um título: *Treinamento de novos médicos*. Considerando a relação desse enunciado com a palavra treinamento, podemos observar a presença de uma entonação negativa sobre o trabalho dos médicos estrangeiros. Eles recebem a alcunha de soldados, prontos para uma batalha em um lugar perigoso e assustador. Na figura, eles estão em fila, liderados por um líder, uma espécie de fiscal e guia, lançando a ideia de que existe um trabalho análogo a uma guerra para ser executado. Se associarmos a figura com o enunciado verbal acima, verificaremos que a avaliação do chargista sobre o Nordeste é a de que a região é o lugar de condições

difíceis, semelhante ao treinamento militar ou campo de batalha na guerra, cuja sobrevivência depende de uma árdua luta.

Na charge, observamos que a palavra *Nordeste* está associada à outra entonação. No balão, na fala do personagem, a quem chamaremos de fiscal, ele pronuncia: *O Nordeste fica por ali....* Além disso, o personagem aciona uma lanterna, talvez dando a entender que se trata de um lugar escuro, difícil de ser visto, cuja atenção deve ser maior do que o normal. A avaliação vista nessa ação é a de que o Nordeste é uma região sem luz, obscura e difícil de lidar em todos os aspectos. Na tentativa de projetar uma crítica ao programa Mais Médicos, o chargista reproduz mais uma imagem negativa sobre a região nordestina, a saber, de que se trata de um lugar apagado, predestinado a permanecer no obscuro.

O comportamento do personagem fiscal diante dos médicos, revelado na figura com o riso sardônico, é de deboche. Essa ação nos permite encontrar uma terceira entonação. No seu projeto discursivo, o autor convencional apresenta o personagem fiscal com um comportamento maligno e traiçoeiro, traduzindo a ideia de que há nele uma perversão e sadismo ao apresentar a região designada aos médicos cubanos. Certamente, essa perversão por trás do personagem parece confirmar a avaliação de que o chargista projeta em seu discurso, de que o programa apenas serve para beneficiar a região nordestina, obscura e assustadora, cuja necessidade é encontrar a claridade, a luz. Por isso, como médicos imigrantes, eles devem ser circunscritos à região vista como problemática no país, para que compartilhem das mesmas dificuldades.

Ainda em outras charges, vemos a flora e a fauna nordestinas associadas a valorações de cunho político-ideológico sobre a região, conforme constatamos na charge abaixo.

Figura 14- Charges e montagens reúnem críticas e apoio ao programa Mais Médicos



Fonte: UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/album/2013/09/08/charges-retratam-programa-mais-medicos.htm?mode=list&foto=1>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no jornal *Tribuna do Norte*, no mesmo dia que a anterior, veicula uma censura ao programa mais médico e dialoga com a charge antecessora, mas, ao contrário dos sentidos estabelecidos, possui uma postura mais bem demarcada, política e ideologicamente. Ela parte de uma série de charges, cujos discursos sobre o programa Mais Médicos manifestaram uma postura a favor ou contra o programa. Essa charge tece uma censura à medida governamental e é contra a ideologia comunista e a própria região Nordeste.

A primeira constatação que podemos fazer acerca da construção de sentido desse enunciado é que a palavra *Nordeste* não se constitui em linguagem verbal, mas na visual, à medida que usa os lugares-comuns dos quais mencionamos em outras análises anteriores para constituir a paisagem do cenário e dos personagens são reconstituídos aqui. Na figura 14, o personagem está vestido como cangaceiro, a paisagem é seca, apenas composta de mandacarus e ossos de animais mortos no chão, próprio da zona rural criada para caracterizar a região nordestina.

Outra observação notável nessa charge é a construção do projeto discursivo. Mesmo sem o seu alimento principal, o bode nessa gravura consegue nutrir-se, contudo com as páginas de papel as que a ave personagem denomina de “discursos de Fidel”. Nesse enunciado, o bode é humanizado. Usa chapéu e parece compreender a sua atitude. Na cultura nordestina, o bode é símbolo de resistência. A sua natureza o permite resistir aos reveses naturais e às condições climáticas a que ele pode ser sujeito. Dessa forma, o desenho que explicita o ato de comer do bode o discurso de Fidel e a palavra “devora” na fala da ave Graúna, projeta uma entonação significativa, a saber, de que o nordestino

praticamente fora privilegiado no programa por conta da sua empatia ideológica com as instâncias governamentais estabelecidas no período.

Outra constatação que observamos nesse texto é que a palavra “comunista” assume um tom pejorativo. A ave, nesse enunciado, se indigna diante da cena presenciada e refere-se ao bode com desdém e os discursos de Fidel com descaso ao afirmar: *E esse bode tá querendo virar comunista*. O chargista, na fala do personagem vestido de cangaceiro, avalia o comunista como alguém cujo desejo é aproveitar-se das situações para prevaricar ou obter privilégios.

De acordo com Castells (2018), a identidade é uma forma de organizar os símbolos e construir sociedades para um determinado propósito, finalidade. A construção desses significados ocorre em função de tendências sociais, projetos culturais, bem como na visão e tempo/espaço. Além disso, considerando esse pensamento, vemos que existe uma tentativa de organizar os símbolos do projeto de identidade nordestina para que ela exerça uma função político-ideológica, embora não seja uma construção com a qual todos os nordestinos se identifiquem. O caso do cangaceiro é um exemplo. Nesse enunciado, ele adquire uma entonação conformista, sem expressividade e empoderamento. Avalia-se o bode, símbolo do Nordeste, pelo seu poder de resistência ao clima hostil, como alienado, irrefletido, sobretudo comodista. A entonação expressa descreve uma situação generalizada e estereotipada. Portanto, a linguagem verbo-visual se torna uma tentativa de construção de identidades e valores depreciativos da sociedade nordestina e brasileira, embora não se deixe perder a sua intenção opinativa, como constatamos acima e vamos continuar a examinar.

Na charge abaixo, verificamos a associação da região nordestina ao flagelo climático e à penitência religiosa, lembrada na comemoração católica da Semana Santa.

Figura 15- Um Nordeste cada vez mais seco ...



Fonte: Humor Político. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/tag/castigo/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima é de autoria de Amâncio. Publicada, simultaneamente, no *Jornal de Hoje*, no *Pádua Campos*, no *Charge Online* e no site *Humor Político* no dia 27 de março de 2013, é também uma referência à crise hídrica e à Semana Santa, feriado católico muito respeitado pelos nordestinos. Nesse enunciado, as avaliações presentes sobre o Nordeste e os nordestinos revelam um heterodiscurso.

A primeira avaliação encontrada acerca do Nordeste encontra-se no tema da publicação: Semana Santa. Semana Santa é um feriado católico que celebra a morte e ressurreição de Cristo. Seu início ocorre no dia conhecido como Dia de Ramos, cuja data representa a entrada de Jesus em Jerusalém. Na ocasião, de acordo com a liturgia, Jesus foi aclamado rei dos Judeus. Na terça feira da semana referida no título da charge e dia de sua publicação, de acordo com a tradição católica, acontece uma celebração em homenagem a Nossa Senhora das Sete Dores de Nossa Virgem Maria. Durante a celebração, as pessoas pagam promessas e penitências para lembrar o encontro de Maria com Jesus no caminho do Calvário. A palavra ao lado sol, na charge, alude ao sofrimento de Cristo para levar o instrumento de sua morte e as humilhações sofridas nesse dia. É como se Cristo e o sertanejo estivessem na mesma situação: expiação e dor predestinada, das quais é impossível escapar.

Neste desenho, o sol é humanizado e ganha uma personalidade. A sua fisionomia e vestimenta o fazem parecer um soldado cruel e imponente. O seu comportamento é de um sentinela à espreita de um erro do réu, desenhando uma imagem semelhante aos soldados romanos que vigiavam a Jesus. Assim, nessa charge, o ritual da Terça-feira Santa é parodiado e assume outro valor. Na terça, as pessoas pagam promessas e penitências para

Nossa Senhora das Sete Dores de Nossa Virgem Maria para lembrar a morte de Jesus, mas, nessa charge, o sertanejo paga a promessa em busca de chuva, embora lhe cause dores e infortúnios como as feridas causadas pelos espinhos da cruz à guisa de um escaldante sol. Mais uma vez, vemos um heterodiscurso com uma entonação nova e irrepetível.

De acordo com Bakhtin (2015, p. 67), a paródia consiste em um heterodiscurso por excelência. No heterodiscurso, existem duas ou mais “línguas” que podem ser confrontadas e refratam a intenção do chargista. Elas possuem horizontes axiológicos distintos e complementares à medida que se relacionam dialogicamente para se contradizer ou para correlacionar-se entre si. Elas se manifestam em diferentes modos de estilização para demonstrar as diferentes intenções e avaliações dentro da obra artística. No discurso humorístico, essa dialogicidade acontece gradual ou bruscamente, na medida em que há uma passagem de linguagens, “da língua comum” para a parodização no humorismo da charge.

É o que acontece no texto exposto. Temos a parodização brusca e reavaliada de uma linguagem religiosa para fins críticos e humorísticos. Na charge, a linguagem ritualística em homenagem a Nossa Senhora das Dores para lembrar do sofrimento de Cristo, descrito na liturgia católica, é usada para descrever a saga e o sofrimento do sertanejo diante da crise hídrica na região, no ano de 2013. Se a Semana é santa porque comemora a morte e ressurreição de Cristo para salvar os pecados da humanidade, na charge, a semana é santa porque o nordestino já paga a penitência em sobreviver desamparado diante dos castigos que o clima lhe causa. Encontramos, assim, a presença da voz discursiva da religião em confronto com a voz discursiva do humor, da ironia e da crítica do chargista.

Embora a palavra Nordeste não apareça descrita, a charge alude à região brasileira ao descrever os percalços climáticos e a seguir a mesma avaliação que outros fazem da região: um lugar de catástrofes climáticas, quer pelas enchentes causadas pelas chuvas torrenciais, quer causado pela crise hídrica, ambos marcados pelo sofrimento incondicional do sertanejo. Descreve e avalia um sofrimento que, assim como o de Cristo, é predestinado e intrínseco ao nordestino e a sua terra. Trata-se de uma profecia que assim como Cristo no Calvário recebeu profeticamente o seu destino, e nada pôde fazer para fugir do seu cumprimento; assim, é o sertanejo que pouco pode fazer para fugir dos males climáticos da crise hídrica.

Outro aspecto a ser observado nessa charge é a hibridação cultural aludida do símbolo, que, como palavra, aponta para uma memória do passado. De acordo com a

tradição religiosa da cristandade, a cruz era um instrumento usado pelo império romano para punir os malfeitores ou mesmo para matar os rebeldes nela. Conforme Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 306-317), a cruz desempenha um papel mediador entre o mundo terrestre e o transcendente, através do eixo cruzado. Todos os povos que viveram antes de Cristo a usavam com o arquétipo da imortalidade, a escada para se achegar a Deus. O Baco grego, o Tamuz tírio, Bel caldeu e Odin nórdico eram simbolizados por uma cruz. De acordo com a *Encyclopaedia Britannica* (1946, vol. 6, p. 753), usavam-na em cultos e em rituais ligados à natureza, à sexualidade e à fertilidade instrumentos com o símbolo cruciforme.

A cruz só começa a ser o símbolo principal da maioria das religiões da cristandade a partir do governo romano de Augusto Constantino. O imperador não aceitava a Igreja porque era o adorador do Sol-Invicto, cujo símbolo era uma cruz, rejeitada pela Igreja como forma de adoração. Ele só veio a converter-se ao catolicismo em 312 D.C., após a vitória sobre Magêncio, na batalha da Ponte da Milívia. Conforme a lenda, o imperador, em noite anterior à batalha, sonhou com o sinal da cruz que tinha escrito em latim: “In hoc signo vinces” (traduzido para português significa: “Neste sinal conquiste”). Por isso, o imperador romano atribuiu a conquista ao Deus da Cristandade. De acordo com a lenda, pouco antes da batalha, mandou que todos os escudos fossem pintados com o desenho da cruz. Após a guerra, o imperador de Roma decidiu fazer uma reforma religiosa, acarretando o apoio do império à cristandade e a fusão dela com a religião pagã.

No Nordeste, a religião católica chegou através dos portugueses em 1500. Durante o início à colonização, ordens e congregações assumem arquidioceses, escolas e a catequização de índios. A fé católica era a expressão religiosa de Portugal e, por sua vez, teria de ser a de suas colônias, isto é, a dos membros da sociedade brasileira e outras. Como afirma Fausto (2015, p. 54), a Igreja e o Estado andavam de mãos dadas. O Estado tinha a função de garantir à coroa portuguesa soberania sobre a colônia, por meio do reconhecimento dos colonizados à autoridade dele, quer pela força, quer pela aceitação. Nesse último sentido, a Igreja exercia um papel primordial.

Como a Igreja tinha a responsabilidade de ensinar, administrar a educação da colônia, era um instrumento eficiente para veicular entre os colonizados valores como a obediência ao Estado. Além disso, a sua função primordial era de monopolizar todos os aspectos da vida na comunidade – desde o nascimento com o batismo, a crisma ao enterro em “campos santos”, como eram designados os cemitérios (FAUSTO, 2015, p. 54).

A Igreja na sociedade portuguesa era subordinada ao Estado através do mecanismo chamado padroado real – um acordo existente desde o século XIV entre a Igreja de Roma e o Estado Português, de submeter a Igreja à coroa portuguesa em troca de espalhar a fé católica a todas as terras encontradas. Isso explica o fato de a coroa pautar o seu poder na desculpa de que a monarquia portuguesa era de origem divina e que seu rei era uma bênção de Deus (DOMEZI, 2015, p. 34). Silenciosamente, a igreja cumpriu a sua função de converter índios e negros, de inculcar preceitos como a obediência e a subserviência às instituições religiosas e políticas instaladas então. Por isso, de acordo com Tavares (2008, p. 27), os colonos empregavam penalidades físicas e o extermínio no Sertão para tomar as terras supostamente ricas em ouro e pedras preciosas. Não é surpresa a sobrevivência de poucas tribos desses povos até a atualidade em condições subumanas.

Hoje, de acordo com o censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, o número de católicos no Nordeste é o maior do Brasil. Cerca de 72,2% da população nordestina se autodeclara católica; portanto, são usuários da cruz e participantes da adoração prestada ao símbolo. Para manter o processo de internalização religiosa, o catolicismo se vale de outros métodos, não mais da forma extremada do messianismo. Ela legitima os modos de vida contemporâneos, questiona as injustiças sociais diante da ética religiosa e prioriza os valores que transformam a sociedade. Essa função parece na internalização dos participantes do cristianismo da libertação, representado no Brasil pelo teólogo Leonardo Boff e os movimentos Cursilhos da Cristandade, o Neocatecumenato, o movimento de Renovação Carismática e os Arautos do Evangelho. A característica principal de todos eles é a autodefesa da Igreja Católica e a ênfase intimista mais que na prática social.

Nesse caso, percebemos, assim como Canclini (2000, p. 283), a impossibilidade de viver livre das hibridações das tradições que organizam a cultura em novas modalidades. Frutos da cultura popular, a cruz, a Semana Santa e a narrativa de Cristo no calvário são resultados de um processo de fusão inexplicáveis ou claros. No processo de hibridação, há um processo de mutilações no terreno material ou espiritual, sem haver uma anulação da permanência das características (CASCUDO 1983, p. 679-681). A cultura popular deixa de ser então o veículo para transmissão de uma tradição e passa a ser o vivido, o atual. Ela mantém uma relação intrínseca com a sociedade, de gerador e gerado, de produtor e produto. E, claro, assim como as demais culturas, as culturas do Nordeste prescrevem as normas práticas, éticas e políticas de todos. É a cultura que reacentua, reconstituem-se os dados morais e políticos do ser nordestino (MORIN, 1991, p. 19-20).

Embora o chargista faça uma crítica bem-humorada à Igreja e ao Estado atuais em realizar políticas públicas para a intervenção do problema ambiental da seca, no sentido de promover condições econômicas de sobrevivência do sertanejo em sua terra, o chargista aciona estereótipos com valores depreciativos. Por isso, a charge é um gênero opinativo de risco, porque o que pode parecer uma avaliação perspicaz pode gerar uma guerra em outros meios.

A dialogicidade entre as culturas não permite a intolerância étnico-cultural, tampouco admite espaços para tabus, etnocentrismos e ignorância. Ao contrário, requer respeito, estima e consideração.

Durante a pesquisa, constatamos na imagem abaixo e em outras uma representação imagética do Nordeste associado às críticas aos planos governamentais.

Figura 16- Dilma e os governadores



Fonte: BOM DIA. Disponível em: <<http://www.bomdiaonline.com/home>> Acesso em: 02 jun. 2017.

Publicada no jornal *Bom Dia*, de São Paulo, do dia 22 de fevereiro de 2011, essa charge é de autoria de César Augusto Vilas Boas, cujo pseudônimo é Pelicano. Nesse período, a base governista estava discutindo junto ao senado a prorrogação do Imposto sobre Movimentação Financeira. Outros partidos aliados, como o PSB, apoiaram a volta do imposto referido e, até mesmo o governador de Minas Gerais, na época, Antônio Anastasia, de partido opositor (PSDB) manifestou interesse de reinstituí-lo.

Na data anterior à publicação da charge acima, a presidenta reuniu-se com todos os governadores nordestinos em Sergipe e debateu sobre o investimento da saúde e a possível volta do imposto para o setor. Todos os governadores apoiaram nessa convenção a ideia de que o setor de saúde necessitava, naquele período, um investimento maior do que já era feito. Embora a maioria apoiasse a criação do tributo, havia divergências sobre a possibilidade de existir mais uma tributação para a população. Os governadores do Rio

Grande do Norte e de Pernambuco, no período, eram contra e defendiam um aumento da participação do governo federal, estadual e municipal no setor de saúde.

A charge da figura 16 dialoga com esse contexto sócio-histórico. Vejamos as entonações que assume o enunciado. Em primeiro plano, observamos como vimos em charges anteriores, as cores assumindo uma simbologia política. A sigla CPMF, por exemplo, está associada ao cacto, cuja planta na região lembra a resistência da região ao clima semiárido. Observamos que os cactos estão em forma das letras do imposto e assumem uma cor verde. De acordo com Guimarães (2000), essa cor, intermédio do azul e do amarelo, afetivamente, está associada à esperança, mas, politicamente, esteve associada aos grupos que lutam pela democracia e, em alguns casos, associado à burguesia. Por fazer alusão ao tributo, a cor verde exprime uma avaliação, nesse projeto discursivo, de que o imposto é observado pelos governantes como a esperança para os problemas encontrados na saúde. O horizonte está pintado de amarelo. Simbolicamente, o horizonte representa o futuro. O amarelo está associado ao esforço e à restrição. Assim, o enunciado incorpora uma ironia ao apresentar a possibilidade de uma bivocalidade e de um heterodiscurso. Para os governadores e para a presidenta, a liberação da cobrança do tributo era um empenho que demandaria o gasto de muita energia, ao passo que para a voz social da oposição, isso acarretaria uma restrição aos usuários dos serviços bancários e não resolveria o problema.

É na fala da personagem de Dilma Rousseff que temos uma avaliação sobre a região nordestina. No enunciado, o autor ironiza mais uma vez com o acontecimento, ao afirmar que está “adorando” o panorama. Junto a ela, os governadores dessa região apreciam satisfeitos com a forma assumida pelos mandacarus, em forma da sigla CPMF. Embora a seca seja uma preocupação dos governistas, nesse momento histórico, a inquietação com o clima desaparece, há uma indiferença com os resultados da crise hídrica.

No enunciado, a palavra Nordeste recebe uma avaliação axiológica, exprimindo a ideia de que a região é o espaço para angariar votos e para a realizar os interesses políticos. Ainda, constatamos nas charges uma associação do território nordestino à sombra, à escuridão e à descaracterização da identidade territorial, conforme podemos observar na charge abaixo.

Figura 17- Apagão atinge nove estados do Nordeste...



Fonte: Folha da Manhã. Disponível em: <<http://cliefolha.com.br/imprimir-materia/25845/charge-por-cazo>>
Acesso em: 02 jun. 2017.

Publicada no *Jornal Folha da Manhã*, no dia 29 de agosto de 2013, a charge tece uma crítica ao apagão que houve no Nordeste nesse mesmo ano. O periódico afirma que o colapso da distribuição de energia foi causado por uma queimada no Piauí. Embora o sistema de segurança isolasse toda a área, houve desequilíbrio entre a oferta e a demanda de energia no Nordeste, levando o sistema ao colapso. A queimada foi a causa dos curtos-circuitos que resultaram nos desligamentos, levando à falta de energia. Vejamos, então, quais os sentidos que esse enunciado acima adquire levando em conta esse contexto histórico.

Na charge, o enunciado *onde ficam os estados da região Nordeste?* Mobiliza uma ironia cujo sentido se expressa em uma bivocalidade e em uma tensão de sentidos sobre os estados da região. Perguntar à personagem onde ficam os estados do Nordeste em primeira linha parece demandar saber a localização geográfica do local, como um professor interessado na aquisição de conhecimento do estudante faria; contudo, o enunciado expressa o ponto de vista do chargista, cuja vontade discursiva revela uma apreciação negativa do descaso dos dirigentes dessa região, um desdém ao modo como se encontram os estados dessa região. Dessa forma, no projeto discursivo do autor, a palavra *Nordeste* agrega o sentido de inferiorizado, de desleixo, vitimado por uma perversão político-social. A censura à situação da região instaura uma provocação para o leitor refletir a circunstância político-econômica do Nordeste.

A resposta do garoto à pergunta da professora corrobora o plurissentido da pergunta e, ao mesmo tempo, participa do projeto discursivo do chargista com o mesmo caráter bivocal que deixa entrever uma sutileza na construção de sentidos nas palavras *Nordeste* e

escuro. A segunda palavra ratifica os sentidos de desprezo associados à primeira. A palavra *escuro* nesse enunciado expressa a voz das pessoas prejudicadas com as consequências do evento. Refere-se ao incidente causado e aos desequilíbrios gerados à população e à produção de capital nas principais cidades da região. A segunda voz é a do chargista que, em seu projeto discursivo, reacentua a palavra *apagão* para legitimar, ratificar a ironia do enunciado anterior e, simultaneamente, engendrar a valoração de que a região está prejudicada na sua conjuntura histórica e vive nas trevas político-social.

Nessa charge, a palavra *Nordeste* está associada a um horizonte de valores de desprezo à região e às diversas culturas presentes nos estados que a compõem. Embora o chargista tenha a pretensão de censurar o incidente, vemos uma tensão de vozes – de um lado a voz do chargista, cujo objetivo ultrapassa a reprovação ao incidente: é uma tentativa de descaracterizar as gestões da região nordestina; de outro, uma voz social das pessoas prejudicadas que clamam por uma solução para o evento.

Nas análises acima sobre a representação da terra nas charges e cartuns jornalísticos, percebemos que a região nordestina está associada ao atraso econômico, ao complexo de miséria, à seca e à deficiência econômica e intelectual dos seus habitantes. Veremos no tópico a seguir como os chargistas engendram seus discursos quando se analisa a cultura.

3.1.3 As representações da cultura

As narrativas sobre a cultura sertaneja contidas nas charges, ao mesmo tempo que a representam como berço da brasilidade ao mostrar elementos culturais trazidos pelos europeus e que, atualmente, foram incorporados à identidade brasileira e nordestina, usam elementos culturais da própria terra que sofreram transformações ao longo da história do Brasil. Vamos observar como esses elementos sofreram reacentuações nas charges e cartuns divulgados nos principais periódicos do país.

Na charge da figura 16, há uma referência aos costumes juninos e confere a ele matizes ideológicos.

Figura 18 - Arraiá da Dilma



Fonte: Diário do Nordeste. Disponível em: <<https://diariodoNordeste.verdesmares.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017

Publicada no *Diário do Nordeste*, em 24 de junho de 2011, esta charge humoriza uma festa junina organizada por José Dirceu e sua esposa, Evanise Santos. De acordo com noticiários divulgados no mesmo jornal, no jornal *Estado de Minas* e *Estadão*, foram convidadas 150 pessoas, a maioria de políticos do PT e aliados à presidenta Dilma.

Nessa charge, os personagens estão organizados em três fileiras, cuja lembrança ativada é a de quadrilhas juninas (à esquerda, vemos os personagens políticos do PT e, à direita, observamos os personagens políticos do PMDB com Dilma e Lula no meio). Em ambos os casos, os personagens no início de cada fileira estão vestidos em uma camisa com dizeres que se iniciam com a palavra “Quadrilha” acompanhada com a sigla de cada partido político. Para percebermos como essa organização do enunciado faz parte do projeto discursivo do chargista, faremos uma breve retrospectiva do contexto socio-histórico do período da charge.

O primeiro ano de governo do primeiro mandato da presidenta Dilma gerou insatisfação da base aliada governista com as indicações para os ministérios. A cúpula do PMDB, por exemplo, ficou furiosa porque foi excluída da indicação do nome da Casa Civil. O líder do partido, Renan Calheiros, e o vice-presidente da época, Michel Temer, receberam a notícia da demissão de Palocci desse ministério de última hora e não participou da escolha de Gleisi Hoffman para substituí-lo. Nesse mesmo período, Lula assume a articulação política do governo Dilma Rousseff e sai em defesa de Palocci, que foi acusado de enriquecimento ilícito. Embora respondendo a acusações de corrupção, Sarney foi eleito ao senado, em seguida, Palocci respondia a processo por enriquecimento ilícito, e Michel Temer estava respondendo a um inquérito no STF, porque, como foi

noticiado, recebeu propina de empresas prestadoras de serviços do Porto de Santos.

Levando em consideração esse contexto, vemos que a palavra *quadrilha* ironiza a situação política na qual os personagens dessa caricatura da charge estão envolvidos e expressa uma bivocalidade. Ao passo que se refere a uma tradição festiva nordestina, também exprime uma postura axiológica que marca o posicionamento de que os personagens acima formam um bando de malfeitores associados. Nessa última acepção, testemunhamos uma crítica mordaz às alianças e às conversas empreendidas pela presidenta Dilma e o seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, com partidos da base governista, e aos acontecimentos nos quais os personagens estão envolvidos. Embora expresse um teor político, a charge estabelece um diálogo com um costume, que hoje é elemento da cultura nordestina: A festa de São João.

Ainda que a charge não contenha a palavra Nordeste/nordestino, há uma alusão explícita a um costume da cultura da região nordestina como um todo. Trata-se da dança tipicamente nordestina e junina, a quadrilha. Esse costume passou por um processo de hibridação até chegar aos nossos dias. As festas juninas, como de costume, são chamadas as festas em homenagem aos santos católicos João, Antônio e Pedro. São originadas de doutrinas e festividades pré-cristãs. Suas origens remontam às festividades pagãs durante o solstício de verão do hemisfério norte. Os celtas e os egípcios realizavam rituais para pedir aos seus deuses a fartura nas colheitas. No norte da Europa, as festividades e as celebrações pagãs em homenagem à fertilidade e à agricultura eram conhecidas por *midsommar*. Como a igreja não conseguiu destruí-los, cristianizou e homenageou os três santos do mês. Uma prova disso é a presença da fogueira, feita nas religiões pagãs em homenagem ao sol que se aproximava do hemisfério norte. Na cristandade, a explicação encontrada era a de que o ritual era um alerta de Isabel, dita na tradição como a mãe de João Batista, para Maria ir alcançá-la.

No Brasil, quando os portugueses chegaram às terras americanas deram-se por conta que os índios tinham rituais iguais no mês de junho. Embora aqui fosse inverno, as celebrações indígenas eram ligadas à agricultura, com muitos cantos e comidas típicas da terra. Com a chegada dos jesuítas ao Brasil, os costumes indígenas fundiram-se com os católicos. Por isso, é que, até os dias atuais, ainda existem comidas indígenas na mesa da celebração junina. A quadrilha foi uma das danças trazidas pelos portugueses no século XIX, cuja origem foi das contradanças nos salões franceses. Aos pares, os participantes faziam uma coreografia sequenciada de movimentos alegres. Embora fosse uma dança da

realeza, desapareceu da corte e ficou restrita ao meio rural, cuja sociedade mostra-se mais conservadora e resistentes às mudanças. Durante o governo Vargas, que incentivou a busca de uma identidade brasileira, a vida rural foi supervalorizada, e a temática do homem do campo ressurgiu com a quadrilha, porém com adaptações gradativas, que acompanham até a performance que conhecemos hoje, concentradas no Nordeste, em destaque para as cidades de Caruaru e Campina Grande.

Na charge que vemos na figura 18, há um diálogo dos fatos políticos com a própria dança e as festividades típicas do Nordeste. Como explicitado, a dança que já tinha sido de realeza, agora é de caráter popular, semelhante aos governos alvos da crítica. Dessa forma, há nesse diálogo uma avaliação axiológica, cuja voz é irônica e altamente preconceituosa ao associar a corrupção política aos elementos da cultura nordestina, correlacionando a região nordestina ao roubo e à desmoralização, ressignificando as tradições e assemelhando as manifestações culturais do Nordeste à ilicitude, equiparando-a, no projeto discursivo do autor convencional, a comemorações de covil de salteadores, desgastando a história construída na região.

Similarmente à charge da figura 18, na figura abaixo, observamos que os elementos da cultura nordestina são associados à corrupção. No caso, são evocadas personagens de destaque para associá-los ao banditismo e à fraude conforme notamos na figura 19.

Figura 19- Estamos aqui...



Fonte: Jornal Estado de Minas Gerais. Disponível em :<<https://www.em.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

Publicada no dia 11 de janeiro de 2013, no jornal *Estado de Minas*, de autoria de S. Salvador, a charge acima tece uma crítica sobre as respostas à entrevista que o ministro Sérgio Lobão concedeu à coletiva de imprensa nos dias anteriores. Nesse contexto, houve um apagão de energia no Brasil, e as autoridades do setor de energia, como a Petrobrás e a Federação das Indústrias do Brasil, cogitaram a necessidade de um racionamento de

energia elétrica e de gás. No entanto, tanto a presidenta Dilma Rousseff como o Ministro da Energia, Edson Lobão, descartaram a possibilidade de haver racionamento de energia. Durante a entrevista coletiva, o ministro negou que a reunião da qual tinha participado no Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico era para tratar da situação dos reservatórios do Brasil.

A partir dessa conjuntura política, podemos considerar, na charge, a existência de referências ao Nordeste e a sua cultura que envolve vozes sociais compartilhadoras de valores axiológicos, cujo teor é irônico e bivocal. Na fala, o personagem repórter dirige-se ao ministro, de origem nordestina, como Lampião. Assim, evoca-se um signo representante da história política e da cultura nordestina para satirizar a atitude do ministro da energia. A primeira voz, que representa a mídia, encerra a evocação de uma figura popular no Nordeste, a qual tem a fama de utilizar o poder e a força da violência para atingir os seus objetivos, sejam eles para ajudar pessoas pobres ou para lograr as suas “crueldades” como o roubo, os assassinatos e estupros. O valor axiológico engendra uma comparação entre a figura política de Lobão com o personagem Lampião, associado ao banditismo, à criminalidade e ao mandonismo.

A segunda entonação produz uma avaliação axiológica cujo teor se satisfaz na associação do político com a figura nordestina representada na pessoa de Lampião. Isso é observável na fala presente do personagem Ministro Lobão, quando o personagem corrige o possível “erro” na gafe cometida pelo jornalista. Nessa correção, vemos também a presença de um heterodiscurso na palavra “Lobão”. À primeira vista, trata-se apenas da correção de um equívoco; contudo, a retificação camufla o deboche característico do projeto discursivo do chargista. No enunciado verbal da figura 19, presente no segundo balão, o chargista deixa escapar no seu projeto discursivo uma comparação entre Lobão e Lampião, cujo sentido da primeira palavra expressa um nível de periculosidade e força maior que o representado pela segunda.

Embora o chargista expresse uma avaliação negativa do cangaceiro, poucas são as pessoas que, ao falar sobre a história e a cultura do Nordeste Brasileiro, consigam fazê-lo sem referência à figura de Lampião. Até meados do século XX, o Nordeste era conhecido por ser uma terra de cangaceiros. Juízes os tinham à sua disposição para fazer cumprir as suas sentenças. Vigários se vestiam de forma igual aos cangaceiros para viajarem a suas fazendas, mas o que acontece, na verdade, é uma compreensão equivocada do movimento. O cangaço não foi um movimento, tampouco de banditismo, mas foi simplesmente o

cangaço, conforme veremos nas análises seguintes.

Ainda sobre a evocação dos elementos culturais, na charge que se segue, observamos a alusão aos elementos linguísticos que caracterizam os habitantes da região nordestina para desqualificá-los. Vejamos.



Fonte: Hoje em Dia. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/>>. Acesso e 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no periódico mineiro *Jornal Hoje em Dia*, no dia 07 de janeiro de 2012, retrata a situação envolvendo o ministro Fernando Bezerra. De acordo com os noticiários da época, divulgados em *O Estadão*, *G1*, *O Estado de São Paulo* e no *Jornal Hoje em Dia*, o ministro da Integração Nacional repassou 90% da verba destinada para combater os estragos causados pelas catástrofes naturais para o seu estado natal, Pernambuco. Em 2011, esse estado recebeu 14 vezes o que Paraná, considerado o segundo estado mais afetado pelas catástrofes pluviiais, adquiriu como ajuda.

Na charge acima, Lute realiza uma crítica ao acontecimento retratado nos jornais. Na sua narrativa, quando o personagem vestido com as cores da bandeira do Brasil questionou a atendente sobre o que faltava para receber ajuda humanitária do governo, a resposta aparentemente ilógica, ironiza o acontecimento com a referência à variação linguística do Nordeste, ao afirmar: “O sotaque certo!”. Interessante que na fala do personagem masculino, vemos a alusão à variante mineira representada pelo vocábulo *Uai?!*

Embora a charge não faça referência direta ao Nordeste, caracteriza-o através da variedade linguística peculiar aos habitantes da região. Podemos concluir isso quando consideramos o contexto sócio-histórico no qual a charge se insere, cuja menção se realiza no título da obra: “Ministro Fernando Bezerra destina a maior parte da verba anti-fome para seu Estado”, impondo o sotaque certo para receber a verba, o sotaque do Estado de Pernambuco. Notamos uma referência tácita ao heterodiscurso, considerando as variedades linguísticas de Estados diferentes do Brasil. De acordo com Bakhtin (2010, p. 99-100), é

através da estratificação social expressa na língua que deixamos perpassar as intenções do projeto discursivo e os pontos de vista sobre o mundo, por diferentes que sejam as forças que produzem essa estratificação (estratificação profissional, genérica, até mesmo a personalidade individual do ser).

É o que acontece na charge. O tema e a referência ao Nordeste são feitos através da estratificação da língua, ou seja, as referências às variações fonéticas e fonológicas existentes no Brasil, representadas pelo léxico “uai” e pela expressão “sotaque certo”. Nesse caso, a alusão à estratificação de linguagens não é uma mera referência linguística, mas assume uma entonação que remete a uma supremacia de culturas, conforme lembra Albuquerque (2015).

Como dito em outras análises, o Sul brasileiro criou um discurso de superioridade linguística, racial e étnica. Albuquerque (2015) declara que o discurso do regionalismo da região Sul era contraproducente, na medida em que desprezava os outros nacionais e supervalorizava o seu regionalismo, inspirado nos padrões europeus e na etnia branca. Para esse projeto identitário, o Sul seria o início de toda a civilização, o espaço moderno e uma variedade linguística paradigma para as demais regiões. O Norte e o Nordeste seriam o exemplo de selvageria, de atraso e de medievalismo. A variedade linguística dessas duas regiões era símbolo do primitivismo no Brasil, cuja tendência seria o desaparecimento.

A figuração dos personagens reforça essa estratificação e a entonação expressa pelo regionalismo linguístico. Na imagem da figura 20, o personagem mineiro está vestido com a camisa do Brasil, a figurante anterior, a mulher com a criança em mãos está retratada como retirante nordestina. A roupa do mineiro exprime a entonação de que o Brasil está impotente diante do controle de poder, embora o país esteja representado aqui apenas pela região Sudeste, especificamente o estado de Minas Gerais. Assim, a charge cria a imagem de um Nordeste subversivo, agressivo, sobretudo, vingativo e danoso ao país.

Na próxima imagem, a charge também confere matizes ideológicos às variações linguísticas pertencentes aos estados da região nordestina.

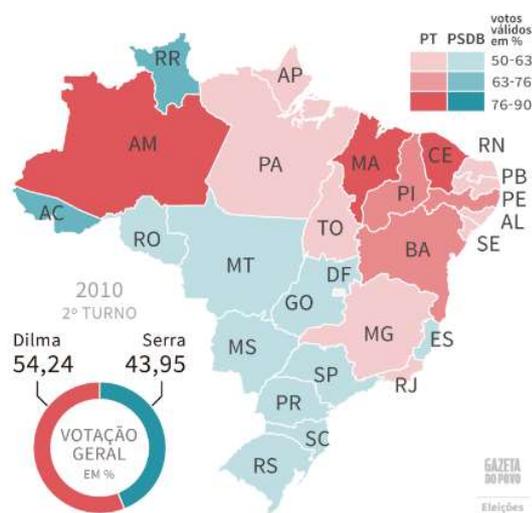
Figura 21- Tem uma paulista



Fonte: Humor político. Disponível em: <www.humorpolitico.com.br> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge referida tece uma crítica aos ataques cibernéticos feitos nas plataformas digitais contra os nordestinos nas eleições de 2010, em que a Dilma Rousseff foi eleita pela maioria dos votos dos brasileiros, como podemos constatar no gráfico abaixo, divulgado no dia 25 de setembro de 2018 pelo jornal curitibano *Gazeta do Povo*.

Gráfico 01- 2010, 2º turno



Fonte: Gazeta do Povo . Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/resultados-eleicoes-presidenciais-desde-1989/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

No gráfico, observamos que a maioria do Norte e Nordeste do país elegeram a presidente com expressividade, além de estados sudestinos como o Rio de Janeiro e Minas Gerais que deram à ex-presidenta uma quantidade de votos expressivos, desmistificando a ideia de que apenas as regiões Norte e Nordeste, sozinhas, do país elegeram legitimamente

Dilma como Presidenta da República. Esses resultados foram os motivos das manifestações xenofóbicas contra os nordestinos, ataques que renderam debates acalorados sobre o preconceito étnico no Brasil. Entre os debates estão as exposições de imagens produzidas por chargistas no Brasil inteiro como observamos acima a charge de Newton, divulgada no *Charge Online*, no *Diário do Nordeste* e na plataforma *Humor Político*.

Nessa charge, há uma alusão direta ao caso Mayara Petruso, que pediu a todos os paulistas para matar um nordestino afogado e inspirou a outras manifestações xenofóbicas contra os nordestinos. Essa alusão é confirmada no enunciado: “Tem uma paulista esculhambando os nordestinos pelo tuíte...”. Nele identificamos, além da alusão ao caso, uma entonação sobre os nordestinos, que exprime a ideia de que eles foram vítimas dos ataques preconceituosos na rede digital. Isso é verificável quando, pela voz do personagem, o autor engendra em seu projeto discursivo o anseio de denunciar a agressão verbal ao usar a palavra “esculhambando”. Na mesma charge, detectamos a heterodiscursividade idealizada pelo chargista na fala do segundo personagem, quando menciona um enunciado dito pelo escritor Ariano Suassuna: “Eu não troco meu oxente pelo ok de ninguém”. Nesse contexto histórico da charge, o enunciado manifesta uma reacentuação, cuja entonação revela um combate ao racismo, ao preconceito e à xenofobia. Esse duelo se revela pela presença de uma comparação de dois léxicos que caracterizam regiões diferentes: o “ok” e o “oxente”, sendo o último tipicamente parte da cultura nordestina. É uma guerra entre o urbano e o rural, o civilizado entre o selvagem manifestado no poder simbólico que a língua exerce de estratificar a sociedade em nível cultural, ainda que isso implique apontar para a memória do passado e para diálogos entre culturas, conforme constatamos a seguir.

O vocábulo *oxente*, de acordo com o dicionário *Aurélio* (2004), origina-se do galego *ó xente* e é uma forma aglutinada da expressão *ó gente*. Nele se vê uma memória apontando para o passado do Nordeste. Essa região, no período da colonização e da divisão das terras em capitânicas hereditárias, recebeu em seu território o espanhol, o galego e o basco. Portugal e Espanha estiveram em aliança durante sessenta anos (de 1580 a 1640), o que motivou a entrada de soldados espanhóis para retirar o invasor holandês (TAVARES 2008, p. 77). Esse advento histórico certamente explica a formação e uso do vocábulo, que, até hoje, é usado pelos nordestinos, porém agora para expressar espanto e surpresa.

A respeito do léxico *ok*, de acordo com o *Dicionário Michaelis* vem do inglês, cujo objetivo é expressar concordância, anuência e aquiescência. Usado nos locais urbanos para

ostentar modernidade e sofisticação, é fruto da influência da língua inglesa no mundo (SIQUEIRA, 2011, p. 334). De fato, na era da informação, a língua inglesa se firmou no cenário mundial como língua franca, alcançando tal posição como consequência da hegemonia dos Estados Unidos, materializada em poderio político-militar e avanço tecnológico. Qualquer pessoa que possui um nível de educação formal razoável se sente em uma situação de inferioridade se não fala fluente inglês. Trata-se de uma situação de dominação imperialista para manter as diferenças culturais e estruturais entre o inglês e outras línguas. Por isso, aceitar a língua inglesa como internacional pressupõe aceitar a ordem política que ela serve.

Em ambos os casos, vemos em atividade o processo de hibridação cultural vivo na estrutura linguística. Como afirma Canclini (2015, p. 22), isso ocorre como resultado de fenômenos migratórios, de interação comunicacional, econômica e da criatividade individual e coletiva. Essa hibridação, de acordo com o sociólogo argentino, é uma reconversão de um patrimônio com o objetivo de inseri-lo na sociedade, são apropriações dos bens simbólicos da cultura (a língua, por exemplo) para adquirir os benefícios da modernidade.

Sobre a apropriação dos bens simbólicos, Castells (2018) afirma que a comunicação simbólica entre o ser humano desempenhou um papel importante na sociedade e no desenvolvimento cultural, mas a tecnologia, tendo por símbolo a internet, assumiu nos tempos contemporâneos um caráter organizador contínuo, à medida que os saberes diferentes estão interconectados entre si, transformando e sofrendo transformações, gerando um saber capaz de questionar tudo o que estava consolidado (CASTELLS, 2018, p. 69). Esse é o caso da charge que se apropria de bens simbólicos da sociedade para corroborar ou participar da criação de identidades através do verbo-visual. Divulgadas no ciberespaço, as charges simultaneamente questionam saberes consolidados (como o uso dos léxicos no cotidiano), ao passo que estão interconectados com eles, sofrendo mudanças e causando transformações nos bens culturais dos nordestinos adquiridos ao longo do tempo, como podemos perceber na charge em análise.

Assim como na charge que acabamos de analisar, percebemos em outras uma alusão ao patrimônio cultural do Nordeste com acepções de caráter de matizes ideológico-políticos.

Figura 22- Debates culinários...



Fonte: Jornal do Povo. Disponível em:

<<https://jornaldopovo.com.br/site/charge.php?data=20160229&Submit=ok>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no *Jornal do Povo*, no dia 22 de fevereiro de 2016, alude às manifestações feitas em 2015 e em 2016 em prol e contra Dilma Rousseff, ex-presidenta da República até o ano de 2016 e relembra a operação da polícia federal chamada de Acarajé, nome dado ao dinheiro em espécie pago em propinas pelos corruptos envolvidos.

Após a presidenta vencer as eleições de 2014, em fevereiro do ano seguinte, anunciou um pacote de medidas que incluía um ajuste fiscal que refletia em mudanças nas regras dos benefícios previdenciários. As alterações diminuiriam drasticamente a aprovação da presidente aos olhos da população. Além desse cenário de reprovação, a operação Lava-jato ganhou novos desdobramentos, e o Supremo Tribunal Federal decidiu investigar cinquenta políticos supostamente envolvidos com corrupção, a maioria pertencente a partidos aliados ao governo. Grupos da oposição como os movimentos Vem Pra Rua, Movimento Brasil Livre e Revoltados Online realizaram protestos, convocando participantes através das redes sociais. Embora assegurassem serem apartidários, os movimentos receberam apoio dos partidos de oposição como PSDB, DEM, PPS e SD, que convocaram os seus filiados para os atos³¹.

Observando o contexto de publicação da charge acima, podemos entender as entonações presentes nela. Notamos na sua narrativa um debate entre dois manifestantes.

³¹ VENCESLAU, P.; HUPSEL FILHO, V. Siglas de oposição dão suporte para protestos do dia 15. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,siglas-de-oposicao-dao-suporte-para-protestos-do-dia-15-imp-,1647647>> Acesso em: 02 jun.2019.

O primeiro, vestido de vermelho, está à esquerda e com a placa escrita: “Apoio Dilma”. Ele chama o outro personagem de “cozinha”. Essa alcunha, possivelmente, tem a sua origem nos anos de 1980, quando os policiais recebiam um vale-alimentação de baixo valor e consumiam o salgado nas lanchonetes paulistanas. No decorrer do tempo, por conta da divulgação em programas de TV, o termo adquiriu o caráter pejorativo, referindo-se a toda e qualquer pessoa preocupada com segurança da classe média, com valores conservadores³². Dessa forma, na charge em análise, a palavra toma uma entonação que aponta para uma memória do passado, resgatando o sentido do termo pejorativo, reacentuando-o, para referir-se a todos os simpatizantes dos partidos de direita e aos seus valores.

O segundo personagem, vestido de amarelo que está à direita, revida com a alcunha “acarajé”. A alcunha faz referência ao 23º desdobramento da operação Lava-jato. O vocábulo era usado pelos corruptos para referir-se ao dinheiro em espécie. Dessa forma, levando em conta que a data da publicação dessa charge fora na época em que o fato ocorreu, o chargista também se referia jocosamente ao acontecimento, dando uma reacentuação ao léxico, agora sendo usado para referir-se aos manifestantes de orientação ideológica socialista e comunista e divulgar uma identidade construída para subjugar-los.

Nas manifestações de 2015 e 2016, é observável a revelação de identidades quando os atores sociais retomam elementos fornecidos pela história e pela memória coletiva para criar identificações em torno de tendências sócio-históricas. De acordo com Castells (2018, p. 55), as instituições dominantes (nesse caso, os partidos políticos envolvidos nas manifestações) podem construir identidades para expandir a sua dominação em relação aos atores sociais. Essa dominação funciona na medida em que os atores sociais envolvidos internalizam o sentido criado em torno de uma identidade primária autossustentável ao longo do tempo e espaço. De fato, quando ambos os grupos usam as alcunhas acima analisadas, vemos a tentativa de reorganizar a visão de tempo e espaço com o objetivo de marcar a força e uma dominação nas relações de poder.

As charges analisadas aqui desenham a região que chamamos de Nordeste como uma herança de características frágeis, culminantes em estereótipos distintos da realidade. São características estereotipadas semelhantes a essas evocadas em charges que constroem

³² ARAGÃO, Alexandre. Tipicamente paulistana, gíria “cozinha” tem origem controversa. **Folha de São Paulo**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistana-giria-cozinha-tem-origem-controversa.shtml>> Acesso em: 02 jun.2019.

narrativas para a manutenção da intolerância, da discriminação e do preconceito. Elas constroem identidades compatíveis com as atitudes violentas e construções compartilhadas em diferentes sociedades. Veremos a seguir a estrutura dessas narrativas construídas nos textos opinativos imagéticos em estudo nesse trabalho e como trabalham para a manutenção do poder de uma classe elitista na sociedade brasileira.

4. A MEMÓRIA DISCURSIVA NAS CHARGES – O QUE AS NARRATIVAS DIZEM SOBRE OS NORDESTINOS

Observamos em análises anteriores que as matérias-primas das charges e cartuns são, além do humor, as narrativas incluídas no projeto discursivo dos chargistas, sobretudo aquelas cuja relação entre o tempo e o espaço norteiam os diversos sentidos valorados às palavras Nordeste/nordestino. Por isso, foi necessário buscar uma teoria capaz de explicar aspectos das estruturas narrativas nos gêneros em análise. Assim, recorreremos à noção de cronotopo, proposta por Bakhtin (2018).

Embora a noção de cronotopo tenha sido associada em Bakhtin aos estudos literários, sentimos o reflexo dela no âmbito cultural, concebendo sentidos às experiências e vivências em sociedades. Nesse caso, podemos entender que a noção de cronotopo guarda em si uma particularidade: as ações humanas são cronotópicas em maior ou menor grau. Elas podem ser comunicadas, transmutadas em informações. Isso implica, por exemplo, que as opiniões sempre sugerem momentos espaciais e temporais em ordens valorativas, insinuando uma diversidade de julgamentos e apreciações, erigindo construções sociais (nesse caso, sobre os nordestinos e o Nordeste).

De acordo com Mendes (2002, p. 521), as narrativas culturais constituem-se na mimese da ação e têm como mediadora o tempo. Ela reacentua o tempo e através da memória da identidade construída na vida procura dar uma forma de experiência humana. Por isso, as identidades emergem da narrativização do ser. As identidades se formam pela narração, pelo discurso, em lugares históricos e institucionais. O cronotopo situa no espaço e no tempo a interação dialógica dessas narrativas.

Tentamos, por conseguinte, organizar os discursos em três manifestações principais do tempo e do espaço nas charges sobre o Nordeste e o nordestino. Identificamos nas análises, o cronotopo idílico ou campestre, o cronotopo da viagem ou da mudança e o cronotopo mitológico ou popular. Acreditamos que nas relações referidas desvelaremos os sentidos assumidos nos julgamentos despontados ao longo do tempo nas charges e cartuns sobre o Nordeste.

4.1 . O CRONOTOPO IDÍLICO OU CAMPESTRE

Em seu ensaio *As formas do tempo e do cronotopo no romance* (2018), Bakhtin (2018, p. 194), encontra-se em suas análises literárias o cronotopo idílico como metáfora da fixação da vida e dos episódios a um lugar concreto. Nas charges e cartuns encontrados

nos periódicos brasileiros que tratam sobre o Nordeste, notamos o espaço rural inseparável de todos os acontecimentos do país e da própria região, ainda que os fatos históricos narrados sejam interligados a outros lugares fora do Nordeste. É a terra que institui a identidade do homem nordestino. Podemos observar na charge nº 21, de autoria de Fausto e publicada no extinto jornal *Olho Vivo*, de 24 de julho de 2013, cujo objetivo é estabelecer uma homenagem a Dominginhos, morto no mesmo ano no Rio de Janeiro.

Figura 23- Sobe o som.



Fonte: Olho Vivo. Disponível em: <www.chargeonline.com.br> Acesso em: 02 jun. 2017.

A paisagem desenhada modela um mundo isolado das interferências externas. É um espaço estático, sem mudanças no clima, na vegetação e na terra. Embora o espaço real tenha sofrido alterações em sua paisagem ao longo do tempo, na charge descrita acima e nas charges em que o cronotopo idílico é predominante, há uma imutabilidade do clima, do relevo e dos habitantes autóctones da região, embora a região possua duas manifestações climáticas, além do semiárido. A vegetação da região é marcada pela presença dos cactos. Os homens sempre estão vestidos como mendigos, rasgados ou caracterizados com roupas de couro, cuja maneira de trajar-se lembra os feitos dos agricultores no período colonial brasileiro para lograr os utensílios e realizar as atividades agrícolas.

Na estrutura narrativa da charge acima, a terra dita os comportamentos celestes e terrestres. Ela dita o estilo de vida e as artes a serem consumidas pelos autóctones. No projeto discursivo do chargista, o tempo se preserva estático, recortado e imutável por ser parte de uma narrativa de um gênero imagético cuja função é emoldurar as construções sociais e os estereótipos dos quais se valem para emitir opiniões e despertar o riso.

Também, constatamos nas charges sobre o Nordeste e os nordestinos que o espaço campestre adquiriu poder para ditar o destino dos autóctones e dos personagens da charge,

como percebemos na charge n° 23, acima e na charge n° 24 abaixo. Através da metáfora desenhada abaixo, que resume toda a região ao campo seco e devasto, vemos o tempo e o espaço definir a separação entre a vida e a morte.

Como percebemos na charge, vemos claramente a aridez do local dizimando a vida das plantações e dos gados, ambas fontes de alimentos para os habitantes da região.

Figura 24- Nordeste

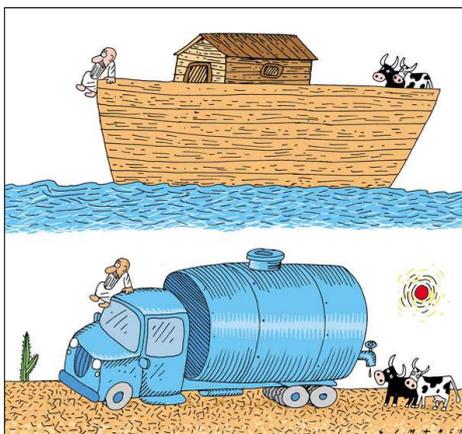


Fonte: Correio Popular. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/busca_nova.php?q=&sa=Search> Acesso em: 02 jun. 2017.

O chargista constrói a narrativa de modo a mostrar a luta árdua do homem e das demais formas de vida pela sobrevivência. A identidade do homem nordestino é descaracterizada e empobrecida na medida em que o circunscreve na luta interminável contra a natureza pela alimentação e pela vida.

Nas charges que encontramos veiculadas nos periódicos brasileiros acerca do Nordeste e de sua cultura, observamos a associação do espaço nordestino às tragédias climáticas, quer sejam por consequência da crise hídrica, quer sejam por consequência das enchentes, conforme podemos observar na charge n° 25.

Figura 25- Cartum



Fonte: Jornal A Tarde. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

Na charge acima, a construção da imagem do Nordeste exprime a imagem estereotipada, repetida, de que o território geográfico nordestino vive na extrema miséria e no caos, nos extremos da ordem atmosférica. Nessa charge, além de o espaço remeter a uma imagem caricatural da região nordestina, lembra o homem nordestino apenas como aquele que ainda acredita cegamente no movimento messiânico, uma sociedade à espera de um salvador sociopolítico. A charge faz menção a uma imagem religiosa e mística como característico da região. Em ambas as partes da caricatura, vemos a alusão a Noé, personagem bíblico salvo do dilúvio, exposto como um salvador das catástrofes naturais que atingiram os estados nordestinos em 2012.

A imagem desenhada sugere a fé na cristandade³³ e em seus segmentos como intrínsecos ao espaço campestre nordestino, conferindo uma identidade religiosa ao espaço rural e profano, à medida que os emblemas religiosos adquirem um caráter político. Conforme observamos, Noé aparece com um carro pipa (uma medida política pública para amenizar as consequências da crise hídrica) para salvar o Nordeste da seca e com a arca, para preservar a vida dos animais e das pessoas das enchentes (emblema religioso usado para salvar Noé, a família e os animais do dilúvio).

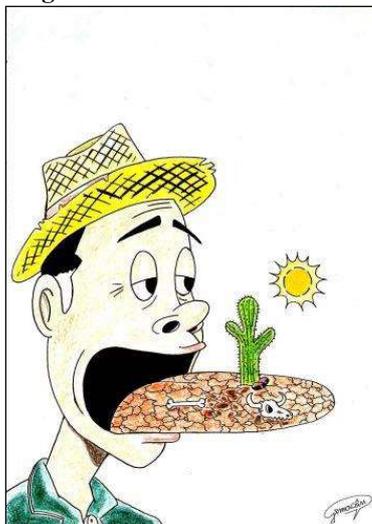
O que se enxerga nas charges sobre o Nordeste e os seus habitantes é a extrema dependência da terra e de seus outros elementos como a água, a vegetação e o clima para sobreviver, conseguir sustento das pessoas e dos animais.

Mesmo quando as charges apenas se centralizam na caracterização dos habitantes autóctones, há uma combinação de elementos da terra para dar forma a esse nordestino. Na

³³ O termo cristandade engloba todas as religiões que afirmam crer em Jesus Cristo. Achamos melhor este vocábulo porque engloba a todas as linhas do Cristianismo.

charge a seguir, nº 24, podemos observar a exemplificação disso.

Figura 26- Vidas secas



Fonte: Brazil Cartoon. Disponível em: <<https://brazilcartoon.com/gemacon/work/22523?language=>>> Acesso em 02 jun. 2017

Na charge acima, o habitante é caracterizado com o chapéu de palha. A matéria-prima principal da indumentária são produtos da terra, como a palha do milho, da cana de açúcar e do coqueiro Ouricuri. Nesse enunciado, notamos que os elementos da terra adquirem uma entonação. Através de um realismo mágico, o chargista engendra um projeto discursivo em que pela boca do personagem se enxerga o mundo geopolítico. Eles projetam um discurso estruturado em torno da fome e da miséria causada pela crise hídrica. Nesse caso, a miséria e a seca estão incorporadas na vida do sertanejo como uma provação complexa e circular semelhante ao próprio alimento que o homem necessita para transformar energia.

Em outras charges encontradas no *corpus*, verificamos que, embora o assunto em pauta seja a crise hídrica em outras regiões do país, a charge reproduz a mesma paisagem rural encontrada nas charges sobre o Nordeste e seus habitantes, os nordestinos. Porém, o homem não está em uma relação intrínseca com o espaço tão forte quanto nas que abordam temas relacionados ao Nordeste, segundo o que se pode destacar na charge abaixo.

Figura 27- Verbas para as enchentes



Fonte: Jornal Notícias do Dia. Disponível: <<https://ndmais.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima retrata a crise hídrica dos estados das regiões Sul e Sudeste, porém a retratação da paisagem, do solo e da vegetação é a que em geral é usada para caracterizar a região Nordeste. É nesse momento que emerge o cronotopo idílico: quando o chargista engendra uma fixação da paisagem rural que, no geral, caracteriza o Nordeste em outras regiões do Brasil. Mesmo sendo em outras partes do país, a crise hídrica terá sempre a aparência árida impressa na região nordestina do país, já que a catástrofe hídrica somente “deve ocorrer” nessa região, sendo uma característica intrínseca a ela, um discurso fixo na formação da identidade dessa região.

Além do mais, o cronotopo do campo nas charges e cartuns sobre o Nordeste e o nordestino institui a miséria como característica psicológica dos habitantes dessa região, propaga o pessimismo psicológico como uma saída para os problemas causados pela terra e os seus elementos naturais, conforme podemos observar na charge de nº 28, aqui abaixo.

administrações, pertencentes a quaisquer ideologias. No geral, assim como todas as demais charges, vê-se uma caracterização do campo excessivamente ligada a um extremo infortúnio e adversidades, conforme vemos ilustrado na charge seguinte.

Figura 29- CBF doará R\$ 100 mil às vítimas do furacão Sandy...



Fonte: Humor Político. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/tag/seca/page/8/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima relembra os estragos feitos pelo furacão Sandy, nos Estados Unidos. Ele destruiu a costa leste do país, matou 12 pessoas, além de espalhar caos em Manhattan, na cidade de Nova York. A tempestade tocou o solo norte-americano com ventos de 130 km/h e movimentos a 37 km/h. As autoridades avisaram os riscos do furacão e ordenaram a retirada de residentes na faixa costeira de New England, mas, apesar dos avisos constantes, apenas 3 mil pessoas procuraram os 76 abrigos à disposição das pessoas em Nova York.

Na charge acima, os elementos do campo assumem o caráter crítico e irônico ao fato de a CBF doar cem mil reais às vítimas do furacão Sandy nos Estados Unidos, em plena copa do mundo realizada no Brasil, onde o Nordeste estava assolado pela seca hídrica e por problemas sociais advindos dela.

Na charge, os elementos da terra e os elementos atmosféricos são evocados com um tom político-ideológico. O sol abrasador do Nordeste consome toda a forma de vida existente e destrói as esperanças das pessoas de conseguir água para saciar a sede. O solo, visto com rachaduras e cadáveres de animais mortos, constitui-se em uma metáfora da aflição, da desgraça, do mal e da adversidade sempre presente. No céu, evoca-se o pássaro que sobrevoa e leva a esperança de obter algum investimento para amenizar as consequências da crise hídrica, embora tenha sediado jogos do torneio mais importante do

mundo do futebol realizado naquele ano. A natureza não se torna uma mãe generosa, mas a progenitora da miséria e do caos.

A sugestão da vida rural, o contentamento com a vida simples dos seus habitantes e a batalha dos autóctones para sobreviverem conferem uma unidade entre a vida política da nação e da região com espaço geográfico e o tempo cíclicos, reduzindo a região a acontecimentos inalteráveis e repetitivos no âmbito político, cultural e econômico.

Nas narrativas sobre o Nordeste Brasileiro, vemos a criação de verdades fixas sobre a terra e sobre as pessoas, cujas histórias são recursivas, sempre se repete. Essas narrativas determinam nas relações de poder quem é incluído e quem é excluído.

As análises das próximas charges no item seguinte mostrarão como as seguintes narrativas da mudança preservam o estereótipo do estigma de inferioridade na luta pelas mudanças e condições melhores de vida do nordestino brasileiro.

4.2 O CRONOTOPO DA VIAGEM E DA MUDANÇA

Sendo o cronotopo a construção da imagem no tempo e no espaço, verificamos que no cronotopo de viagem construído sobre os nordestinos nas charges e cartuns expressa-se uma metáfora para exprimir o desejo de transformações a fim de atingir melhores condições de vida, por isso a viagem é uma metáfora para representar o anseio de mudanças.

No cronotopo de viagem, os personagens das charges e cartuns estão caracterizados como retirantes e flagelados. Em geral, os homens usam o chapéu em forma de meia-lua, imitando os cangaceiros. As mulheres andam com vestidos de pano, e as crianças usam roupas sujas e rasgadas.

No geral, os motivos das viagens sempre são as catástrofes naturais (secas ou enchentes) e as más qualidades de vida. O tema das charges do cronotopo da viagem ou da mudança são as viagens dos retirantes nordestinos para São Paulo especificamente ou o contrário. A cidade sudestina é vista no Nordeste como símbolo da prosperidade material e da melhoria de vida, tida como a mais fácil de conseguir empregos, moradias e melhores serviços, como podemos observar nas charges a seguir.

Neste cronotopo, a terra natal e o caminho é que fornecem as apreciações, modelam as abordagens, a visão de mundo e o tempo para os chargistas engendrem os seus discursos. O tema principal discutido é a emigração do homem nordestino de sua terra e o inverso, como acontece na charge a seguir.

Figura 30- Saudades



Fonte: A Gazeta. Disponível em <<https://www.gazetaonline.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017

Veja que a imagem cronotópica construída a respeito do Nordeste e dos nordestinos é de uma carência de mudanças climáticas e sociais. Na charge acima, vemos um desenho com um horizonte vermelho, um sol reluzente e o solo seco, rachado no sertão, e as pessoas pintadas em formas de sombras. O horizonte aponta para um futuro de luta para conquistar a sobrevivência. Assim como a terra, o horizonte é ígneo, sem perspectiva e que demandará de muita energia para alcançá-la.

Na fala da “véia”, observamos o depósito da esperança em seu marido, quando afirma “Que bom que ocê voltou, meu véi!”. O marido, além de servir como amparo emocional, representa uma expectativa de vida melhor para a família. Mas o “veio” mira como perspectiva de futuro melhor a cidade de São Paulo. Ao afirmar: “Oiando essa paisagem me dá uma saudade de São Paulo”, o personagem transparece que sua viagem de volta ao Nordeste desponta uma desesperança diante da vida. Essa apreciação sobre o espaço sudestino está presente em outras charges, cujo tema são as viagens em busca de perspectivas melhores, conforme podemos observar na charge a seguir.

Figura 31- Nunca no Sudeste...



Fonte: Tribuna de Minas Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

Nesse cronotopo, as mudanças e as viagens migratórias do homem ocorrem em função do espaço geográfico caótico e de um tempo pontual, controlado pelos fenômenos atmosféricos. Em tela, o chargista Mario aborda a polêmica gerada em torno da seca no território sudestino, em especial, em São Paulo. Observamos duas apreciações sobre o território brasileiro que enfatiza a ideia veiculada historicamente de que existe superioridade entre o território sudestino em relação ao nordestino.

No material visual, o autor convencional da charge engendra a mesma entonação sobre o espaço do Nordeste vista em outras charges. Nos seus discursos, o chargista recorre ao estereótipo geográfico para determinar e organizar a imagem do homem nordestino como eterno migrante. A narrativa é construída de modo a mostrar a paisagem como estática, como se não houvesse nenhuma modificação dela ao longo do tempo. É uma narrativa feita para preservar a miséria e o caos como uma fotografia. Nessa narrativa da figura 31, vemos a conversa entre dois personagens femininos sobre a situação da seca no país. O material verbal, então, implementa a apreciação encontrada no material visual. No material verbal, podemos constatar a presença de um heterodiscurso, vozes que lutam entre si. Primeiro, observamos o discurso dos brasileiros que enxergam a seca como uma dificuldade comum, tida como acontecimento indiferente. No discurso engendrado pelo chargista nesse texto, a seca é tida como “realidade”. Nessa palavra, podemos constatar uma entonação que exprime o sentido de que esse problema climático e social é como um episódio cotidiano ao país e ao Nordeste.

Já a segunda voz idealiza a entonação de que a seca é incomum no Sudeste. Por isso, torna-se uma novidade para todos os brasileiros verem o Sudeste como vítimas da catástrofe climática, não apenas os nordestinos. Nessa voz, temos a presença do discurso de quem enxerga o Sudeste como paraíso, onde mesmo os desastres naturais são incomuns. São duas vozes sociais em batalha: a da elite política e comercial, que convenientemente desenha a seca como um acontecimento cotidiano e intrínseco ao Nordeste e retratam o Sudeste como o Éden brasileiro *versus* a dos que sofrem os problemas atrelados à seca, os nordestinos, esquecidos pelas políticas públicas, que agora têm a única esperança decepada e ficam sem rumo, sem direção.

Os Nordestinos se veem obrigados a procurar novos rumos para conseguirem sobreviver. A viagem, nessa charge, contém uma apreciação que exprime a ideia de mudança, o anseio por uma qualidade de vida melhor, a migração em busca de melhorias.

Vemos como esse discurso da migração é construído na charge a seguir, mas agora fazendo o percurso inverso.

Figura 32- Eu vou voltar...



Fonte: O Popular. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/opinioao/charges->> Acesso em: 02 jun. 2017.

Nessa charge, embora a seca assole São Paulo, a imagem cronotópica desenhada já não é mais a rural, é de uma cidade urbana com prédios, arranha-céus. A entrada e saída da cidade ainda permanece de argila, lembrando as estradas de algumas cidades sertanejas. A perspectiva de vida não é mais São Paulo, já que está em profunda seca e crise hídrica como podemos observar na expressão facial do personagem, desconsolado.

Nas charges, cujo tema é a seca paulista, o personagem está caracterizado como cangaceiros ou mesmo como maltrapilhos, embora em uma cidade urbana, a imagem do nordestino é associada ao agricultor, caricaturando os habitantes do Nordeste. A indumentária desse personagem é derivada de produtos da terra: o chapéu meia-lua é de couro, a calça e a camisa de algodão. Pela natureza de sua luta, era nômade e vivia em constante guerra contra a caatinga e o poder local, representado pelo judiciário e coronelismo. Por isso, o cangaceiro é o símbolo de nordestinidade, usado nas charges para representar as viagens em busca de mudanças sociais e perspectivas.

A preocupação do cangaceiro é trazer justiça e melhores condições de vida, sem importar-se com o fator temporal. Nele, resumem-se os elementos da terra e do tempo simultaneamente. Nesse caso, a perspectiva de caráter positivo está não mais em São Paulo, mas no Sertão.

Entretanto, há a reprodução de um lugar-comum sobre os nordestinos, de que somente vivem em função das condições climáticas em qualquer espaço, mesmo em uma cidade urbana e cosmopolita como São Paulo, como notamos em outras charges como a descrita abaixo.

Figura 33- Fugindo da Seca



Fonte: A Cidade. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/Ribeiraopreto/>> Acesso em: 2 jun. 2017.

A terra desenhada nessa charge é idêntica à terra nordestina representada em outras charges que analisamos e reproduzidas nos periódicos brasileiros. O solo de argila é seco, a vegetação coberta de abrolhos e parte de uma caatinga castigada por um sol abrasador. O tempo reproduzido na tarde é sempre o dia, no qual o sol está em atividade. O personagem dessa charge, embora não seja cangaceiro, tem a sua indumentária também como fruto da terra. O sertanejo, de acordo com a imagem cronotópica idílica e de viagem, seria produto da terra e do tempo. Ele só existe porque o tempo e os elementos do solo e seus produtos existem, mesmo estando em um estado, cujo caráter é urbano.

Embora a charge acima reproduza uma imagem de São Paulo estereotipada assim como as charges acima analisadas fazem com a imagem do Nordeste, seria impossível ter uma paisagem seca porque a economia de São Paulo é mantida por indústrias metal-mecânicas, químicas, automobilísticas, aeronáuticas, de informática e por setores de serviços financeiros em um ambiente totalmente urbano. Mesmo a variedade linguística usada na placa não se trata de uma paulista, mas de uma variedade sertaneja, que evidencia acesso nenhum ou restrito aos meios acadêmicos. No cronotopo de viagem, como no anterior, percebemos que a terra organiza as apreciações, as entonações sobre o Nordeste nas narrativas das charges e cartuns, no caso, para as catástrofes climáticas sobrevindas ao Nordeste parecerem cíclicas e maldições sobre as outras terras.

Em outros casos, vamos observar que a imagem cronotópica do Nordeste revela um sentido artístico-ideológico, conforme vemos na charge abaixo.

Figura 34- Bolsa Família terá um corte de 10 bilhões



Fonte: Diário do Pará. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

Na charge acima, a saga dos Nordestinos está retratada em uma paródia do quadro *Os Retirantes*, de Cândido Portinari. O quadro mostra o insuportável sofrimento que concederam aos nordestinos ao construir a identidade da região ao longo do tempo da história do Brasil. Em tela, o quadro assume uma postura ideológica e irônica diante da situação em que se encontra uma das políticas públicas que mais beneficiou a população nordestina, o Bolsa Família.

Semelhante ao quadro parodiado, a charge possui tons escuros no muro e na vestimenta dos camponeses, o que lhe confere um tom terroso e obscuro. A paisagem não é a do sertão nordestino no quadro. No fundo da charge, temos a presença de um muro feito de tijolos com cores cinza e branco. O solo não é argila, mas uma calçada em branco, como se faltassem pavimentos para andar. Os sertanejos estão todos pintados de preto e caracterizados como à espera da morte. Há duas crianças no colo e três em pé, como se fossem cadáveres. A imagem produz o efeito de que os garotos são feitos de ossos. Semelhante ao quadro de referência, há uma criança em pé com o ventre robusto, embora magra, imprimindo a ideia de que parece estar com barriga d'água, uma doença comum no sertão, já que, por conta da crise hídrica, são compelidos a consumir água sem tratamento advinda de açudes. Nas mãos de um dos personagens, da mãe com um bebê cadavérico, está o cartão Bolsa Família. As expressões dos adultos desvelam um profundo desespero, não diante de uma seca, mas diante do possível fracasso do plano social. A charge, assim como a pintura, conduz os seus leitores a compreenderem que se trata de um retrato, de uma foto, não de uma charge.

A crítica aqui, semelhante ao quadro, é contra a miséria dos nordestinos causada pelo

corte de verbas no projeto Bolsa Família. No quadro, os sertanejos são espalhados pelo país para fugirem das más condições de vida, causadas pela crise hídrica, na charge, a causa da migração é a miséria como consequência do corte ao programa bolsa família. Os nordestinos vão em busca de uma terra prometida, cujas bênçãos incluem chuva e empregos.

O ambiente descrito nessa charge é o do meio urbano, não o do campo como percebemos na imagem do quadro de Portinari. Certamente, a charge aponta para os nordestinos residentes nas grandes capitais do Brasil, dependentes do programa Bolsa Família, que, nesse momento de corte, são ameaçados a voltar à vida de retirantes, porque sofreram perda de poder aquisitivo. O futuro que está intimamente associado ao programa sugere uma única certeza: a de que a miserabilidade é tão certa, quanto será o corte de verbas no programa social.

Assim como os nordestinos retratados no quadro andam à procura de emprego, em busca da terra prometida, a charge procura denunciar as mazelas sociais presentes na sociedade brasileira que, no projeto discursivo do chargista, foram causadas pelo corte de verbas no plano social Bolsa Família.

Como observamos, o desejo de mudança para lograr melhores condições de vida nas charges sobre nordestinos está intimamente associado às viagens migratórias e aos programas sociais implantados, conforme podemos verificar na charge acima. Mas, em algumas charges que encontramos, presenciamos a viagem em busca da mudança associada à morte, como presenciamos na charge abaixo.

Figura 35- Medo



Fonte: O Jornal de Hoje Acesso em: <<http://chargistaamancio.blogspot.com/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima trata de uma paródia de filmes de terror. O cenário descrito é extremamente sombrio. O céu revela medo e hostilidade. Ao contrário das cenas de terror,

nos quais a lua e as nuvens encerram uma paisagem horripilante, na charge acima observamos que o sol e as nuvens propagam o pavor para todas as pessoas. Na frente do personagem, há um navio e uma canoa, semelhantes aos dos piratas. O solo, embora rachado, desloca a cena do Sertão de seca extrema para uma paisagem arrepiante, tenebrosa e aterrorizante. Ele tem a cor branca, o que imprime ao local um aspecto tétrico e fantasmagórico. Embora tenha água disponível, os animais estão mortos, e a terra continua em condições insalubres e impróprias para a vida vegetal, por isso uma vegetação composta por cactos predominantemente.

A única oportunidade que resta ao personagem é a entrada no caixão, cuja passagem o conduz a uma zona onírica e sobrenatural, onde a água predomina. Na cena descrita na charge em que a sombra do personagem está no túmulo como se estivesse viva e enterrada, assustada. O personagem parece assombrado com a ideia de conseguir água, aventurando-se a uma viagem tão radical, a passagem da vida para a morte.

O personagem parece, nesse momento, viver um delírio devido às situações secas as quais experienciou. A seca aqui não é climática, mas uma seca psicológica, a qual mesmo em situações oníricas (como parecem indicar o solo do local e a existência de navios no Sertão) exaure o personagem, chegando ao extremo de apavorá-lo e deixar como expectativa, o desespero e a morte, cujos caminhos o transportam para melhores perspectivas, a saber, o encontro com a água na própria sepultura.

Nesse caso, o espaço e o tempo não são apenas uma conexão concreta; contudo, o real e o imaginário se mesclam a ponto de transformar o espaço e o tempo em um evento sobrenatural, fantasioso, produto de devaneio e de ilusão, em um tempo e um espaço imaginários, desvelando uma perspectiva de mudança ilusória e surreal.

Além de representar uma metáfora para a mudança, a morte em muitas charges desvelou-se como a presença do misticismo na cultura do sertanejo. Veremos no tópico a seguir como o misticismo serviu para construir uma imagem cronotópica do Nordeste.

4.3 O CRONOTOPO POPULAR OU MÍTICO

Nas charges observadas, vemos as referências aos costumes populares e folclóricos da cultura popular dos estados nordestinos, aliados a críticas ao sistema político brasileiro contemporâneo. Nas charges, detectamos uma reacentuação dos elementos das culturas nordestinas que decorre de uma reorganização da imagem cronotópica do ser nordestino em forma única, como observamos na imagem abaixo, publicada no jornal O Globo

(28/05/2014).

Figura 36- Entrevuvido naquela roda de capoeira



Fonte: O Globo. Retirado de: <<https://oglobo.globo.com/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

As motivações folclóricas na charge acima adquirem objetivos críticos, político-ideológicos. A capoeira, que é ao mesmo tempo luta, dança e jogo, no contexto apresentado, se torna na intenção discursiva do chargista instrumento para retratar as alianças e a guerra político-ideológica do país nas eleições de 2014. Diferente das outras eleições anteriores em que o rádio, a televisão e o jornal exerceram pressão sobre as pessoas, a internet teve uma influência importante e decisiva nas eleições. No Facebook, por exemplo, ocorreram 674,4 milhões de interações entre agosto a outubro do mesmo ano³⁵. De acordo com o IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio, 54% da população brasileira possuía acesso à internet em 2014.³⁶

Nessa charge, observamos que a intenção discursiva do chargista se nutre de elementos do folclore para retratar irônica e humoristicamente a guerra política que a eleição de 2014 representou para o Brasil. A capoeira, uma manifestação folclórica em que coexiste a orquestra entre música, dança e golpes, remete a manifestações de danças guerreiras na África Central e usada por negros em comunidades quilombolas na Bahia para defesa pessoal e culto as suas deidades, na charge, expressa uma entonação, cujo

³⁵ Dados fornecidos ao G1 pela companhia Facebook. Eleições brasileiras foram as mais comentadas da história do Facebook. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/eleicoes-brasileiras-foram-mais-comentadas-da-historia-do-facebook.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

³⁶ **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** síntese de indicadores 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

sentido lembra o de uma pugna entre grupos defensores de interesses distintos.

Embora a capoeira seja uma dança e uma luta corporal do Brasil colonial e tenha chegado até os dias atuais, podemos constatar que os personagens que participam da narrativa criada na charge são reais e não são preenchidos com forças sobrenaturais, como é de costume em algumas narrativas folclóricas associadas à própria dança capoeira, porém, nesse caso, os personagens em questão são revestidos de uma grandiosidade e à vontade com o espaço-tempo no qual se inserem. Eles subjagam os seus inimigos com força, nesse caso, com vigor político. Por isso, vemos a capoeira como uma alegoria da dominação, da superioridade e da preponderância política, notadamente, na charge em análise de figuras políticas apoiadas pelo Nordeste Brasileiro ou oriundas de estados pertencente a essa região brasileira.

De fato, os elementos culturais do Nordeste ganham uma conotação político-ideológica nas charges, como podemos constatar também na imagem abaixo.

Figura 37- Vai um acarajé?



Fonte: Jornal da Manhã. Disponível em:< <https://m.jornaldamanha.info>>. Acesso em: 02 jun. 2019

A charge acima retrata uma operação da Polícia Federal conhecida como operação Acarajé. Foi a 23ª fase da Lava-jato, cujo alvo foi o publicitário das campanhas presidenciais de 2006, 2010 e 2014, João Santana. A operação recebeu esse nome porque o dinheiro vivo entregue ao marketeiro recebia o nome de Acarajé, uma alusão ao prato típico no tabuleiro das baianas e a mitologia regente no prato de origem iorubá.

Na narrativa acima, vemos a participação de três personagens políticos mencionados na delação premiada de João Santana: ele mesmo, o ex- presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ex-presidente Dilma Rousseff. No tabuleiro da baiana, aparecem notas de dinheiro, fazendo alusão à lavagem de dinheiro descoberta na operação dita acima. Na

narrativa dessa charge, o marketeiro é associado à imagem da baiana, personagem que, na maioria das vezes, é também sacerdotisa na religião candomblé, quem (de acordo com a tradição da religião mencionada) recebe poderes sobrenaturais e intervém entre os humanos e os deuses para estabelecer comunicação com o mundo espiritual.

De acordo com a lenda, a deusa dos ventos e das tempestades, Iansã, foi à casa de Ifá buscar alimento para o seu marido. Desconfiada, ela provou o alimento antes de oferecê-lo ao marido, e nada ocorreu. Quando chegou a casa, ofereceu o preparado ao marido e instruiu-lhe a falar com o povo. Enquanto Xangô comia, labaredas de fogo saíam de sua boca. Diante disso, a comunidade saudou a ambos de grande rei do fogo. Aproveitando-se dessa lenda, chargistas a engendraram narrativas com o diálogo direto com a mitologia iorubá supracitada, conferindo aos seus personagens um tom de humor irônico, como vemos abaixo.

É o principal atrativo no tabuleiro da baiana (IPHAN, 2007), como podemos observar no diálogo feito na charge abaixo.

Figura 38- Aaaaaahhhh!



Fonte: Jornal do Comércio. Disponível em: < <https://jconline.ne10.uol.com.br/> >. Acesso em: 02 jun. 2017.

Sabendo sobre a lenda, compreendemos o motivo da analogia do dinheiro ao bolo encontrado no tabuleiro da Baiana. Assim como o bolo típico recebe uma associação ao fogo, elemento da natureza que confere poder e autoridade aos deuses, a moeda, o dinheiro confere influência e prestígio ao seu receptor, nesse caso, o publicitário João Santana. Seria esse mais um elemento que caracteriza a cultura do Nordeste brasileiro recebendo uma entonação negativa.

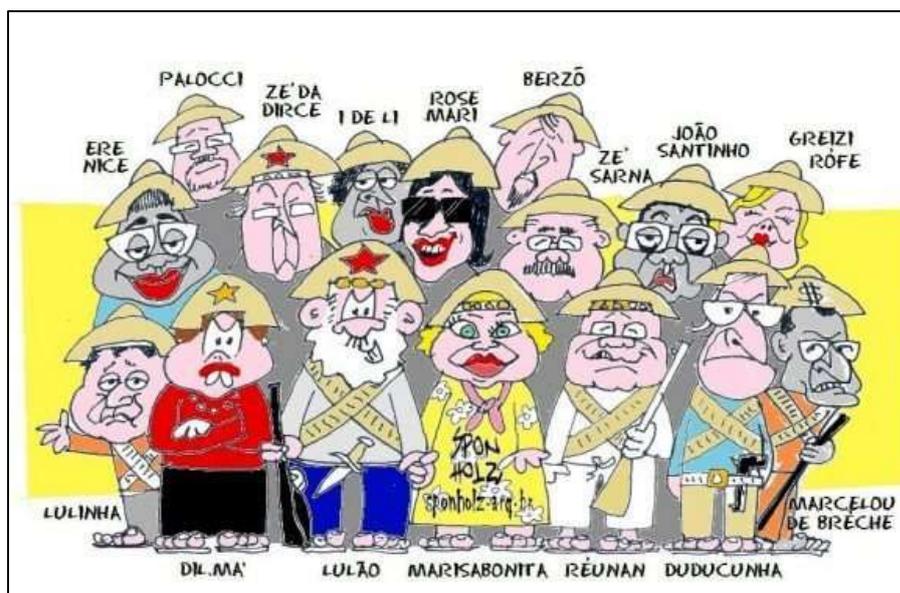
Observamos que na narrativa da charge acima analisada e na intenção discursiva do chargista, há uma atualização do passado ao presente, cuja culminância acontece na

analogia dos motivos folclóricos aos motivos político-ideológicos. De acordo com a tradição religiosa, a responsabilidade de fazer o acarajé é da mulher, filha de santo, quando for para obrigações espirituais, ou da baiana, quando é para vender na rua. Na era colonial, as mulheres escravas saíam à noite com o tabuleiro e cestos na cabeça para vendê-los ou oferecê-los nas ruas de Salvador e oferecê-los às deidades nas festas relacionadas com o candomblé (IPHAN, 2007). No Brasil colonial, os ganhos com a venda do acarajé permitia a sociabilização entre os escravos urbanos e a criação de irmandades religiosas. (IPHAN, 2007). Tal comércio ambulante era também praticado na África Ocidental como maneira de as mulheres lograrem autonomia dos homens e serem provisoras da família. Desde a extinção da escravatura até os nossos dias, a venda de acarajé permite às mulheres aprenderem uma nova profissão e assumirem múltiplos papéis sociais, desde chefes de família a devotas e sacerdotisas religiosas.

Na charge 35, João Santana, publicitário responsável pelas campanhas de Lula e de Dilma, assume o papel de sacerdote cujo “poder” publicitário sustentou a influência política dos ex-presidentes. Em seu tabuleiro há a oferenda aos deuses, o “acará”, o “acará ajé” (comer fogo), nesse caso, representando o dinheiro em espécie que recebeu no esquema de corrupção investigado pela Lava-jato.

Podemos constatar, também, que a realidade histórica se torna arena para revelar o caráter humano tanto dos autores como dos personagens alvos de suas críticas. Outra característica cronotópica existente nas charges sobre os folclores nordestinos é a dissimulação na forma de sentir o tempo ao fazer menções à ancestralidade, como podemos constatar na charge abaixo.

Figura 39- Bando



Fonte: Jornal da Manhã. Disponível em: <<https://m.jornaldamanha.info>> Acesso em: 02 jun. 2017

A charge acima, publicada no *Jornal da Manhã*, periódico paranaense, parodia o bando de Lampião e faz uma analogia com os principais políticos citados na Lava-jato e pertencentes aos partidos de poder no período de sua publicação. Como podemos constatar, há uma referência atualizada ao cangaço e uma menção desse movimento como uma ancestralidade nordestina.

Como notamos ao longo do trabalho, a construção do nordestino em charges e cartuns tem sido ligada a uma entonação de aspecto negativo e de caráter político-ideológico. Nesse caso, não é diferente: a imagem cronotópica construída nessa charge expressa juízos de valores negativos sobre a nordestinidade e sua ancestralidade.

De acordo com Oliveira (2000), o sertão recebeu três espécies de descrições: o sertão purgatório, o inferno e o paraíso. O Nordeste purgatório é aquele em cujo cenário as pessoas caminham vagamente, com chão rachado, galhos secos e esqueletos de animais. É o local de penitência onde imperam o misticismo, o messianismo e o cangaço. O sertão aparece como algo a ser decifrado, como uma fantasia cheia de movimentos políticos e religiosos. O Nordeste inferno é caracterizado pela presença maciça do calor, onde a violência e o banditismo são as condutas da região. Os seus personagens principais são os jagunços, cangaceiros e coronéis. O sertão como paraíso é o lugar romântico, no qual tudo é perfeito e a pureza aparece como sonho do sertanejo, com uma paisagem paradisíaca, com o lema de que o “sertão vai virar mar”.

A entonação expressa aqui nessa palavra apregoa a vingança e destempero como

partes do espaço e tempo nordestino. Lampião teve a sua imagem associada ao ódio e à vingança, em suas incursões o viam como vingador. A vingança e a impetuosidade eram ingredientes que se misturavam com a terra seca e o espaço no cangaço. A terra quente, o sol caudaloso, as árvores secas, os animais mortos e a crescente falta de água faziam com que a miserabilidade e o destempero das retaliações fossem piores, porque os problemas sociais aumentavam e somavam-se aos embaraços políticos (OLIVEIRA, 2000). Em suas incursões pelo espaço nordestino, o bando de Lampião planejava as suas ações de acordo com os motivos determinantes. É a entonação engendrada pelo chargista em seu discurso, ora o grupo político descrito que no passado sofria represália por questões ideológicas, agora usa o poder para saldar a “dívida” (a vingança, a retaliação) com os seus agressores, ora o grupo político opositor usa as ferramentas de poder para repelir o seu inimigo.

Embora os personagens sejam contemporâneos, o chargista em sua intenção discursiva faz menção de uma imagem cronotópica desenhada sobre o Nordeste ao longo do tempo, a saber, uma região como produto de banditismo, de criminalidade. Assim como no século passado, o cangaço recebeu calúnias e difamações a respeito de sua conduta, os personagens acima descritos são questionados pela conduta política-ideológica e pelas diversas acusações aos quais sofreram³⁷. Na charge da figura 39, o tempo parece ser recuperado de tal forma que a história parece cíclica, repetida, cuja mescla entre o urbano e o rural (a indumentária dos personagens ora se compõe de derivados do campo e de produtos industrializados – o batom, óculos escuro e de grau) reforça a ideia de uma passagem breve, mas narrada sob o ponto de vista do chargista, cujo anseio vê-se claramente que se constitui em uma crítica contumaz ao sistema político estabelecido na época da publicação da charge. Assim como no passado, Virgulino recebeu uma caracterização sempre próximo à perversidade, descrito como maníaco, em um extremo maniqueísmo, por sua vez, Luiz Inácio Lula da Silva e seus aliados são representados de forma similar em charges e pela mídia local.

A entonação que confere aos personagens acima e aos nordestinos no geral,

³⁷ Facó (1976, p.03) afirma que há uma falta de compreensão do cangaço. Ele declara que existem inúmeros relatos sobre o cangaço, mas interpretação alguma. Em alguns desses relatos, os autores realizam uma consideração sobre as origens do movimento, contudo não vão além disso. Lima Irmão (2018, p. 17) declara que não é justo pintar Lampião como um “monstro”, nem como bonzinho porque todo maniqueísmo é perigoso. Naquele tempo, não havia jornalismo investigativo. As notícias chegavam até os jornais através de telegramas por correspondentes, pela polícia e pelos prefeitos. Assim, as autoridades repassavam através de suas assessorias de imprensa, como acontece até os dias atuais, o mais interessante para si. Os jornalistas então não sabiam distinguir a verdade da propaganda.

portanto, expressa uma correlação dos personagens expostos na charge ao banditismo, a quadrilha, a arruaça e a criminalidade. Parecido a essa entonação, podemos observar também no cronotopo folclórico relacionado às festas juninas, conforme expresso abaixo na charge nº 40 .

Figura 40- Lula tenta afastar sua imagem dos problemas do governo...



Fonte: Folha da Manhã. Disponível em: <<https://clicfolha.com.br/home>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima realiza uma troça sobre as críticas que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez ao Partido dos Trabalhadores e o afastamento do metaúrgico dos problemas políticos no governo Dilma. A presidenta, nesse período, afastou os colaboradores de Lula do governo, e o partido ao qual era integrante sofreu uma crise de identidade, apontada pelo presidente Partido dos Trabalhadores no período, Lula.³⁸ Sabendo disso, podemos compreender a analogia que é feita acima.

A charge faz menção a um dos costumes das festividades juninas, o casamento caipira ou matuto como assim é conhecido popularmente. A tradição se insere na quadrilha junina e consiste na dramatização de casamento que lembra os matrimônios realizados nas fazendas dos coronéis, cuja culminância era uma grande festa marcada pela quadrilha. Todas as figuras importantes da localidade eram convidadas. Em geral, na dramatização, sempre segue um roteiro traçado: um casal jovem contrai uma gravidez indesejada e o

³⁸ Sobre essa crise de identidade que apontamos aqui, confira a matéria do *Jornal do Estado de Minas* e o artigo *Crise da República e possibilidades do futuro*, cujas referências seguem abaixo:

LYRA, Paulo de Tarso. PT está em crise de identidade. *Jornal do Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 2015. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/02/09/interna_politica,616172/pt-em-crise-de-identidade.shtml> Acesso em: 02 jun 2017.

DOMINGUES, José Maurício. *Crise da república e possibilidades de futuro*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017002601747&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 jun 2019.

moço se recusa a casar. Ambos são de situações econômicas e hierárquicas distintas. A noiva espera ansiosamente pelo casório. A presença dos pais dos nubentes e das autoridades civis do local não é suficiente para coagir o noivo que foge diversas vezes do compromisso. Sob a ameaça de armas, o jovem desiste de fugir e aceita seu futuro como um pai de família. Dessa forma, a “honra” da noiva é salva e as famílias livres do vitupério.

O casamento da filha do coronel era o acontecimento de maior importância para os moradores da região, e todos os convidados compareciam à ocasião bem apresentados, de acordo com as condições econômicas do lugar (ROCHA, 2012). Todavia, o que era um acontecimento religioso e político passa a ser uma oportunidade de satirizar a instituição do casamento e o contexto político de dominação dos coronéis de uma forma jocosa e humorada. Esse é o momento de a sociedade exercer a liberdade para criticar as normas sociais locais e gerais. Através de conteúdos históricos e políticos como o cangaço, a escravidão, o conflito entre latifundiários e agricultores, o objetivo dos casamentos matutos ultrapassa o da diversão simplista, serve para despertar os observadores para uma realidade social e histórica cotidiana. Dessa forma, o costume capta e mostra o caos social e o desregulamento da sociedade, de seus valores religiosos e se concretiza em uma espetacularização cômica da cultura popular.

Na charge acima, observamos o casamento de caipira sendo usado no discurso do chargista para fazer troças a respeito das discordâncias que surgiram no período entre Lula e a presidenta Dilma Rousseff. A palavra no plano visual adquire uma bivocalidade, na medida em que se refere aos costumes tradicionais e aos fatos políticos da sua época de publicação. Assim como o noivo na festa caipira foge do matrimônio, assim faz o Lula dessa charge para fugir do compromisso com sua aliada. Como na tradição, o noivo casa com a sua amada, ambos os personagens da charge também contraem o enlace. Isso é indicado pelo enunciado: “só um minuto, padre, acho que o noivo acabou de fugir...”, que mira para uma memória futura, indicando a esperança de realização da união. Similar à charge nº18, há, nesse cronotopo, uma dissimulação de perceber a realidade através da mescla do humor característico da charge e da jocosidade presente na tradição junina, em forjar uma história, cujo fim é a denúncia às perversidades dos coronéis da era.

Embora haja uma tentativa discursiva de incrementar valores negativos à atitude do ex-presidente em tecer críticas asseveradas à gestão de Dilma e à crise de identidade do partido a que ambos pertencem, como a covardia, o discurso do chargista reproduz a

generalização acerca dos nordestinos de que, na vida cotidiana, no meio político e social, sempre existe uma relação de dominância política e de força para coagir os “inimigos” da ordem a terem uma boa conduta e defenderem a honra local, mesmo que isso lhe custe transtornos particulares, assim como acontece na ficção enredada na quadrilha junina.

Na estrutura narrativa, constatamos que a vida cotidiana e os acontecimentos históricos passam a ser uno nessa charge, de modo que os acontecimentos históricos guiam os acontecimentos da vida privada. O casamento, embora seja ficcional, retrata a aliança e compromisso contraído em realidade entre os personagens da charge e as possíveis consequências para o governo e para os governados, ao mencionar no título os “problemas” do governo. Essa imagem cronotópica fica mais evidente também na charge a seguir.

Figura 41- Todo mundo aí...



Fonte: Tribuna de Minas. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017

A charge acima, de autoria de Mario, trata da greve da polícia militar na Bahia em fevereiro de 2012. Um dia anterior à publicação dessa charge, os policiais militares estavam acampados na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e receberam ordem da Polícia Federal para retirar-se do local e descontinuar com o movimento, já que a justiça condenou o movimento e o tornou ilegal. Nesse mesmo dia, a Polícia Federal cumpriu ordem de mandado e apreensão de cinco policiais que lideravam o movimento (Carta Capital, fev. de 2012). Contudo, o movimento ganhou força e deixou o carnaval de Salvador sem guarda da Polícia Militar, o que de acordo com reportagens publicadas em *Carta Capital*³⁹, no *IG*⁴⁰ e *GI*⁴¹, o número de mortes, saques e roubos subiram

³⁹ APÓS 12 dias, PM baiana encerra a greve. *Carta Capital*, São Paulo, 12 fev. 2012. Retirado de: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-12-dias-pm-baiana-encerra-a-greve/>> Acesso em: 02 jun.2017.

tragicamente.

Na charge, percebemos que a narrativa descreve o carnaval da Bahia em Salvador. A personagem que representa a cantora diz: “Todo mundo aí com a mão pra cima”, os foliões fogem assustados devido às condições em que se encontra a cidade. Nesse enunciado, presenciamos a chave da crítica dada às circunstâncias nas quais se encontra a capital. Existe nele uma bivocalidade e uma heterodiscursividade. Há a voz do animador, no caso expresso na charge, a cantora de Axé, cujo objetivo é entusiasmar e excitar as multidões e a voz do chargista, a qual expressa a ideia de insegurança em Salvador por consequência da greve da polícia militar da Bahia.

Notadamente, a charge contextualiza a crítica aludindo a elementos da cultura baiana reverenciados entre fevereiro e março: o trioelétrico, o gênero musical Axé e o carnaval de rua, conhecido mundialmente como a maior festa de rua do mundo. Ela direciona esses elementos para o tempo presente, retomando o passado e ressignificando-o.

Embora surgido na Europa, o carnaval ganhou uma nova perspectiva nas diversas culturas nordestinas, principalmente, a de Salvador. A festa de rua, antes conhecida pelos costumes elitizados dos confetes e máscaras, transformou-se no palco da diversidade étnica, racial e cultural. O carnaval de Salvador tomou novos caminhos, expressos no modo de falar, de cantar e de dançar. Mas, nem sempre foi assim: Salvador tinha dois carnavais – o elitizado, marcado pelos bailes, desfiles de clubes e marchinhas, pessoas mascaradas, vestidas de personagens circenses e o do negro, situado na Cidade Baixa, vestidos de farrapos, reivindicando liberdade pelas ruas e cultuando os seus deuses com danças sensuais, o que, muitas vezes, era visto como desordem e caos social – pelas ruas passavam homens vestidos de mulher ou com trajes estranhos e com objetos indesejados (GÓES, 1982). Dessa forma, geográfica e culturalmente, a cidade se dividia em duas: a orla, com o carnaval da nobreza e a cidade baixa, com o carnaval para os escravos e a população pobre da cidade. Embora dividido socialmente, o carnaval de Salvador teve, até os dias atuais, a predominância dos blocos e ritmos afros, entre eles, o Axé.

O Axé é um gênero musical que nasce na cidade soteropolitana, na década de 80 do

⁴⁰ GREVE de policiais termina com aumento de 156% de mortes na região metropolitana de Salvador. UOL, São Paulo, 12 Fev. 2012. Retirado de: < <https://ww.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/02/12/greve-de-policiais-termina-com-aumento-de-156-de-mortes-na-regiao-metropolitana-de-salvador.htm>> Acesso em: 02 jun. 2017.

⁴¹ BAHIA teve mais de cem homicídios durante greve da PM, diz secretaria. G1 BA. Salvador, 07 Fev. 2012. Retirado de: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/02/bahia-teve-mais-de-cem-homicidios-durante-greve-da-pm-diz-secretaria.html>> Acesso em: 02 jun. 2017.

século passado. Composta por diversos estilos musicais, como o frevo, o samba, o ijexá, o reggae, a salsa, o rock e lambada, que é conhecida pela “interface de estilos e repertórios” (CASTRO, 2011). Convencionou-se, como marco inicial do estilo, o cantor e compositor Luiz Caldas com o seu LP *Magia* e a sua música *Fricote*. Foram também intérpretes desse estilo os cantores Sarajane, Daniela Mercury, as bandas: Chiclete com Banana, Banda Eva e Asa de Águia. Juntos conseguiram uma maior amplitude no cenário midiático nacional e internacional (CASTRO, 2011). Obviamente, o crescimento do Axé Music oportunizou as críticas negativas, no intuito de rebaixar a produção baiana e seus compositores, no sentido de orientar os seus argumentos para convencer a população da falta de criatividade e suposta inferioridade técnica de músicos e intérpretes.

O Axé Music surge em uma época de estruturação empresarial em Salvador e de uma série de transformações econômicas e culturais na Bahia, como o início das atividades do complexo petroquímico de Camaçari, a implantação de Shopping Centers, do complexo de comunicação Rede Bahia, do surgimento e fortalecimento dos grandes empresários do entretenimento, os chamados blocos de trio, os blocos afros, contando com os registros fonográficos (CASTRO, 2011). É em meio à efervescência econômica e cultural que há uma consolidação do mercado de bens simbólico-culturais na Bahia ligados ao Axé Music: os blocos afro e os blocos de trio.

Mesmo em tradições tão populares e contemporâneas que é o carnaval da Bahia no formato que a charge ilustra, podemos destacar uma alusão a uma ancestralidade nordestina com viés político-ideológico. O fato de o chargista trazer à tona os elementos da cultura nordestina em sua ancestralidade, considerados grandiosos, embora no espaço da palavra acima assumam caminhos negativos, destaca a visão estereotipada do Nordeste brasileiro e de seus bens simbólicos, no caso, representado pelo trioelétrico, pelo carnaval de rua e, principalmente, pela alusão ao estilo musical Axé Music.

Ademais, constatamos nessa palavra verbo-visual a alusão a uma monocultura estereotipada, no que diz respeito à ausência da alusão de outras produções culturais e folclóricas presentes no carnaval, no Nordeste brasileiro. É bem verdade que a Axé Music forma uma das mais estruturadas organizações empresariais no ramo do entretenimento no Nordeste, contudo não é o único. Na Bahia, em Pernambuco, em Sergipe e nos demais estados da Região Nordeste, congrega uma produção de incontáveis gêneros musicais, reorientando olhares, impressões e experiências, portanto, reorientando sentidos.

Na charge a seguir, vamos observar como os processos culturais são reorientados de

forma a adquirir juízos de valores poolítico-ideológicos.

Figura 42- Dia de Santo Antônio



Fonte: EM TEMPO. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

A charge acima, publicada no jornal manauara *Em Tempo*, no dia 13 de junho de 2015. Nesse mesmo dia, a ex-presidenta deu uma entrevista à meia-noite ao apresentador Jô Soares e respondeu sobre questões relacionadas à economia, aos programas sociais, às promessas de campanha e à Petrobras.

Nessa imagem, observamos uma conversa entre Dilma Rousseff e Santo Antônio, mais conhecido na cultura nordestina como o santo casamenteiro. No enunciado, “Solteira não tem tempo de cuidar do país! Já imaginou casada?”, em seu plano discursivo, o chargista realiza uma crítica contumaz à gestão da ex-presidenta. Ele expressa uma entonação negativa sobre a forma de presidir de Dilma Rousseff, afirmando a existência de descuido na sua gestão e menosprezo com o país.

Nesse sentido, a descrição de uma conversação entre Dilma e Santo Antônio no enunciado verbo-visual acima destaca, sobretudo, a falta de apoio encontrada pela presidente, no que diz respeito a cumprimento de seu papel. Na figura, mesmo uma deidade de caráter popular e tão consultada pelas pessoas não atende ao pedido simples da chefe de estado, apresentada como impotente. A inutilidade dela se expressa no enunciado, “Eu vou ficar pra titia?”, como se o destino matrimonial dela estivesse nas mãos da deidade católica em questão.

Nessa narrativa, é notável a menção a mais um elemento da cultura nordestina, ao Santo Antônio, como deidade casamenteira. A data da publicação da charge é o dia dedicado na igreja católica ao santo católico. Embora nos estados da região nordestina a deidade se destaque por ajudar aos solteiros a conseguir um matrimônio, também é conhecido como o santo responsável a ajudar as pessoas encontrarem objeto perdido. Na narrativa acima, ele surge com uma aparência simples, contudo nem sempre foi assim.

Fidalgo português, nascido em Lisboa, no reinado de D. Sancho I, século XII, seu nome verdadeiro era Fernando Martins de Bulhões e Taveira. Estudou com os padres da Sé lisboeta. Nesse local, afirma a lenda que o jovem traçou com os dedos uma cruz na parede para fugir de uma tentação em forma de mulher que o perseguia (MORAIS, 2013). É desse episódio que se origina, como observamos as imagens iconográficas do santo com lírios rodeando a cabeça, representando a pureza. Em 1210, mudou-se para Coimbra e tornou-se estudante do Mosteiro de Santa Cruz, onde teve contato com as obras dos doutores da igreja e foi sagrado sacerdote. Com erudição obtida nesse mosteiro, ele usou o conhecimento para incrementar as suas pregações (MORAIS, 2013).

Os clérigos desenvolveram um conceito de que, para ser santo, necessita-se renunciar a vida pessoal e desapegar-se aos bens materiais. A passagem dele para a Ordem dos Franciscanos significava a renúncia ao materialismo e viver de uma forma singela. Na ordem, ganhou uma nova alcunha: Antônio. Em uma de suas viagens missionárias para a Itália, onde ficou reconhecido com uma fama de orador, a caminho de Pádua, morreu em 1231. No ano seguinte, em 30 de maio recebeu o reconhecimento de santo e a data celebrativa ficou determinada em 13 de junho na bula *Cum dicat Dominus*. Foi o mais rápido processo de canonização da Igreja.

Por sua dedicação à família, ao estimular amor entre os seus membros, ficou conhecido como santo casamenteiro no Brasil. No Nordeste, é ele quem inicia as festas juninas, o primeiro homenageado da tríade de santos católicos. No candomblé, ele é o orixá da guerra, Ogum, capaz de abrir os caminhos.

Nessa charge, assim como em outras aqui analisadas nesse espaço, há uma memória do passado que é reinterpretada. Levando em consideração os dados culturais relacionados à vida do santo, observamos que a palavra verbo-visual exprime uma entonação singular em relação ao proceder da presidente. A evocação do Santo na charge aqui reelabora a sua vida pessoal para conferir uma entonação político-ideológica. Assim como o santo teve uma vida produtiva em sua carreira sacerdotal por se ocupar em ajudar as famílias a terem felicidade e abrir os caminhos para a prosperidade espiritual ao se desapegar dos desejos carnis, materiais, a ex-presidenta, no discurso engendrado pelo chargista, devia se preocupar com o próximo e ser abnegada, com uma vida mais simples, caritativa.

Como podemos observar nesse capítulo, as narrativas sobre as culturas nordestinas associam a terra, as migrações e a mitologia ao contexto político-ideológico, situado em um momento histórico único e irrepetível. Na medida em que o fazem, reacentuam,

dialogam com as culturas diversas no espaço convencionalmente chamado de Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, dissemos que o objetivo principal dele seria compreender a forma pela qual a Identidade cultural nordestina e as representações sociais sobre o Nordeste e seus habitantes são engendradas em gêneros charges e cartuns veiculados pelas mídias no período de 2010 a 2015. Para tanto, teríamos de desvelar as entonações expressas nos enunciados concretos sobre a identidade no acontecimento nordestino, compreenderíamos e interpretaríamos a plurivocalidade que circulam nos diferentes espaços da web e as diferentes situações enunciativas, os diferentes contextos socioculturais no acontecimento do Ser nordestino. Então, o que depreendemos dessas análises?

As análises das charges e dos discursos presentes nelas revelam uma recorrência nas representações da região nordestina e de seus autóctones. Os aspectos geográficos da região nas charges continuam a reproduzir credices sobre a geografia local, de que o a região sempre possui uma paisagem árida, de que não há diversidade climática – imagens desenvolvidas no projeto de região apresentado na primeira parte do século XX nas artes, nos relatórios oficiais e na mídia brasileira disponível na época. Quando os chargistas representam outros estados brasileiros vítimas de catástrofes naturais, especificamente, vítimas da seca hídrica, os aspectos visuais evocados são sempre os atribuídos ao Nordeste brasileiro.

Outra conclusão a respeito das representações geográficas da região é a presença de um a apagamento da diversidade natural presente nos nove estados brasileiros que formam a região nordestina do Brasil. A região possui uma diversidade paisagística, desde as florestas, como a Mata Atlântica, às grandes praias que atraem a atenção de turistas do Brasil e do mundo. Ademais, a região possui uma grande complexidade atraente a todos os grandes investidores do Brasil e do mundo comporem os maiores parques industriais do país e sítios para os maiores centros urbanos do país.

Sobre os habitantes da região, as charges apresentam os autóctones da região depreciativamente. Embora o Nordeste brasileiro seja uma região diversa culturalmente, os chargistas em seus discursos apresentam os autóctones da região apenas com a palavra *nordestino*, minimizando a diversidade cultural e antropológica deles. No geral, apresentam os habitantes da região como matutos, analfabetos, embrutecidos, cangaceiros ou mesmo bandidos. Eles engendram um discurso que menospreza as insígnias culturais dos estados da região – as comidas, as deidades, os personagens históricos – e uniformizam as

diferenças. Nesse discurso, o espaço determina a personalidade e o destino da população, uniformizada em agricultores em imigração em busca de uma melhoria de vida nos centros urbanos.

No que tange às implicações das representações engendradas sobre o Nordeste e seus habitantes no ciberespaço, as análises apontam que a propagação dessas imagens acirra o sectarismo entre os brasileiros no geral, ao mesmo tempo que propaga o ódio e a disputa por espaço de poder. Embora o chargista use estereótipos para criticar uma atitude equivocada ou perversa de um personagem político ou proeminente na sociedade brasileira, o resultado de sua ação se torna contraproducente: a sua crítica desenvolve atos de xenofobia, racismo e preconceito de ordem geográfica, cultural.

Ademais, à medida que persistem propagar os estereótipos e as construções sociais sobre a região nordestina e seus autóctones grupos nocivos à sociedade, como neonazistas, cujo aumento na sociedade brasileira tem sido uma preocupação das autoridades brasileiras. Explora a ignorância de uma parcela da sociedade brasileira que pouco tem acesso aos estudos ou não reflete sobre o que aprende nos grandes centros acadêmicos nos quais estudaram.

Durante as análises das charges, constatamos que os discursos sobre a região nordestina e os autóctones nas charges são constituídos de construções socialmente estereotipadas, à medida que recorrem a roteiros definidos sobre a região nordestina e sua cultura. Através de narrativas sobre a terra, sobre os seus habitantes e sobre a cultura, percebemos a tentativa de homogeneizar as diferentes culturas e as formas de perceber o mundo ao redor. O uso das palavras *Nordeste* e *nordestino* nas charges e cartuns valoriza uma negação da pluralidade e a diversidade cultural existente entre nove estados que representam 29% da população brasileira. Idealiza uma igualdade destrutiva e iníqua quando apenas se concentra em construções sociais, estereótipos desqualificadores e exclusivos da “região”.

Nessas narrativas e generalidades, embora o objetivo, muitas vezes, seja a denúncia ao descaso político em implantar medidas contra os problemas sociais ou mesmo extinguir as medidas governamentais existentes, há uma redução do território à seca, à pobreza, à miséria e uma desqualificação dos seus habitantes como malfeitores, bandoleiros e eternos imigrantes que torna o profundo caos como exclusividade das pessoas dessa região, concentrando a desordem de todas as nuances região, em uma essência cíclica e

interminável, apagando e silenciando os problemas sociopolíticos do resto do Brasil e do mundo.

Nas análises, constatamos que, ao contrário do projeto identitário brasileiro construído no Brasil e no Nordeste, no início do século XX, para criar uma supremacia política de grupos étnicos, regionais e uma polarização Norte-Sul, a mídia hoje engendra um enredo, cuja relação de poder se estende ao poder econômico e político de grupos elitistas internos e externos aos estados que circunscrevem à região nordestina. As charges são ambientes profícuos para a mídia e esses grupos construirão identidades e estabelecerem uma relação de dominação regional e nacional na medida em que os gêneros discursivos em questão recorrem à construção identitária através de estereótipos, recuperam traços cristalizados na sociedade de ordens linguísticas e imagéticas em seus personagens, por meios diversos – escolha de variedades linguísticas, paisagens, roupas, cores, acessórios, perfil psicológico dos personagens, expondo dessa forma os nordestinos às constantes rotulações e construindo um sistema de crenças e conhecimentos deturpados. Simultaneamente a esse trabalho simbólico, os grupos elitistas nacionais e da própria terra preocupam-se em persuadir a sociedade a aceitar uma “natureza”, uma essência homogeneizadora e convencionada sobre os diversos grupos culturais estabelecidos na região denominada e construída como Nordeste.

Os conceitos de palavra e de entonação permitiram que enxergássemos a alusão feita pelos chargistas aos aspectos culturais de forma estereotipada, em alguns casos, desejando eximir-se da responsabilidade moral. Quando realiza essa emissão, eles o fazem de forma contraproducente porque chegam a promover a xenofobia. A xenofobia implica medo, repulsa e antipatia profunda ao que se considera estranho ao território, ao meio, à cultura. Em algumas charges, embora a pretensão dos chargistas fosse censurar a falta de políticas públicas e o descuido das autoridades diante das mazelas sociais e políticas, os chargistas recorreram a imagem estereotipada da terra seca que abriga apenas o clima semiárido, recuperaram os traços culturais formadores das diversas culturas nordestinas, como a capoeira, o candomblé, as festas juninas e os pratos típicos, como o acarajé, inferiorizando a pluralidade cultural e promovendo o preconceito territorial e cultural que se manifestam simbolicamente nas relações de poder na sociedade.

Constatamos também que, embora haja grupos na sociedade brasileira que alimentam a visão de que o Nordeste seja uma ameaça a uma suposta pureza racial e cultural no país, os seus habitantes vistos como predadores das riquezas e das oportunidades de trabalho,

observamos que os elementos culturais caracterizadores dos estados da região revelam exatamente ao contrário. O hibridismo cultural das diversas manifestações culturais de caráter nordestino legitima o eterno diálogo entre as culturas diversas existentes no Brasil e no mundo, sem fronteiras geográficas, raciais e socioeconômicas. Elas revelam que o medo manifestado em reações xenófobas e imagens estereotipadas inspira o desejo pelo considerado estranho, causa curiosidade, excitação.

Além disso, constatamos que as manifestações culturais híbridas revelam que vivemos em um mundo marcado pela constante migração de valores simbólicos por conta do fluxo de capitais na era da globalização, cujo curso não é regional ou nacional, é mundial. Hoje se percebe uma tendência dos países no mundo inteiro a se tornarem multiétnicos, multiculturais, sobretudo em tempos da intensificação dos contatos culturais. Os choques culturais e suas manifestações em conflitos são cada vez mais rápidos, não apenas por conta dos fluxos populacionais, mas por conta da velocidade cada vez mais intensa do mundo contemporâneo expressa nos meios de comunicação e de transportes. Por isso, é necessário aprendermos a lidar com a xenofobia presente na sociedade e combater os discursos de ódio, a agressão verbal ou simbólica como as encontradas nas charges e cartuns examinados nesta pesquisa, textos cuja carga é opinativa e reveladora de julgamentos, de juízos de valores, principalmente, quando depreciativos.

Sobre as linguagens que analisamos neste trabalho, observamos que a mescla de gêneros se trata de uma tendência que existe na contemporaneidade de compor gêneros híbridos ou impuros, segundo Canclini (2015, p. 340), mesmo em esferas jornalísticas, para a produção de textos totalmente híbridos e de enunciar as diferentes formas de vida e de ser na sociedade. Com deboche e ironia, as charges atuais descrevem uma aliança entre textos visuais e literários. Por diversas vezes, reportamo-nos às narrativas traçadas pelos chargistas para compor o seu projeto discursivo em uma união harmoniosa com o sarcasmo, zombaria e escárnio. Acrescidas a esse discurso, as técnicas narrativas breves e com novas ordens contribuem dramaticamente para condensar a história e a cultura em imagens estáticas, preservando a memória histórica e o olhar do outro sobre a cultura do ser nordestino do passado, do presente para o ser nordestino futuro.

Sobre o uso de identidades para fins ideológicos políticos, verificamos que as marcas identitárias estereotipam o ser nordestino, à medida que induzem os leitores ao riso e desviam o leitor da mensagem para confundir-lo quanto à sua seriedade. A razão disso é que essas marcas sofrem a distorção, o exagero com o propósito de tentar reacentuar,

ressignificar os elementos identitários para conseguir convencer os leitores do seu ponto de vista, como podemos perceber nas charges 01 e 12. Ao mesmo tempo que constatamos que os ícones de adoração (isso inclui não apenas as deidades, sobretudo toda espécie de nacionalismo e territorialismo) são artefatos de invenção para manipular ideologicamente um grupo e manter os interesses de outros. Uma região não é feita apenas de religião, língua ou território, mas de narrativas coesas e experiências compartilhadas. É o caso que constatamos nas charges 11, 17, 34 a 40.

Este pequeno espaço direciona qualquer interessado pelo assunto a observar em ocasiões futuras a nordestinidade como acontecimento que se globalizou e se conflui no emaranhado cultural em um mundo que tudo enxerga como capital, lucro e meio de sustentar as relações de poder.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para repensarmos na responsabilidade moral no tratamento com o outro, no sentido de avaliarmos os discursos midiáticos sobre cultura, identidade em textos humorísticos não com riso ou mesmo com o olhar condescendente, mas o olhar crítico de quem rechaça as promoções à xenofobia, incita a separação e caricatura depreciativamente a constituição do ser de grupos étnicos.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- ANDERSON, Perry. **O Brasil de Lula**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a02n91.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2018
- BAKHTIN, M. **O discurso no romance**. In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução de Aurora Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores a otros escritos. Traducción de Barcelona: Antrophos, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015. Tradução de Paulo Bezerra.
- BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Ática, 2007.
- BRAIT, Beth. **A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual**. Disponível em <www.revistas.pucsp.br> Acesso em: 09 de jul. 2018.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin- dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASTELLANE, P. D.; ARAUJO, J. A. C. **Cultivo sem solo: hidroponia**. 2ª ed. Jaboticabal: Funesp, 1995.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Vol.2
- CASTRO, Armando Alexandre. **Axé Music: mitos, gestão e world music**. In: MOURA, M. A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011
- CHEVALIER, Jean; Gheerbrant. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo bakhtiniano. IN.: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005
- DAVIES, Christie. **Cartuns, caricaturas e piadas: Roteiros e estereótipos**. In: LUSTOSA, I. imprensa, humor e caricatura: A questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na história do Brasil**. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

Encyclopaedia Britannica. Nova York: Encyclopaedia Britannica, v.6, p.746, 1946.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4ª ed. Rio de Janeiro, 1976.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 14.ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. São Paulo: Graal, 2004.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para ensinar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2015.

GOÉS, F. **O País do Carnaval Elétrico**. Salvador: Corrupio, 1982.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. **Esfera e campo**. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2012.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção da biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Editora Anna Blume, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília, DF : IPHAN, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ofício das Baianas de Acarajé**. Brasília, DF : IPHAN, 2007.

LIMA IRMÃO, José Bezerra. **Lampião- a Raposa das caatingas**. 4ª ed. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2018.

MARCONDES, Ciro Inácio. **A dessimbolização do faroeste**. disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa>> Acesso em: 01 mai. 2019.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de Couro a Estética do Cangaço**. São Paulo: Escrituras, 2010.

MIGST, Karen. **Princípios de Relações Internacionais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MILAN, P. **A moda de Lampião**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1033232>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem: para uma nova Antropologia**. 2. ed. Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **O método III – O conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

_____. **O método V – A humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

_____. **Por uma globalização plural**. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31mar. 2002. p. A 16.

_____. **O método IV – As idéias: A sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Europa-América, 1991.

MORSON, Gary Saul. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: EDUSP, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A América e a fronteira. In.: *Americanos*; representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000, p. 127-148.

OLIVEIRA FILHO, OLIVEIRA FILHO; LIMA, Edgley Duarte. **Discurso e identidade: a construção discursiva do Nordeste na mídia paraibana**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000300004> . Acesso em: 02 jun. 2019.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Os gêneros do humor**: uma abordagem discursiva crítica. Brasília: UNB, 2007.

PIMENTEL, Paulo Sesar. **O faroeste brasileiro**: Literatura, Imaginário, Violência e Morte em Mato Grosso. CUIABÁ: UFMT, 2007.

PINTO, H. A.; SOUSA, A. N.; FERLA, A. A. **O Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica**: várias faces de uma política inovadora. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 38, número especial, out./2014.

PINTO, Héider Aurélio et.al. Programa Mais Médicos: avaliando a implantação do Eixo Provimento de 2013 a 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-2832017005018102&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 mai. 2019.

PINTO et.al. **A guerra de todos contra todos e a lava jato**: a Crise Brasileira e a vitória do Capitão Jair Bolsonaro. Retirado de:<<http://www.ie.ufrj.br/index.php/listar-td/textos-para-discussao-2019/a-guerra-de-todos-contra-todos-e-a-lava-jato-a-crise-brasileira-e-a-vitoria-do-capitao-jair-bolsonaro>> Acesso em: 20 jul. 2019.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2017.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

SIANTINI, Juliana. **Realidade e representação no romance regionalista brasileiro**. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5908/5126> Acesso em: 02 jun. 2019.

SZKLARZ, Eduardo. Neonazismo: os fantasmas de Hitler. **Guia do Estudante**. Disponível em: <origin.guiadoestudante.abril.com.br>. Acesso em: 02 mai. 2019

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto humorístico**: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, Ana Cristina. Humor: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015.